

PEQUENO  
**Dicionário  
Amoroso**  
DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA  
**"Luiz de Queiroz"**



IVAN WEDEKIN &  
ROBERTO RODRIGUES

A B C D E F  
G H I J K L M  
N O P Q R  
S T U V X Z



**ROBERTO RODRIGUES** é um excelente memoria-  
lista, um grande contador de casos, um garim-  
peiro das mais ricas lições e das melhores his-  
tórias que marcaram décadas da vida esalque-  
ana. Sua prosa "desce redondo", levando o leitor  
a sorvê-la de um gole só e findar extasiado com  
a torrente de emoções vividas. A dimensão filo-  
sófica, a veia lírica, o final surpreendente e o riso  
escancarado fazem de suas crônicas o mais agra-  
dável exercício de prazer. Ah! quanta vontade de  
ter sido testemunha ocular dessas histórias!

**PEQUENO DICIONÁRIO AMOROSO DA  
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA  
"LUIZ DE QUEIROZ"**

Ivan Wedekin (Poesia)  
Roberto Rodrigues (Prosa)

Ilustração de Klaus Reichardt

agrocere

CANAL **RURAL**

© 2001, Ivan Wedekin e Roberto Rodrigues

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5.988, de 14/12/73.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito dos autores, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Coordenação editorial: Ivan Wedekin

Projeto gráfico e capa: Nina Gaul e Osvaldo Moreira

Ilustração: Klaus Reichardt (ESALQ, turma de 1963)

Foto da capa: autor desconhecido, incorporada ao Acervo da ESALQ por  
Wilson Ribeiro de Souza

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

---

Wedekin, Ivan

Pequeno dicionário amoroso da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" / Ivan Wedekin, Roberto Rodrigues; ilustração de Klaus Reichardt. – Rio de Janeiro : Agrocere, 2001.

252 p.

1. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.  
I. Rodrigues, Roberto. II. Título.

CDD – 630.711



## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	7
INTRODUÇÃO .....	9
ALUMBRAMENTO NA CHEGADA .....	11
ADEALQ, OS EX-ALUNOS .....	13
AMIZADE .....	15
APELIDOS .....	17
APOSTILA E ARGÜIÇÃO .....	19
BOEMIA, O ÚLTIMO ABRAÇO .....	21
BONDE DO DESEJO .....	23
BEDEL .....	24
BOEMIA .....	26
BONDE .....	28
CERES, PAIXÃO E GLÓRIA .....	30
CORAGEM E BRAVATA .....	32
CENTRO ACADÊMICO "LUIZ DE QUEIROZ" .....	33
COPA DO MUNDO .....	36
CURRÍCULO ESCOLAR .....	38

DEPARTAMENTOS – TRILHA 1 .....	40
DEPARTAMENTOS – TRILHA 2 .....	42
DEPARTAMENTOS5 – TRILHA 3 .....	43
DESPEDIDA .....	45
DEVER .....	47
ENTUSIASMO E ESPERANÇA .....	49
ENTOMOLOGIA .....	51
ESPERANÇA .....	53
EXCELSO JURAMENTO .....	55
EXPERIÊNCIA .....	56
FORMATURA .....	58
FUNCIONÁRIOS .....	59
FEALQ .....	60
FESTA .....	63
FILME PROIBIDO .....	65
GERAÇÕES DE ESALQUEANOS .....	69
GENÉTICA .....	71
GINÁSIO DE ESPORTES .....	73
GREVE .....	75
GUERRA .....	77
HINO DA ESALQ .....	80
HINO DO AGRICOLÃO .....	82
HINO DO XV DE NOVEMBRO .....	84
HAITI .....	85
HECTARE .....	88
INOCÊNCIA .....	89
INTEGRAÇÃO .....	90
IDENTIDADE .....	91
INTEGRAÇÃO .....	94
IRREVERÊNCIA .....	97
JUVENTUDE .....	99
JOGATINA .....	100
JOGO DO BICHO .....	102
JOGOS PERIGOSOS .....	104
JORNAIS .....	106
LUIZ DE QUEIROZ – I (REALIDADE E SONHO) .....	108
LUIZ DE QUEIROZ – II (SÃO JOÃO DA MONTANHA) .....	110
LUIZ DE QUEIROZ – III (MAUSOLÉU, PARA SEMPRE) .....	111
LIVRO .....	112
LUTAS .....	119
MATEMÁTICA .....	125
MULHERES .....	126
MATEMÁTICA .....	127

MOÇAS .....	129
MOTOCICLETAS .....	131
NATIVOS DE PIRACICABA .....	133
NOTAS .....	135
NAMORADA DE FORA .....	136
NOIVA DA COLINA .....	139
NOSSA SENHORA .....	141
ODE À ESALQ .....	143
ORDEM E PROGRESSO .....	145
OCULTAÇÃO .....	146
ÓPERA .....	148
OUTRO BARULHO .....	151
PASSEATA DOS BICHOS .....	155
PROFISSÃO DE FUTURO .....	157
POLÍTICA .....	158
PROFESSORES .....	163
PROVAS .....	166
QUATRO CANTOS DO MUNDO .....	168
QUATRO ESTAÇÕES NO PARQUE .....	169
QUADRO DE FORMATURA .....	170
QUEBRA-GALHO .....	172
QUÍMICA .....	174
REPÚBLICA DE ESTUDANTES .....	175
RIO DE LÁGRIMAS .....	176
RÉGUA DE CÁLCULO .....	177
REPÚBLICA .....	179
REVOLUÇÃO .....	181
SOBRENOME MADRUGADA .....	183
SAUDADE .....	185
SEQÜESTRO DO MARECHAL .....	187
SERESTA .....	193
SONHOS .....	195
TERRA .....	196
TURMA DE 74 .....	198
TANAKA .....	199
TOPOGRAFIA .....	201
TROTE .....	203
UNIÃO .....	205
URBANIZAÇÃO .....	206
UNANIMIDADE .....	207
UROLOGIA .....	210
UTILIDADE .....	212

VETERANOS .....	214
VAMPIRO .....	215
VESTIBULAR .....	217
VINGANÇA .....	219
VISITA .....	221
XIS DA QUESTÃO .....	223
XV DE NOVEMBRO – SAUDAÇÃO DA TORCIDA .....	224
“XAROPE” .....	225
XEQUE-MATE .....	227
“XERETICE” .....	230
ZÁS-TRÁS! (O TEMPO NÃO PÁRA...) .....	232
ZOEIRA .....	234
ZONA .....	236
ZOOLOGIA .....	238
ZOOTECNIA .....	240
CRONOLOGIA DE LUIZ DE QUEIROZ E DA ESALQ .....	242
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	246
SOBRE ROBERTO RODRIGUES .....	248
SOBRE IVAN WEDEKIN .....	251



## APRESENTAÇÃO

*Afonso Antunes da Motta, vice-presidente do Grupo RBS  
Urbano Campos Ribeiro, presidente da Agroceres S.A.*

Este livro celebra o 1º Centenário da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Aproveitando-se da idéia original da cineasta Sandra Werneck em seu *Pequeno Dicionário Amoroso*, Ivan Wedekin e Roberto Rodrigues construíram em verso e prosa um universo de registros da ambiência que marcou a vida de tantos quantos passaram ou foram influenciados pela renomada instituição de ensino e pesquisa nas ciências agrárias.

Desde o sonho de seu fundador, a ESALQ é experiência para esquecer jamais. A riqueza vivencial refletida pelos autores em torno de um abecedário resulta em encantamento, emoção, alegria, realidade, tristeza, momentos hilariantes e um profundo sentimento de amor pela ESALQ.

Formado na turma de 1965, Roberto Rodrigues é um dos mais importantes líderes do agronegócio brasileiro. Sua faceta menos conhecida – e neste livro revelada – é a de um memorialista por excelência. De

seu arquivo diariamente construído, certamente brotarão ainda depoimentos e análises esclarecedoras sobre o desenvolvimento rural e a evolução da política agrícola brasileira nas últimas décadas.

Ivan Wedekin, esalqueano de 1974, tem uma carreira profissional embasada em sólida formação acadêmica e vivência prática em empresas e entidades. Foi um dos responsáveis pela introdução do conceito de agribusiness no Brasil, metodologia utilizada na compreensão dos negócios ligados à agricultura na maioria das escolas de agronomia, administração e economia, inclusive na ESALQ.

Nesse limiar de um novo século, a Agroceres e o Canal Rural têm orgulho de participar desse momento mágico de celebração do 1º Centenário da inesquecível Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Façam todos uma boa viagem na companhia desses dois grandes escritores!

*Piracicaba (SP), outubro de 2001*



## INTRODUÇÃO

*Roberto Rodrigues e Ivan Wedekin*

Todas as histórias reunidas nesse *Pequeno Dicionário Amoroso da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"* são verdadeiras. Valemos da bibliografia disponível e das histórias que ouvimos. Alguns casos têm décadas de idade e foram repetidos por tantas gerações de agrônomos, seus parentes, amigos ou conhecidos, mas pode ocorrer não estarem relatados rigorosamente como se passaram. Procuramos no entanto ser fiéis ao núcleo central dos fatos, recriando-os com seu colorido, tempero e com nosso sentimento. Em algumas crônicas, por motivos que ficarão óbvios na leitura, os nomes reais dos personagens foram omitidos. Em outras, descendentes dos personagens autorizaram a publicação.

A estrutura do livro é simples: para cada letra do alfabeto, selecionamos cinco temas que foram desenvolvidos em prosa, por Roberto Rodrigues, ou verso, por Ivan Wedekin. Fizemos cinco transcrições com citação dos autores (ode, hinos e letras de músicas) por sua importância na vida esalqueana e piracicabana.

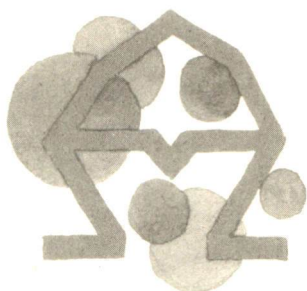
Num período de cinco meses, este *Pequeno Dicionário* foi destilado aos poucos: na terra e no ar, em quartos de hotéis e em casa, no Brasil e em vários países, no escritório e em bares, nas conversas com professores, colegas e amigos da ESALQ e na troca de experiências de vida. Independentemente do resultado que ora oferecemos a vocês, ficamos mais amigos e muito mais apaixonados pela nossa Escola.

Os erros e omissões são de nossa responsabilidade. Agradecemos a todos que colaboraram nessa longa viagem ESALQ adentro, especialmente a Antonio Roque Dechen, Antonio Roberto Marques Gonçalves, André Pinheiro, Cecília Fagan, César Garcia, Edmar José Kiehl, Edno Aparecido Dario, Elizabeth M. Tugumia Mochizuki, Júlio Marcos Filho, José Gil Diegues Neto, Klaus Reichardt, Maria Adelaide Oliveira, Nina Gaul, Osvaldo Moreira, Rosane Aparecida Grisotto, Sandra Amélia de Matos, Telma Rosane Pereira, Walter Moreira de Souza Jr e Wilson Ribeiro de Souza.

"Somos todos de um mesmo tempo / Filhos e pais de tantos formandos / Todas as levas de esalqueanos / Carregam a tocha e o seu encanto."

À ESALQ, aos agrônomos, aos amigos e filhos, dedicamos.

*Piracicaba (SP), outubro de 2001*



## ALUMBRAMENTO NA CHEGADA

Vimos de todos os cantos  
Para trás ficaram a infância,  
Os pais, saudades e prantos.  
No fervor da mocidade  
Cruzamos o portão da ESALQ.  
(Quem não gravou nesse dia  
Com paixão e alumbramento  
A sua própria fotografia?)

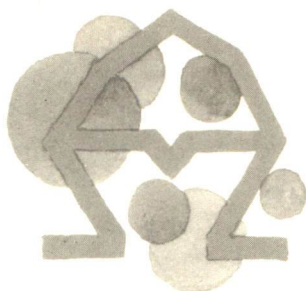
Assim começou a andança  
A pé, de carro, num bonde  
Nossos sapatos foram gastos  
Procurando a esperança.  
E isto ainda nos une,  
É nossa força, nossa chama.

Aprendemos num instante  
Que todos os passos  
– Até os em falso ou errantes –  
“Diminuem a viagem  
Que os roteiros diferentes  
Vão dar na mesma estalagem”,<sup>1</sup>  
No espaço infinito da ESALQ.

No esplendor da fotografia  
Que este Dicionário anuncia  
Largo é o sonho, o horizonte,  
Grande é a obra do homem:  
Num século que vai longe  
Fincou em São João da Montanha  
Uma estrela e uma estrebaria.

---

<sup>1</sup> Trecho do poema "Os Sapatos", de Mauro Mota, da edição comemorativa dos 25 anos das *Elegias*, Pool Editorial, 1978.



## **ADEALQ, OS EX-ALUNOS**

Ouve-se muito dizer que o Brasil é um país sem memória: não cultivamos nossos heróis e nem conhecemos bem nossa história.

É uma pena, porque quem não sabe de onde vem, não tem idéia de para onde vai. É importante resgatar o passado, para preservar o positivo e aprender com o negativo. Daí surgem as grandes tradições e por aí se cria a cultura.

Felizmente, a ESALQ tem uma estrutura que cuida disso: trata-se da ADEALQ, Associação dos Ex-Alunos da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, cujo maravilhoso trabalho tem sido responsável pelo espírito de corpo sempre presente na Escola e, na verdade, único na universidade brasileira.

A Associação dos Ex-Alunos da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” foi fundada em 1943, mas só iniciou suas atividades em 1957. A reunião de fundação foi presidida pelo professor José de Mello Moraes, quando se fez a leitura do anteprojeto do estatuto, que propunha uma “sociedade destinada a promover a aproximação intelectual entre os ex-alunos da ESALQ e mantê-los em permanente contato com

este estabelecimento, a fim de que possam, unidos, cooperar pelo seu engrandecimento”.

Entretanto, só com a diretoria presidida pelo professor Alcides Di Paravicini Torres, tiveram início os trabalhos da associação e, já nesse ano, a Lei estadual 3.837 instituía a Semana “Luiz de Queiroz”, cujas atividades foram regulamentadas em 1976 pelo Decreto 7.831, assinado pelo então governador do estado, Paulo Egydio Martins.

Portanto, em 1976 a ADEALQ intensificou sua atuação participando da Semana “Luiz de Queiroz”, comemorando os 75 anos de fundação da ESALQ. Desde então, os ex-formandos da Escola passaram a se reunir quinüenalmente.

Em 1979, com apoio do diretor da Escola, a ADEALQ se reestruturou, estabelecendo-se física e juridicamente.

Em 1982, conseguiu um local próprio para sua sede, dentro da ESALQ. Ainda em 1982, a douta Congregação da Escola foi consultada pela ADEALQ, que solicitava a participação de um ex-aluno naquele colegiado, e a solicitação foi aprovada.

Em 1984, foi publicado o primeiro número da *Revista da ADEALQ*, que se publica até hoje, com edições especiais comemorativas de 85 anos da ESALQ, 100 anos do IAC e 90 anos da ESALQ.

Em 1985, com a criação do *campus* “Luiz de Queiroz”, a ADEALQ passou a contar também com a colaboração de sua prefeitura.

Em 10 de maio de 1987, o *Diário Oficial do Município de Piracicaba* publicava, para fins de registro, o extrato dos estatutos da ADEALQ. Ato contínuo, no mesmo ano foi eleita a primeira diretoria dentro das novas normas.

Em 1988, a instituição recebeu seu CGC – Cadastro Geral dos Contribuintes –, passando à condição de entidade legalmente estabelecida. Um concurso, ainda em 1988, selecionou o logotipo vencedor, devidamente registrado em cartório.

A mais recente conquista foi ser declarada como de utilidade pública estadual, pela Lei 7.240, de 10 de maio de 1991, graças ao trabalho do então deputado estadual e ex-aluno Jairo Ribeiro de Mattos.

Administrada por uma Diretoria Executiva composta por funcionários apaixonados pela ESALQ, a ADEALQ tem também um Conselho Consultivo de ex-alunos.

A ADEALQ é a memória de “Luiz de Queiroz”.

## AMIZADE

Feliz é a pessoa que pode afirmar que tem três amigos. Feliz e milionária, porque amizade sincera, leal, desprendida e desinteressada é um bem cada dia mais raro.

É claro que não é essa a visão do senso comum. Todo mundo conta com uma dúzia de bons amigos, cujas companhias são desejadas e agradáveis, os quais se visita, com os quais se tiram férias, de gostos e prazeres similares. E cuja amizade precisa ser cultivada.

Acontece que as pessoas com quem nos relacionamos em nossa vida profissional, que conhecemos em função de nossa atividade ou profissão, nos vêm sob o prisma dessa condição. E, sendo assim, conhecem nossas funções, têm uma idéia de quanto ganhamos, sabem onde e como vivemos e para onde estamos indo. Portanto, por mais forte que seja o relacionamento, ele se dará a partir do envolvimento material.

Não é assim quando jovens se conhecem durante a vida universitária, especialmente se estudam e vivem em cidades das quais não são naturais. Nessas circunstâncias se formam as amizades definitivas, as eternas. Porque elas se dão no nível do espírito e não da matéria. Os jovens se aproximam por identidade de alma, mal sabem os sobrenomes dos amigos, não conhecem seus pais e sua origem, quanto têm de dinheiro ou propriedades, qual o seu poder político e social.

É claro que quando as amizades se consolidam nesse nível seu cultivo aproximará ainda mais os envolvidos, de maneira que terminarão por saber uns dos outros tudo isso e muito mais. Mas no início, na aproximação natural, não houve nenhum interesse senão o da identidade da alma.

Entre os estudantes da ESALQ isso é muito forte, seja porque Piracicaba não é uma cidade muito grande – o que permite aos

colegas se encontrarem com freqüência –, seja pelo espírito de corpo que a Escola abriga, seja pela busca de valores mais ou menos homogêneos.

O fato é que as amizades nascidas durante o curso de agronomia em Piracicaba têm sido marcadas pela perenidade, baseadas na mútua admiração e respeito, e não há distância ou tempo que consiga reduzi-las.

## APELIDOS

Marca registrada dos estudantes da ESALQ é o apelido: ninguém escapa de ser batizado assim que se inscreve, logo depois da aprovação no vestibular.

Uma comissão de recepção, composta geralmente por veteranos com refinado espírito de observação, bem-humorados e às vezes muito críticos, sempre acha alguma característica inspiradora de apelido do pobre *bicho*: uma boca muito grande dá origem ao Caçapa; os pés para dentro criam o Periquito; o tique nervoso provoca o Dois Tempos; o muito feio é Alien ou Quase Lindo e assim por diante.

Mas não são apenas características físicas que geram os apelidos: também a maneira de ser ou a chegada mesmo à mesa de inscrição, num relance, iluminam a imaginação dos algozes.

Mirrala é o *bicho* que já chega pronto para trotes, cheio de boa vontade; Marcha Lenta é o que se move devagar e fala mais devagar ainda; Inglês é o *bicho* fleugmático; Palmito é o branco; Everest é o mais alto; Pneu Baixo é o que está com a barriga caída.

A origem étnica é invocada, e surgem Lumumba, Gringa, Carcamano, Alemão, Turco, Samurai, Jacó etc. Personagens públicas também assumem forma nos *bichos*: Magalhães Pinto ou Jânio.

Nem todos os apelidos pegam. Alguns *bichos* conseguem manter apelidos que trazem de casa, com o apoio dos veteranos conhecidos. Outros, com o tempo, chegam a receber um segundo apelido que fica definitivo. Do diploma de *bicho*, recebido no baile que encerra o trote, sempre consta essa certidão de identidade do calouro da ESALQ.

E lá vão Pato, Galeto, Macaco, Tilápia, Traíra, Capivara, Mandril, Passarinho, Ameba, Tatu, Hipopótamo, Jacaré, Garça, Taturana, Cabrito, Lagarto, Pulga, Codorna, Saúva, Pardal, Raposa e outros bichos. Seguem também Carcaça, Frou-frou, Kixu, Repelente, Ba-

tom, Boitatá, Espingarda, Papudo, Caterpillar, Matateu, Pescoço, Jangadeiro, Bigode, Bagunça, Pinóquio, Ramela – enfim, uma lista interminável de excelentes apelidos e outros nem tanto.

É claro que certas criações não são muito simpáticas, podem ser ofensivas e acabam não pegando. Mas se o *bicho* se revoltar quando recebe um desses apelidos indesejáveis e criar caso com os veteranos, pobre dele: nunca mais será conhecido pelo verdadeiro nome. Está batizado para sempre. Em muitos casos, os apelidos seguem o infeliz pelo resto da vida. Há casos até em que, por motivos políticos, o apelido é incorporado ao nome porque identifica melhor o indivíduo. Houve um grande líder, presidente do CALQ, prefeito de Osasco e deputado federal, Antonio Dinaer Piteri, que incorporou ao nome o aposto Guaçu, pelo qual era mais conhecido: era votado como Guaçu Piteri.

Mas há casos muito pouco exemplares.

Em certa época passou pela ESALQ um rapaz extremamente simpático, muito bem-educado, de tradicional família paulistana, um excelente colega, amigo dos amigos, companheiro para tudo, bom desportista, gentil e agradável. Por insondáveis razões, apelidaram-no de Zé da Merda. Uma coisa absolutamente insólita, porque nada tinha a ver com a excelente pessoa assim provocada. Mas pegou. Ninguém sabia seu nome, por mais popular que ele fosse. E teve que carregar aquele malfadado peso.

Pois bem. Havia um jornalzinho do CALQ, no qual se noticiavam todos os fatos de interesse da comunidade acadêmica, inclusive o noticiário esportivo. Numa competição de futebol de salão, Zé da Merda foi destaque e o editor do jornal, muito pudico, se referiu a ele como Zé da M. Por uma tragédia do destino, o jornalzinho chegou às mãos da finíssima família do Zé, que o reconheceu na foto do time, mas não entendeu o M. Sem jeito e sem condições de explicar a gênese da alcunha, o Zé foi rápido:

— É que a matéria mais difícil do primeiro ano é matemática. Como dei sorte no começo, me chamam de Zé da Matema...

## APOSTILA E ARGÜIÇÃO

Uma das grandes alegrias dos alunos nos anos 50, 60 e 70 eram as excursões. Sempre acompanhados por um professor ou até mais de um, grupos de estudantes iam visitar feiras agropecuárias, participar de congressos e convenções ou assistir a eventos em outras faculdades, sem falar nas competições esportivas.

Em muitas dessas viagens, o meio de transporte era o ônibus da ESALQ, chamado de Lagartão. E em todas elas a participação da rapaziada era destacada.

É claro que a farra que envolvia cada excursão era enorme. A própria viagem em si já era uma *zorra* e, se o professor não tivesse pulso – e por outro lado muito jeito e simpatia – as coisas podiam degenerar. Afinal, sempre aparecia uma garrafa de cachaça para animar os mais ousados, de modo que havia, em geral, risco de que a coisa desandasse para gritarias provocativas, palavras, segredos revelados aos berros, peidos e arrotos escandalosos, grosserias com as meninas etc. Mas o saldo sempre era prazeroso.

Uma das excursões prediletas era a visita à exposição de Uberaba, já naquela época uma referência sobre a excelência do zebu brasileiro. Durante o dia a turma, guiada pelo professor, visitava os estandes, freqüentava palestras e assistia a demonstrações sobre modernas tecnologias de manejo do rebanho, conhecia novidades em infra-estrutura, enfim, trabalhava para valer.

Mas à noite, bem, a noite era para a festa. E não faltavam festas, bailes ou simples brincadeiras dançantes, reuniões em bares mesmo sem música, e aí a libido assumia o comando. Todo mundo procurava se ajeitar com as belas meninas que iam também, aos magotes, em busca de romance. Em geral as coisas começavam com encontros de grupos, a conversa era coletiva e, à medida que a noite ia avançando, cada sapo encontrava sua sapa. As conver-

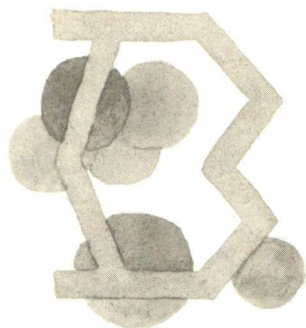
sas esquentavam nos grupos, as pessoas iam se apresentando e pouco a pouco identificando interesses comuns.

Naquele tempo, a Escola tinha um motorista de ônibus bastante jovem, bem-apessoado e bem-falante. Era também muito alegre e espirituoso, e os estudantes – para seu prazer – faziam-no passar por colega, até mesmo para testar suas habilidades de galã. Ou para tirar um sarrinho.

Uma vez, estava um grupo de rapazes – entre eles o motorista – em um desses começos de conversa muito promissores com garotas do Triângulo Mineiro, e o assunto versava sobre os cursos que elas e eles faziam. Os alunos da ESALQ contavam casos divertidos das diversas matérias da agronomia, ou explicavam as dificuldades impostas por alguns mestres menos *compreensivos*, quando uma bela mineirinha, encantada com o charme displicente do motorista, lhe perguntou quais as matérias que mais detestava. Descuidado, ele não deixou por menos:

— Apostila e argüição.

Afinal, era isso que ouvia os estudantes maldizer.



## BOEMIA, O ÚLTIMO ABRAÇO

Na letra B cabem o dia e a noite  
E o dia após a noite após o dia  
Após a noite após o dia; a noite  
após o dia e a noite, dia após dia.  
(Eu sei, foi no tempo da Agronomia  
A tua primeira viagem à boemia).

Se vagastes depois desamparado  
E se o destino rompe a madrugada  
Seja Alegria teu nome ou Tristeza,  
Escrita no horizonte ou na sarjeta;  
Se oscilas assim buscando um abraço  
Eu te ofereço uma nova rodada  
Eu sei que te envolvo num acorde raro  
E te devolvo a sedução da fala.

E se ainda assim tu segues sozinho  
Por essa vida de motivos vários  
Corpo, mente, coração solitário,  
Vem, vem comigo, não me desafies,  
Deixa a tristeza na barra do dia,  
Cruza a noite nos braços da Boemia:  
Se sou o sonho e talvez teu regaço  
Sou também da noite o último abraço.

## BONDE DO DESEJO

Na letra B cabem tantos sentidos!  
Boas lembranças cedo são nutridas  
Dos trilhos do bonde cresce o ruído  
Nos caminhos de paralelepípedo.

São tantos sonhos nas viagens crescidos  
Não só dos moços enfim escolhidos  
Para colher a luz na Escola Agrícola,  
Tecer o verbo que conjuga a vida.

São tantos sonhos nas viagens crescidos  
E desejos que não serão cumpridos  
Pelo homem simples sem igual destino  
E a moça sozinha que sonha, aflita.

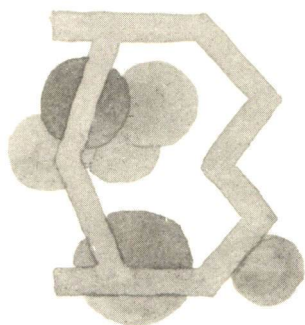
Mesmo que seja um dia de domingo  
Mesmo que o sonho seja uma cantiga  
Mais trêmula que a luz da lamparina  
Sem encanto no ritmo e na rima.

Vou, no domingo vou, na Agronomia  
Admirar o parque com a família,  
Ver o bonde parado que anuncia  
A vida no seu trilho mais um dia:

"Lá vai o trem com o menino  
Lá vai a vida a rodar  
Lá vai ciranda e destino  
Cidade e noite a girar ..."<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Trecho da letra criada pelo poeta Ferreira Gular para a música de Villa Lobos *O Trenzinho do Caipira*.



## BEDEL

Houve um tempo em que se fazia a chamada em cada aula para verificar a presença dos alunos. Era um tempo de mais rigor, em que se procurava manter o horário das aulas e os estudantes não tinham a mesma liberdade de hoje. Havia ordem e os professores se davam ao respeito.

Mas, é claro, também naquele tempo, como sempre, os alunos – ou parte deles – estavam sempre procurando um jeito de ludibriar a chamada. Afinal, o simples fato de ludibriar sempre foi e sempre será um prazer de aventura. E além disso, para boa parcela dos estudantes de todos os tempos, melhor do que assistir às aulas é nadar, jogar bola ou sinuca, entre outros derivativos.

Pois bem, para fazer a chamada havia a instituição do bedel. Os bedéis eram funcionários cuja principal atividade consistia em fazer as chamadas em todas as aulas e entregar a relação de presença na secretaria da ESALQ. Lógico que perder o ano por faltas era uma coisa impensável, mas como muitos alunos estouravam seu limite de faltas em muitas disciplinas, a relação com o bedel era bastante delicada.

Como sempre, havia os bedéis simpáticos e os antipáticos. Os

compreensivos e os durões. Os bonzinhos e os chatos. É lógico que os alunos crucificavam os antipáticos, durões e chatos, dando-lhes um tratamento depreciativo: houve um, radical demais em sua correção, capaz de correr atrás de alunos fugitivos, que ficou com o célebre apelido de Nhô Cu.

E os simpáticos, compreensivos e bonzinhos, eram homenageados sistematicamente pelas turmas que se formavam. Nessa categoria havia os que iam a festas nas repúblicas e os conselheiros, bedéis mais velhos que realmente aconselhavam os alunos, especialmente os calouros, inclusive em seus casos amorosos. Muitos ficaram amigos dos formandos para sempre.

Como conversavam com todo mundo, acabavam sendo importantes fontes de informação. Por exemplo, sabiam com antecedência quem seria eleito no CALQ, ou qual mestre seria o escolhido dos alunos nos concursos de cátedra. Sabiam quais os atletas preferidos dos estudantes e quais os desprezados. Um deles fazia o jogo do bicho para a rapaziada, o que era utilíssimo, pois evitava longas caminhadas até postos específicos.

Um desses bedéis maravilhosos, amigo dos estudantes, que não deixava ninguém estourar por faltas, foi indicado por um professor para fazer a segurança em uma prova de química orgânica; matéria difícil, era preciso decorar muitas fórmulas e, se o professor quisesse, deixaria os alunos no pau com muita facilidade, como aliás aconteceu com a turma que se formou em 64.

Como as turmas eram grandes, ao redor de 80, cem pessoas, os professores as dividiam em diferentes salas, colocando uns longe dos outros, para dificultar a troca de conhecimentos e informações. E como nem sempre os professores da disciplina estavam disponíveis para fiscalizar a prova, às vezes os bedéis eram convocados para fazê-lo.

Dessa vez, o bedel referido, senhor Sílvio Marconi, querido amigo de quantos se formaram pela ESALQ, sabendo das dificuldades da matéria e conhecendo a turma, que era decente e ordeira, entrou na classe e distribuiu as provas com olhar sério e preocupado. Depois de terminada a distribuição e explicadas as regras da prova, pronunciou uma frase que ficou famosa:

— Na minha frente ninguém cola!

E, ato contínuo, sentou-se à cadeira do professor e virou-se de costas para a classe.

## BOEMIA

As noites piracicabanas eram um permanente convite à boemia. Muitos fatores alimentavam essa tentação: a própria vida em república era um deles.

Estudantes de diversas regiões, idades diferentes e distintas culturas conviviam dia e noite, ano após ano, particularmente na época em que os meios de transporte não eram tão eficientes como hoje e a grande maioria dos esalqueanos ficava em Piracicaba até nos finais de semana. Esse convívio, que se estendia ao Centro Acadêmico para onde acorriam os estudantes todas as noites, estimulava a boemia e era por ela estimulado. O calor natural da região, a presença na ESALQ de inúmeros bons violonistas, pianistas, cantores e seresteiros, a inexistência de outros atrativos, tudo levava à boemia.

Assim, depois do cinema, do namoro e das obrigações no CALQ, a rapaziada se encontrava em bares próximos ao centro da cidade ou na Rua do Porto e organizava sua noitada. Dependendo da inspiração, daí saíam grupos para serenatas inesquecíveis, roubos de galinhas, cabritos e outros animais, visitas à zona de prostituição, brincadeiras em repúblicas ou outras formas de viver a noite.

Mas a grande boemia, sem maldade e sem sujeira, era marcada pelas intermináveis conversas de botequim.

À mesa, contendo pilhas de bolachas das doses de chope ou de cerveja, rapazes e moças se encontravam para conversar. De diferentes repúblicas, diferentes vocações e origens, discutiam de tudo: do curso, do passado, do futuro, da política, futebol, artes, religião, filosofia, sociologia, antropologia, tudo, absolutamente tudo era tratado nas noites piracicabanas. Casos eram contados, aceitos ou postos em dúvida; propostas surgiam; conclusões se tiravam. Mas, acima de tudo, ali se construía as tendências, as visões e até mesmo boa parte da futura personalidade do esalqueano.

O boteco era uma espécie de universidade da vida e, sem mestres formais nem alunos de carreira, todos ensinavam, todos aprendiam.

Do generoso volume de informações e palpites saídos da boemia e introduzidos no éter do conhecimento coletivo, todos extraíam elementos indispensáveis à vida de cada um.

Nas mesas estavam juntos amigos e desconhecidos, esquerda e direita, católicos e espíritas, corintianos e são-paulinos, idealistas e pragmáticos, inteligentes e obtusos. E todos cresciam a cada noitada, muitas vezes encerrada abruptamente pelo dono do bar que começava a lavá-lo, molhando os pés dos freqüentadores.

A boemia é a confraria universal da liberdade. A suprema contradição humana está na busca idealística da liberdade e a prática de escrever regras para reduzi-la. O único cidadão livre é o boêmio, porque não sabe – e não quer saber – que horas são. Em qualquer bar do mundo, independentemente da língua em que se pratica, boêmios de todas as idades se identificam na associação informal da verdadeira liberdade.

Daí se pode afirmar, sem sombra de erro, que os boêmios da ESALQ aí construíram, ao lado da vida profissional e muitas vezes da afetiva, o maravilhoso caminho da única liberdade possível.

## BONDE

Entre os anos 30 e 70, o bonde foi o grande veículo de acesso à ESALQ.

Saindo de trás da catedral, seu ponto final, o bonde descia a XV de Novembro até a José Pinto de Almeida, de onde ia até a Rua Marechal Deodoro; daí pegava a São João, até chegar à Escola. Na São João, atingia grande velocidade, por causa da descida e porque ali o bonde já estava lotado.

Nessa época, poucos estudantes tinham automóvel e até mesmo professores e funcionários da ESALQ embarcavam em sua viagem democrática, cheia de graça e de alegria.

Tendo viajado por mais de 50 anos, o bonde armazenou tanta história que só ele mereceria um livro. Desde a permanente brincadeira de enganar o cobrador, quando os passageiros mudavam de lugar para não pagar – e o velho cobrador sabia exatamente quem pagava e quem dava calote –, até as revoltas que culminariam com o descarrilamento e até a queima do bonde. Entre esses extremos, uma galeria imensa de fatos acompanhou as viagens do elétrico.

Enquanto o veículo cumpria seu trajeto, alunos atrasados reviam os últimos pontos para provas iminentes; notívagos inveterados que haviam passado a noite na gandaia dormiam protegidos por vizinhos que, apertando-se uns aos outros davam segurança e conforto ao dorminhoco; surgiam gozações com apelidos, namoros começavam e acabavam, principalmente enquanto durou o curso de normal rural, levando muitas meninas a partilharem o bonde com os *agricultores*; brigas sérias, com sopapos e palavrões, também ali aconteciam.

Houve colisões com outros veículos. Na São João, mais de uma vez estudantes foram derrubados quando, viajando nos estribos apinhados, bateram nos postes de iluminação da calçada, muito próximos dos trilhos.

Não é à toa que a ESALQ tem hoje o bonde preservado em seu parque, monumento importante da vida acadêmica de tantas décadas. Sua muda presença ali no parque evoca tantas lembranças, doces ou amargas!

Uma dessas, insólita, fala da coragem, força física e certa irresponsabilidade de um estudante dos anos 50, conhecido por Luís Louco. Fortíssimo, o Luís havia estudado dois anos e trancado a matrícula por outros dois, durante os quais comprou um caminhão e foi transportar cargas pelo Brasil afora.

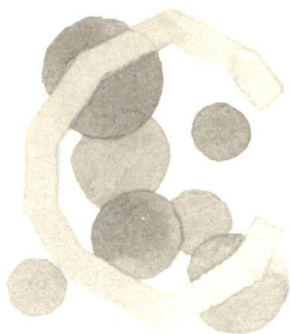
Isto já dá uma idéia da disposição daquele rapaz: viajar para Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul em uma época em que as estradas eram de terra, enfrentando todo tipo de problemas de segurança, assistência técnica etc.

Mas depois de dois anos como caminhoneiro, o Luís voltou para terminar o curso. Formado, foi um agrônomo extraordinário, trabalhando na área de sementes para o governo paulista e como agricultor moderno.

Pois esse Luís Louco costumava dar um *show*. Ia no estribo, na ponta ao lado do motorneiro, bem na frente do bonde, do lado da calçada, onde estavam os postes assassinos. Na *volada* da São João, o Luís saltava do bonde, agarrava um poste com seu braço direito, poderoso e protegido por manga comprida, com o impulso da velocidade dava a volta ao poste e batia de novo no bonde, quase no final do estribo.

Loucura? Coragem? Irresponsabilidade?

Nada disso, apenas a juventude esalqueana, sempre diferente, sempre inovadora.



## CERES, PAIXÃO E GLÓRIA

Nos tempos de estudante,  
Nas longas noites curtidas  
Em papo, sonhos, mulheres,  
A paixão cresceu aflita  
Como aflita foste, Ceres.

“O tempo passa, o cabelo embranquece,  
E porque o amor pela Escola rejuvenesce?  
Porque a nossa paixão terminou numa perda.  
Fomos embora... E a nossa história encontra  
sentido no teu drama, Deusa Ceres...”

Raptada tivestes a filha  
Pelo Deus do Inferno  
Baixastes do Monte Olimpo  
E na terra, sem destino,  
Por nove dias e noites,  
Vagastes tão desolada.

Num gesto desesperado  
De vingança, qual açoite,  
Privastes do fértil a Terra  
Por conta da grave perda.

Júpiter, Deus soberano,  
Diante de dor tamanha  
Devolveu a filha à Terra  
Da primavera ao outono.  
Do encontro de mãe e cria  
Voltou fartura aos quintais  
Nos bosques brotaram frutos  
Nos campos os cereais.

## **CORAGEM E BRAVATA**

A diferença é que a bravata  
Quase sempre resulta em nada:  
É desatino que se acaba.

A bravata sempre desmata,  
Sangra a terra, polui a água,  
Agride mais do que a palavra.  
Na força de moços e mestres  
A coragem vale o que pesa,  
Jamais é medida na pressa:  
Se renova se mais se a testa.

A coragem é corda tesa  
Tão forte como a natureza.



## CENTRO ACADÊMICO “LUIZ DE QUEIROZ”

Se as paredes do CALQ pudessem falar e contar tudo o que viram, haveria material para algumas enciclopédias.

Para uma enciclopédia do amor, por exemplo: em seus departamentos onde trabalharam com afincos rapazes e moças dedicados à construção de uma cidadania sempre contemporânea, muitos namoros nasceram, prosperaram e terminaram em casamentos gloriosos. Nas diversas brincadeiras dançantes, às quais acorriam, além dos estudantes, jovens piracicabanos, também surgiam romances duradouros: era ali que as nativas pescavam seus *agricolões*. Na verdade, era ali que eles esperavam ser apanhados por aquelas doces meninas da Noiva da Colina, sempre seguras do que queriam. Nas comissões mais diversas, incluindo agrônomos já formados e professores, o amor florescia, em todas as formas. Era ali também o berço de imorredouras amizades.

Mas também havia material para uma enciclopédia esportiva. A AAALQ, Associação Atlética Acadêmica “Luiz de Queiroz”, encarregada de organizar as diversas equipes de esalqueanos, tem tanta história que mais de um livro sobre ela já foi escrito. Craques de

todas as modalidades aí se destacaram e vieram e defender as cores de Piracicaba. Também nos jogos abertos do interior, *agricolões* defenderam as cores piracicabanas, no basquete, no vôlei, no atletismo, na natação etc.

Sem dúvida, a AAALQ deu glórias imortais à ESALQ nos torneios da Fupe (Federação Paulista Universitária de Esporte) e nas mais diversas competições acadêmicas por todo o país.

Poderia ser escrita uma enciclopédia da boa malandragem: na sinuca, no baralho – principalmente no truco e no pôquer – o CALQ sempre formava campeões imbatíveis. E é uma pena que esse pedaço da vida acadêmica fique sempre em segundo plano, porque ele faz parte da memória dos cidadãos que tenham passado pela ESALQ em qualquer tempo.

Mas, sem dúvida nenhuma, é na formação política dos esalqueanos que o CALQ daria mais do que uma enciclopédia.

Seja na sede velha, na Rua Prudente de Moraes, seja nestes últimos 40 anos de sede nova, à Rua Voluntários da Pátria, o Centro Acadêmico sempre, mas sempre mesmo, foi um templo formidável da democracia. Mesmo nos períodos mais negros da vida política brasileira, os líderes do CALQ souberam se comportar com enorme galhardia e formaram, ao longo de 10 décadas, gerações e gerações de cidadãos brasileiros comprometidos com os mais legítimos interesses do país.

Nessa meca democrática, servidos pelo idealismo próprio da juventude, moças e rapazes, de todas as ideologias políticas, encontraram campo fértil para desenvolver seus sonhos e curtir seus projetos.

A construção mesmo da sede nova, que ficou pronta em 1961, foi uma luta que uniu a todos, corpo docente e discente – com apoio de algumas autoridades paulistas, como Salvador Julianelli, Carvalho Pinto, José Bonifácio Coutinho Nogueira, entre outros –, na materialização de um ideal.

E lá se plasmaram lendas.

De lá saíram líderes estudantis que se tornaram líderes da agronomia e da agricultura em todos os campos de atividades, embebedos do desejo de fazer do Brasil um país agrícola competitivo.

No departamento editorial, onde se preparavam apostilas e materiais didáticos, se aprendeu a difícil tarefa do cooperativismo.

No departamento cultural e científico se debateram sempre as

idéias mais modernas, de qualquer tendência, sem restrições e sem ódios. E daí o pensamento era levado às assembléias, onde se aprendia a arte da política, com todas as suas nuances.

No departamento social havia assistência médica, odontológica e até psicológica para estudantes, além das promoções festivas, com o famoso *Show de Bicho*, e serviços assistenciais à comunidade.

Quantas vezes nossos diretores jurídicos tiveram de ir à cadeia para resgatar estudantes pegos em farras inconfessáveis!

Maravilhoso CALQ, escola de vida e de cidadania, para onde todas as noites iam grupos de estudantes com elevado espírito cívico, curtindo seu futuro, aprendendo a se comportar.

Ah, se as paredes do CALQ falassem!... Sem dúvida suas histórias encheriam de orgulho toda a agronomia brasileira, que tanto tem contribuído para o avanço democrático deste país.

## COPA DO MUNDO

Quando o Brasil ganhou as Copas Mundiais de Futebol de 1958 e 1962, ainda não havia televisão a satélite. Os jogos só podiam ser vistos um ou dois dias depois, através de filmes em videoteipe.

Era então preciso escutar a narração dos jogos pelo rádio que, evidentemente, embora não desse uma idéia clara de como o jogo estava se desdobrando, podia dar muita emoção, dependendo de quem irradiava a partida.

Em 1962, quando o Brasil levantou o bicampeonato no Chile, a final contra a Checoslováquia foi num domingo e terminou à tardinha. É claro que a estudantada esalqueana – apaixonada pelo timaço que, embora desfalcado de Pelé, tinha Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Newton Santos, Zito, Didi, Vavá, Amarildo, Zagalo e Garrincha em extraordinária forma –, enfurnada nas repúblicas, acompanhava vibrando o desenrolar da partida. E, após a memorável vitória em que Zito fez um gol de *bochecha* nos checos (com Masopust e tudo), as comemorações incendiaram cada república. Como se houvesse sido combinada, a alegria contagiou os vizinhos que vieram comemorar junto aos estudantes o resultado.

Ali pelas seis horas da tarde, o nível etílico já bastante elevado e também sem nenhuma combinação prévia, a rapaziada saiu das repúblicas para comemorar a façanha da seleção na praça Central, que se estende, magnífica, em frente à catedral de Piracicaba.

Arrebanhando companheiros por onde passavam, magotes de estudantes desciam de todos os pontos da cidade em direção à praça, cantando e entoando loas ao Brasil. Já naquele tempo, o futebol era uma das poucas coisas que davam alegria ao brasileiro na área internacional.

Porque a agricultura, essa já vinha sendo esmagada pela cegueira de nossos dirigentes desde que se optou pela urbano-industrialização do país.

Pois bem. Um grande grupo daquela onda de *agricolões* vinha chegando à praça pela Rua São José, onde ficava o bar do Tanaka, um dos pontos favoritos da rapaziada para as noitadas de boemia. Ao passar em frente ao Cine São José, palco de grandes episódios da vida artística piracicabana, notaram com espanto que a praça estava repleta de gente. E, mesmo em meio à gritaria que produziam em sua marcha comemorativa, podiam escutar os alto-falantes ao redor da praça irradiando alguma coisa.

Não passaria pela cabeça de ninguém que aquele montão de gente estivesse ali fazendo outra coisa que não fosse comemorar o bicampeonato, com o apoio dos alto-falantes. Aos gritos entusiásticos de “viva o Brasil”, os estudantes se misturaram às centenas de pessoas que lotavam a esplanada.

Mas, santo Deus, não era uma festa. Tratava-se de algo extremamente solene: o núncio apostólico rezava uma missa campal, com o altar montado no alto das escadarias da catedral, e a praça toda fazia o papel de uma imensa nave, uma vez que não haveria espaço para todos os fiéis dentro da igreja. Era uma missa solene, e aquele povão, estarrecido, sentiu a invasão da missa como se uma horda de hunos ululantes, repetindo Átila, houvesse baixado em Piracicaba.

Aos poucos, os estudantes foram se dando conta do absurdo do fato e foram baixando o tom. Mas, ó desastre, os bares em derredor da praça estavam cheios de pessoas ansiosas para que a missa terminasse para também celebrar o bi. Eram operários, funcionários de lojas e fábricas da cidade, todos já devidamente entrados na cachaça e afins.

Quando essa turma percebeu o movimento dos estudantes, foi o tempo de pagar a conta para entrar também no meio da missa, em satânica celebração. O encontro, no chafariz – os estudantes já arrefecendo o entusiasmo e os outros em evolução –, se deu sob a liderança do célebre Vassourinha, um impressionante mestresala de escola de samba que fazia malabarismos incríveis com sua vassoura. E também sob a intervenção bem-educada da polícia, que levou todo mundo, abençoado pelo núncio e por Garrincha, para uma longa e penosa comemoração na delegacia.

Mas tudo terminou em paz e harmonia, voltando todos à praça quando a missa acabou – inclusive os policiais – para deixar fluir a alegria daquela vitória.

## CURRÍCULO ESCOLAR

É cada dia mais freqüente se escutar que não existe no Brasil mercado de trabalho para o engenheiro agrônomo. Nada mais errado. O que não existe é engenheiro agrônomo para o mercado de trabalho. O mundo mudou radicalmente nos últimos 10 anos, o Brasil mudou, a agricultura mudou – e o agrônomo é quase o mesmo de antes.

Hoje em dia, em qualquer atividade profissional, são necessárias duas habilidades: gerência e *marketing*. Na agropecuária empresarial, particularmente, não basta saber e aplicar a melhor tecnologia agrônômica. É preciso ser um bom gerente, conhecer de comercialização, meio ambiente, finanças, recursos humanos, tributação, questões fiscais entre outros assuntos. Um excelente produtor rural que não souber comprar bem seus insumos ou vender bem sua produção pode perder seu resultado no comércio.

Outro conhecimento indispensável é o conceito de *agribusiness*, de cadeia produtiva: está cada vez mais difícil fazer renda na atividade rural vendendo matéria-prima. É preciso agregar-lhe valor para seguir na atividade. Isso implica conhecer mecanismos de integração como o cooperativismo e o associativismo, entre outras parcerias possíveis.

Finalmente, não se pode formar nenhum profissional sem que ele entenda seu papel na sociedade contemporânea: é muito importante seu compromisso com a história, com a socioeconomia, com a cidadania enfim.

Recente pesquisa financiada pelo CNPq sobre recursos humanos nos agronegócios mostrou uma porção de dados muito interessantes. O trabalho teve três momentos: no primeiro, os pesquisadores consultaram centenas de empresas das mais diversas cadeias produtivas para saber que tipo de profissional de ciências agrárias era o preferido. No segundo, perguntaram às faculdades

do setor que tipo de profissional estavam formando. Finalmente, os dois conjuntos de informações foram comparados, para saber se havia compatibilidade entre eles.

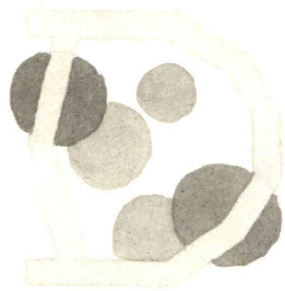
Cerca de 60 quesitos divididos em seis grupos de questões compuseram os questionários enviados ao setor empresarial. As respostas trouxeram algumas indicações extraordinárias.

O mercado procura gente, e não apenas técnicos. Quer líderes, gente com caráter, ética, com boa capacidade de comunicação oral e escrita e conhecimento de política agrícola nacional e internacional. O recado está claro: o mundo cada vez precisa mais de pessoas decentes, porque a cavalgada brutal da globalidade econômica e do liberalismo comercial está destruindo os princípios básicos da equidade: solidariedade, coletivismo, honestidade e ética são valores superados por ambição, egoísmo, individualismo e corrupção.

Portanto, precisamos de agrônomos com tais características. Essa profissão maravilhosa, a agronomia, se caracteriza pela versatilidade, pelo imenso leque de informações que pode gerar nos mais diversos nichos do conhecimento. Mas além do técnico precisamos do cidadão.

E isso só será possível onde houver clima propício no seio acadêmico, seja na própria escola, seja na vida extracurricular dos estudantes.

A ESALQ é uma referência para tais condições: a beleza de seu *campus*, a própria localização estrutural dos diversos departamentos contribuem para um permanente encontro entre os estudantes e para uma relação forte entre eles e os professores. O CALQ, ponto de convergência dos alunos; as disputas esportivas, as noitadas boêmias são elementos que conduzem à participação, alicerce da cidadania. E, naturalmente, a visão dos dirigentes da "Luiz de Queiroz", sempre atualizada, faz dela um modelo de formação de bons brasileiros.



## DEPARTAMENTOS – TRILHA 1

A Genética o genoma nomina  
E a história da herança ilumina...

Não quero o código das proteínas  
Mas o endereço daquela menina  
Que, distraída, passa pela beira  
Da Zoologia rumo à cantina  
Provocando reação em cadeia,  
Fogo que invade e arde as minhas veias,  
Torpor, calor, desejo, adrenalina,  
A Química é tão fina que alucina.

A Zoologia mostra a evolução  
Das espécies em nossa direção;  
A Química toda a composição  
Da matéria inorgânica ou ativa;  
Mas o coração segue sempre a sina  
De andar vacilante pelas esquinas,  
Nem dá bola aos genes sibilinos  
Faz da paixão sua matéria-prima.

Na herança feita de silêncio, amiga,  
 Na noite fria que se descortina  
 O teu amor a estrela ilumina  
 Se trazes no ventre a vida, a filha.

...

Os olhos do estudante na trilha  
 Renovam a vida a cada dia,  
 Além dos Solos logo divisam  
 Na composição de areia e argila  
 O segredo que só os minerais  
 Contam às sementes sazonais.

A timidez produtiva das plantas  
 Que a Revista Agrícola<sup>3</sup> levanta  
 As carências do homem do campo  
 Criam na Agricultura a demanda,  
 Inovar os processos de produção  
 Da enxada ao satélite de precisão.

O estudante continua na trilha  
 Feito peão solitário na lida  
 No rastro do boi traz consigo  
 A riqueza à fronteira vazia  
 A esperança criada a cada dia  
 Pelos Mestres da Zootecnia.

Como o estudante que caminha  
 O produto também segue a trilha  
 Da matéria-prima para a indústria;  
 Na Tecnologia a qualidade se ajusta  
 E em alimento, energia e fibra,  
 No pão nosso de cada dia,  
 O trabalho do campo se amplia.

<sup>3</sup>Orgão da Sociedade Pastoral e Agrícola, cuja primeira edição é de 1/6/1895, que publicou diversos artigos de Luiz de Queiroz, antes da criação da ESALQ, de acordo com *A Pré-História da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*, coordenação de José Peres Romero, Ed. Agronômica Ceres, 1992.

## DEPARTAMENTOS – TRILHA 2

Meus passos seguem à distância  
A menina desatenta, sem igual,  
Que se desvia do Prédio Principal  
Em direção à aula de Botânica  
(Como separar a minha flor  
No universo de tanta planta?)

Eu sei que existem as *Flores do Mal*  
Do poeta francês Charles Baudelaire,<sup>4</sup>  
Mas nesse jogo do bem e do mal,  
Faz de conta, bem me quer, mal me quer,  
Estará a minha flor tão doentia  
Às lentes da Fitopatologia?

Quatro anos se foram e a menina  
Mudou de rosto e de assinatura;  
Quantas paixões mudaram de figura  
No trajeto até a Silvicultura,  
Quantos sonhos ficaram no papel  
Na vala comum do tempo, ao léu?

---

<sup>4</sup>Charles-Pierre Baudelaire nasceu e morreu em Paris (1821-1867). As "*Flores do Mal*" foi publicado originalmente em 1857.

## DEPARTAMENTOS<sup>5</sup> – TRILHA 3

Nos passos de um outro dia  
Imagem reflexa em sintonia  
O estudante viu com alegria  
Que os alicerces da Engenharia  
São mais profundos que o Lago  
Na dimensão total e no espaço  
Na precisão certa dos cálculos  
Na régua e no compasso.

Em um mercado em que a disputa é dura  
A Economia e a Sociologia  
Vêem as transformações luzidias  
Que varrem o campo sem nostalgia.  
Desde a primeira onda, a agricultura  
Mudou tanto, virou ramo da indústria.  
(Mas que o homem não seja não  
Um insumo na equação de produção).

Desde os tempos imemoriais  
As forças brutas da natureza  
Dobram o homem, não seus ideais;  
E ele insiste, mesmo na incerteza,  
Procura na força interna o fogo,  
A ferramenta para o laboro.  
(Raia o dia e a Meteorologia  
Felizmente bom tempo anuncia...)

Na vitória diária do homem  
Contra a crueza gritante da fome  
O alimento justo vem de plantas  
Protegidas do ataque das pragas.  
Se a vida pede a diversidade,  
A proteção ao meio ambiente,  
A pureza cristalina da água,  
Se o Dicionário tem todas letras,  
É preciso erguer uma estátua  
À beleza das borboletas!

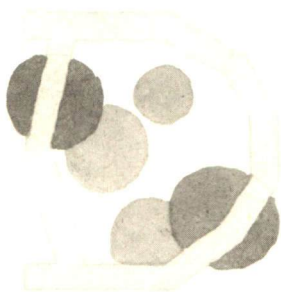
Na bela geografia da ESALQ  
O estudante fecha o itinerário  
Os passos giram em torno do parque,  
Ladeiam o Museu, a Engenharia,  
Descem à distante Entomologia,  
Que com a Biblioteca e o CENA,  
Aproximam aqui a lonjura extrema.

Caro colega e leitor atento  
Será que valeu mesmo a pena  
Rever os passos de tantos moços?  
Uns centenários, longe no tempo,  
Uns no começo do seu momento;  
Uns são estrelas no firmamento  
Outros querem abrir a cortina  
Como quem procura a sua 'menina'.

Vá, leitor, faça a sua própria trilha,  
Leve estes versos em solitude.  
Na eterna construção e procura,  
No vazio, equilíbrio ou loucura,  
O que é a 'menina' senão a vida,  
A centelha de Deus, a plenitude?

---

<sup>5</sup>A denominação mencionada é como eram conhecidos os departamentos criados pela reforma universitária de 1970, que organizou a ESALQ em 15 departamentos. Em 1988, eram 17 departamentos. Em 1998 foi feita nova reforma, tendo atualmente a Escola 11 departamentos, com nomes diferentes dos homenageados nos poemas.



## DESPEDIDA

A vida é um colar de contas, como dizia um velho filósofo caboclo: “a gente passa por uma que é um sorriso, a outra é uma lágrima, a próxima outro riso e assim por diante. Sendo assim, é melhor passar rápido pela lágrima e demorar mais na alegria...” É uma fórmula simples para ser, no mínimo, mais feliz. Mas é claro que não há como evitar a lágrima. A sabedoria está em enxugá-la e deixá-la para trás o quanto antes. Mesmo porque, como dizia o caboclo, “depois da meia-noite só pode clarear”.

Talvez uma das lágrimas mais amargas seja a definitiva despedida de uma pessoa querida. Não há quem não passe por isso muitas vezes, o que leva a refletir sobre o sentido da vida e da morte. É claro que muito dessa especulação está pendente da fé ou de acreditar em algo não explicável sob a ótica científica.

Alguém certa vez definiu essa questão dizendo, não sem certo ceticismo, que cada um de nós não passa de uma mula de carga, cujo único objetivo é levar, do berço ao túmulo, a carga do DNA, que naturalmente é repassada de geração a geração. Não deixa de ser uma visão pragmaticamente interessante, embora atesta. Não

seríamos mais que uma tropa gemendo ou cantando neste vale de lágrimas e risos.

Nos anos 60, estudou na ESALQ uma figura extremamente jovial, apelidado de Pintadinho. Alegre, criativo, brincalhão e gozador, era sempre uma festa onde quer que chegasse. Na república, vivia inventando histórias para divertir a rapaziada. No verão costumava capturar besouros de diferentes espécies e os fazia apostar corrida, em faixas ou pistas delimitadas por papelões emendados. O vencedor era solto e o perdedor, eletrocutado com um fio desencapado. A diversão estava em vê-lo esticar as pernas com o choque. Na escola, fazia todo tipo de gozações durante as aulas chatas, de maneira que elas passavam rapidamente, não sem riscos. Promovia concursos de peidos nos anfiteatros, sentado com os concorrentes nas últimas filas, para não ser ouvido – ou sentido... – pelos mestres.

No quarto ano, ficou gravemente doente e em pouco tempo despediu-se dos colegas para sempre. Foi uma grande tristeza, especialmente porque era evidente seu sofrimento físico. Seus companheiros, colegas e amigos passaram por um período difícil de adaptação sem sua companhia. Mas aos poucos, a dor foi passando e, firmemente, sua imagem foi sendo resgatada como um símbolo de alegria. E com o tempo, a lembrança do sofrimento foi sepultada pelas centenas de histórias que corriam sobre suas invenções. A conta do sorriso superou a da lágrima.

Já doente, depois do banho, certa tarde, Pintadinho foi para seu quarto enquanto os colegas conversavam na sala. De repente, foram alertados por um grito dele, chamando-os com urgência. Preocupados, todos eles se precipitaram para o quarto, onde Pintadinho estava deitado, pelado, de barriga para baixo. Quando todos entraram, ele gritou:

— Olha o vulcão!

E soltou um sonoro peido, levantando uma nuvem de talco com que havia enchido o veterano escapamento. Uma erupção de talco.

Despedia-se com leveza, aquela figura!

## DEVER

Houve um ano em que o Centro Acadêmico "Luiz de Queiroz" fez uma campanha em favor de um melhor Natal para os pobres. A idéia básica era arrecadar alimentos para as famílias pobres passarem bem o 25 de dezembro e, naturalmente, arrecadar brinquedos para as crianças. Muitos brinquedos e muito alimento.

Um grande grupo de estudantes imbuídos do ideal da solidariedade começou, ainda em meados de novembro, a trabalhar na campanha. Aos poucos, à medida que os dias iam passando e os resultados iam surgindo, rapazes e moças foram se apaixonando pela causa, cada vez mais criativos, e transformaram o compromisso do Natal dos pobres em um verdadeiro dever: era imperioso conseguir o máximo, como jamais fora feito, para servir de modelo a ações similares no futuro. Conseguiram toneladas de alimentos e milhares de brinquedos – inclusive usados em bom estado – e foram lotando as dependências do CALQ com as doações.

Os bairros da periferia foram percorridos, famílias pobres foram cadastradas e escalonadas de acordo com sua renda, enfim, foi um trabalho ardentemente assumido pelos estudantes com o apoio de vários professores. Nos dias que antecederam o Natal, os moços resolveram agregar magia à festa. Como não poderiam ser papais noéis, porque tinham seus próprios compromissos familiares natalinos, optaram por colocar em pontos selecionados de cada bairro uma árvore de Natal encimada por um grande A encarnado, além dos enfeites comuns.

Precisavam de 10 árvores, tarefa que não conseguiam cumprir, porque as disponíveis já haviam sido vendidas. Ademais, queriam árvores grandes, o que não existia por ali.

Dias antes, desesperada com essa dificuldade, a comissão pediu a estudantes que viviam em Piracicaba para assumir essa parte

do programa: arranjar árvores de Natal.

Procura daqui, procura dali e nada. Até que alguém teve uma idéia: roubar alguns pinheiros! Aceita a idéia, a pergunta era: de onde? E a resposta óbvia iluminou aquela parte podre do projeto: no cemitério.

Daí para a prática foi um pulo. Arrumou-se uma caminhonete, conseguiram-se alguns serrotes e, no fim da tarde de 23 de dezembro, lá se foram nossos sacrílegos benfeitores para o campo santo, cheios de idéias demoníacas. Como é natural nessas ocasiões, buscaram coragem em alguns goles de cachaça.

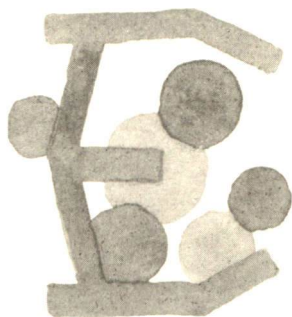
Tiveram azar. Houve um enterro já na hora de fechar o cemitério, e quando os últimos acompanhantes saíram, a porta foi trancada. Pior ainda: havia um guarda-noturno no cemitério, o que eles desconheciam.

Já escuro – por fora, porque por dentro estavam todos iluminados pela branquinha –, alguém teve uma idéia melhor: na fazenda da ESALQ tinha uma boa plantação de pinheiros, perto do Piracicamirim. Lá era aberto, sem guarda, seria uma canja surrupiar 10 árvores do meio do talhão. Ninguém iria perceber.

Aprovada a proposta, mãos à obra. Por volta das duas da manhã, estavam os garotos distribuindo suas abençoadas árvores pelas praças dos bairros. Os meninos da comissão, eufóricos, iam em seguida enfeitando os pinheiros com algodão, pingentes e o belo *A* na ponta.

No dia de Natal, a grande revelação, estampada nos jornais de Piracicaba: “vândalos cortaram árvores raríssimas” da coleção exótica da ESALQ, trazidas de diversos países do mundo, especialmente do Caribe, pelo querido professor de silvicultura, grande amigo dos estudantes e por eles admirado, Heládio do Amaral Mello.

O dever às vezes apaixona. E cega.



## ENTUSIASMO E ESPERANÇA

A esperança é uma rede  
Tecida no silêncio  
Feita de fome e sede  
(Mãe aflita que pede  
Um prato de comida  
A quem pouco lhe deve).

A esperança é passiva  
Espera reflexiva  
Feita de clamor e prece  
(Moça aflita que espera  
Uma paixão arredia  
Que foge pela janela).

O entusiasmo é a sede  
Tecida na urgência  
Feito fogo sobre gelo  
(Lavrador que não mede  
O esforço da sua lida  
A quem muito lhe deve).

O entusiasmo é ativo  
Mudança imperativa  
Feito de ardor e tese  
(Estudante que aquece  
A esperança mais fria  
No saber que não fenece).

Se a vida que se derrama  
Corta os sonhos tão rente  
Como é bom ter esperança  
De manter acesa a chama  
Do entusiasmo pra sempre.



## ENTOMOLOGIA

Eis aí uma disciplina importante, tradicionalmente ministrada por professores competentes e sérios – e por isso mesmo palco de algumas divertidas brincadeiras.

Certa vez, um grupo de estudantes, liderado pelo grande professor Montenegro, foi visitar um laranjal nos arredores de Limeira para identificar pragas da cultura. Como em todas as turmas, havia os espertos e os, digamos assim, menos espertos. Nessa aula prática, estava um engraçadíssimo estudante, Julito, que, distraído da matéria, brincava com um gafanhoto, abrindo suas asas, mexendo nas perninhas, enfim, examinando o inseto, quando foi abordado por um colega desfrutável. Este, uma obra-prima da ignorância agrônômica, perguntou ao Julito o que era aquilo. Percebendo o espaço, o gaiato afirmou, fingindo excitação:

— É um macrovírus, muito raro nesta região! O professor vai ficar contente por encontrá-lo aqui!

O pobre colega, precisando de nota – estava sempre nessa condição –, pediu para passar por descobridor da raridade. Julito, con-

descendente, aquiesceu, e o infeliz do analfabeto, exultante, correu ao Montenegro.

— Professor, professor, olha só o que achei: um macrovírus! Barbaridade!

Este mesmo animal, no mesmo ano, assistindo a uma aula sobre pragas do milho, foi estimulado pelos colegas a plantar milho em seu quintal, aos argumentos das delícias do milho cozido, da pamonha e do curau. Convencido, mas incerto das tecnologias do cultivo, perguntou como plantar o grão. Depois de devidamente instruído, foi ao departamento de genética e pediu ao professor Marcílio “umas mudas de milho para fazer um canteiro”.

Havia de tudo mesmo, naqueles cursos práticos. De outra vez, um aluno urinou em um cupinzeiro em aula prática, e o professor até hoje tem dúvidas sobre as razões daquela “rara umidade”.

Mas o grande recorde em entomologia foi mesmo do Perninha. Os alunos eram obrigados a fazer um insetário como condição para concluir o curso. Era um tal de aluno contratando aluno ou funcionário para capturar insetos, e sempre na última hora. No fim, todos entregavam seus insetários com um mínimo de 20 espécies identificadas e catalogadas.

Pois o Perninha, que fez tudo sozinho, apresentou seu trabalho em uma bela caixa com tampa de vidro, ao fundo da qual todos os insetos estavam alfinetados em uma placa de isopor. Era uma beleza. E, no centro da caixa, a rainha dos insetos: uma enorme aranha caranguejeira...

## ESPERANÇA

A esperança é o combustível da vida. Se não existe a esperança de que as coisas vão melhorar, se não existe o horizonte de tempos mais risonhos, para que seguir? É a esperança que nos empurra e anima, fazendo com que todos lutem com denodo por um futuro com justiça, equidade e resultados reais.

No entanto, de que se nutre a esperança? Nutre-se do amor. Para que um mundo melhor, se não for pelo amor que oferecemos aos amigos e familiares, aos companheiros de jornada, aos irmãos todos, até mesmo aos animais de estimação e aos bens materiais? É o amor, em suas diversas formas, que dá sentido à esperança.

Mas o amor pode causar injustiças: levado ao paroxismo, faz com que o apaixonado perdoe erros indesculpáveis da pessoa adorada. É injusto. Por isso, o amor só se sublima no coletivo, quando se ama o próximo, qualquer um, como a si mesmo – e isso está em todas as doutrinas religiosas.

Essa trilogia – esperança, amor, justiça – dá sentido à vida. Afinal, para que estamos aqui? De onde viemos e para onde vamos? Se a resposta vem sendo buscada há séculos sem ser encontrada, é preciso dar um sentido à vida. E esse sentido é exatamente a construção de um mundo melhor. Daí vai se desenhando o círculo virtuoso: lutar sempre por um mundo melhor, jamais perder a esperança de consegui-lo, em um longo caminho balizado pelo amor e pela justiça.

Como fazer isso? Como ter êxito nessa caminhada? Ensinando, ensinando tudo o que se sabe, porque a partilha do conhecimento o multiplica e abre espaço à conquista coletiva.

Mas, e quem não sabe nada, o que poderá ensinar?

E eis aqui a grande revelação: é preciso aprender. Assim se completa o modelo: aprender, aprender sem parar, para ensinar

ao maior número possível de pessoas, com amor, amparado pela justiça, alimentado pela esperança de um mundo melhor para todos.

ESALQ, ESALQ: em teu seio tudo começou, aí aprendemos. Aí também ensinamos e amamos; aí foi semeada em nosso peito a maravilhosa semente da esperança.

## EXCELSO JURAMENTO

Quando as moças e rapazes saem da faculdade, encerra-se um capítulo das suas vidas e começa outro, cuja diferença fundamental em relação ao anterior é o compromisso. Até a formatura, o único compromisso dos jovens é estudar. Daí para frente, nessa mágica sucessão de capítulos da vida, eles assumem as responsabilidades da maturidade com a carreira, com a família, com a Nação.

Ainda não sabem, nessa hora, como a vida é curta, porque ela está toda a sua frente e falta perspectiva de profundidade. O que passou foi tão leve, em geral, que não deixou marcas para lembrar que um quinto da existência já terá ido.

Não sabem ainda que, sendo a vida tão curta e sendo o Brasil um país onde tudo está por fazer, é preciso escolher as prioridades às quais se devem dedicar. E que essa opção tem de ser feita considerando duas variáveis básicas: é importante realizar os trabalhos que beneficiem o maior número possível de pessoas e que garantam o máximo de satisfação pessoal. É esse o primeiro mandamento para a consciência tranqüila, base da busca da felicidade.

Depois, escolher um caminho definido por um velho filósofo, Hutchins: "não é importante ser sério sempre; é importante ser sério nas coisas importantes".

Tudo isso, entretanto, está implícito no juramento dos formandos.

Engenharia agrônoma: "Prometo que, no exercício da profissão de engenheiro agrônomo, cooperarei sempre para o desenvolvimento da agricultura e para a grandeza e prosperidade do Brasil."

Engenharia florestal: "Prometo, no exercício da profissão de engenheiro florestal, colaborar para o uso racional dos recursos naturais e para o engrandecimento e prosperidade do Brasil."

Ao se comprometer com tais declarações, o egresso da ESALQ assina o atestado do fim de uma etapa e abre as portas de seu futuro.

## EXPERIÊNCIA

Certa vez, em uma reunião de engenheiros agrônomos, um veterano especialista em agroindústria pontificava em uma roda sobre qualidade da matéria-prima, discutindo aspectos ligados à pós-colheita, como transporte e armazenagem. Um jovem que assistia à conversa, não concordando com determinada posição, contestou o expositor.

Contrariado, este expôs seus argumentos – todos, um por um, rebatidos pelo agrônomo, que tinha pouco mais de um ano de formado, mas trabalhava na área de logística.

O veterano foi se irritando com a intromissão do jovem. E percebendo que talvez não conseguisse vencer sua argumentação, usou uma frase definitiva:

— Ora, rapaz, você ainda está cheirando fraldas e quer discutir um assunto que conheço há mais de 30 anos? Quer discutir com quem tem a minha experiência? Ora, tenha paciência...

Vencido por essa razão, o jovem duvidou de sua própria capacidade e abandonou o debate. Um pouco humilhado, saiu da roda, mas foi acompanhado por outro agrônomo, ainda mais velho que aquele que comandava as discussões. Aproximou-se do rapaz e lhe disse:

— Meu filho, não se preocupe com o argumento apresentado, pois ele não tem valor. Você não deve temer a experiência, apenas deve respeitá-la. Porque a experiência nada mais é do que a soma dos fracassos.

O jovem fitou o interlocutor, em dúvida. E ele acrescentou:

— É verdade. Tome um copo de água e não haverá nenhuma experiência agregada, nova, para você. Mas tome um copo de vidro moído e terá uma experiência inesquecível. Isso é a experiência: a soma das cicatrizes dos golpes sofridos. Por isso, não se deve temê-las. Imagine um veterano de guerra, aleijado, sem um

olho, sem braço ou perna, com horríveis cicatrizes pelo rosto. Você irá temê-lo por suas marcas? Certamente que não. Mas, com certeza, irá respeitá-lo, eventualmente admirá-lo e agradecer a ele por ter lutado por você na guerra. Assim deve ser olhada a experiência: com respeito, admiração e até gratidão. Você deve usar as cicatrizes alheias como um escudo para se proteger do choque que não precisa sofrer. Basta usar a experiência alheia.

Foi uma lição importante para aquele jovem. E, a partir daí, ficaram os dois conversando, o mais velho dando exemplos e exemplos de como a experiência, na agronomia, pode ser útil aos que estão começando a vida profissional, ao mesmo tempo em que esses novatos devem procurar sempre avanços além do conhecimento recebido, da experiência alheia.

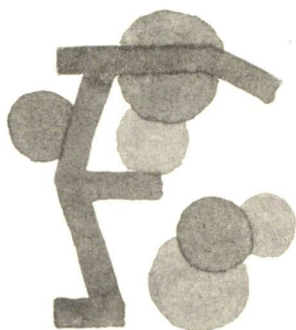
O jovem foi se entusiasmando com a conversa, sentiu-se estimulado a manter seus argumentos, a voltar à conversa da rodinha e, corajoso, afirmou:

— Vou mostrar àquele babaca ultrapassado que ele está por fora. Hoje ele não sabe mais nada e deve descer do seu pedestal.

Ao que o conselheiro, tranqüilo, sem afobação e com grande doçura, emendou:

— Não, meu rapaz. Você está começando sua escalada profissional. Você está começando a subir na vida. Assim, lembre-se sempre do seguinte: trate bem todas as pessoas que encontrar quando estiver subindo, porque vai encontrá-las de novo quando estiver descendo.

Oh, ESALQ, berço de tantas lições maravilhosas!



## FORMATURA

No instante tão pleno de encanto  
Que mão aperta o paraninfo,  
A de um triste ou alegre formando?

Na mistura de emoções infrenes  
Donde vem a dor da partida,  
Do medo do desconhecido  
De quem é jogado na vida?  
Ou virá do cipoal de imagens,  
Ritos, rostos que viram restos,  
No adeus o solitário gesto?

Para o mestre o aperto é singelo  
Mas é como faca cortante  
Para o estudante indeciso  
Que da melhor parte da vida  
Em um segundo se despede.

## FUNCIONÁRIOS

O saber não nasce nos livros.  
Antes da palavra e da tinta  
Tem muita gente por detrás  
Nos resultados das pesquisas  
Estão as marcas digitais.

São sinais de mestres famosos  
Uns calados, outros expostos,  
De servidores dedicados  
Na retaguarda e no arado  
No batente sempre dobrado.

Pedaço da turma valente  
Correu ligeiro o mundo afora.  
Tão fértil e valorosa,  
A ESALQ virou a semente,  
Espelho de muitas escolas.

Gota de orvalho ao relento  
O estudante é passageiro efêmero:  
Chispa quando vai o seu tempo  
Mas carrega nas digitais  
Vivências de grandes momentos,  
Gente para esquecer jamais.



## FEALQ

A ESALQ, na linha de modernização adotada pela academia brasileira, também tem sua Fundação. A Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ) foi instituída por escritura pública lavrada em dezembro de 1976. Depois de instalada, um grupo de professores assumiu a iniciativa de uma fundação voltada para o estabelecimento de meios mais apropriados à obtenção de recursos humanos e materiais, para intensificar e dinamizar o desenvolvimento das atividades relacionadas com tecnologias científicas, adstritas aos departamentos e centros integrantes da ESALQ.

Assinaram a escritura de constituição da FEALQ Paulo Fernando Cidade de Araújo, Aristeu Mendes Peixoto, Joaquim José de Camargo Engler, Urgel de Almeida Lima, Iby Arvatti Pedroso, Salim Simão, Almiro Blumenschein e Delmar Antonio Bandiera Marchetti.

Em abril de 1977, na sala de reuniões da diretoria da ESALQ, aconteceu o primeiro encontro do Conselho Curador da FEALQ. Os principais objetivos eram colocar em programas de desenvolvimento econômico social estabelecidos com a ESALQ e outras uni-

dades da USP; promover cursos de especialização, aperfeiçoamento, difusão cultural e extensão universitária, simpósios, seminários, conferências e estudos que visassem à melhoria do conhecimento agrônomo nas diversas instituições ligadas ao setor agrícola; colaborar para o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação da ESALQ, além de outras unidades da USP e de universidades que solicitassem serviços; promover a divulgação de conhecimentos agrônômicos e correlatos, por meio de publicações técnicas, periódicos, monografias e outras formas e realizar pesquisas que atendessem às necessidades dos setores públicos e privados, observando-se os padrões acadêmicos que permitissem, simultaneamente, o alcance dos objetivos propostos e o treinamento de pessoal especializado.

O Conselho Curador, órgão deliberativo, soberano da Fundação, estaria encarregado de zelar pelo patrimônio e garantir a observação das finalidades estatutárias. O Conselho Editorial coordenaria as atividades de edição de publicações de comprovado valor cultural, científico e tecnológico.

A FEALQ coordena, desde 1981, dois centros de pesquisa: o de Biotecnologia Agrícola (Cebetc) e o de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), caracterizados por importantes diretrizes de atuação avançada em tecnologia, buscadas em programas de ensino e pesquisa dos departamentos da instituição.

Recentemente, nos primeiros dias do ano 2000, a comunidade esalqueana foi surpreendida por uma doação inusitada. Ao falecer, em 4 de janeiro, o engenheiro agrônomo e ex-aluno da ESALQ Alexandre Kurt Karl Erdmann von Pritzelwitz deixou em testamento para a ESALQ sua propriedade agrícola de 1.508 alqueires, a fazenda Figueira, nas proximidades de Londrina, estado do Paraná. Pritzelwitz diplomou-se em 1948, porém manteve sempre um estreito relacionamento com a ESALQ.

A fazenda Figueira possui cerca de 2.700 hectares de pastagens, aproximadamente mil hectares de mata natural, e o rebanho atual, que tem 4.250 cabeças de gado bovino, eqüino, muar e ovino, caracteriza um regime de exploração extensiva, notadamente da primeira espécie, com a qual se desenvolvem atividades de cria, recria e engorda.

Em reunião extraordinária do Conselho Curador da FEALQ no dia 11 de fevereiro, e de comum acordo com o Departamento de

Produção Animal da ESALQ, a FEALQ assumiu a implantação da Estação Experimental Agrozootécnica Hildegard Georgina von Pritzelwitz, conforme desejo do doador.

A FEALQ desenvolveu, até o presente, 2.348 projetos de pesquisa, promoveu 740 eventos de extensão e publicou 196 obras de difusão científica e tecnológica.

## FESTA

Os moradores da famosa república Mosteiro resolveram fazer uma grande festa para saudar o fato extraordinário do Sven ter passado em matemática. O fato era realmente extraordinário, porque fazia oito anos que o Sven cursava matemática sem conseguir passar pela cadeira, até que em 1965 venceu os mestres pelo cansaço.

A festa foi uma grande cabritada, seguida de galinhada e coelhada. Cabe aqui uma importante digressão, para lembrar a terrível sacanagem feita pela turma da Fazendinha, que, agredida pela vizinhança depois de algumas noites de esbórnica, resolveu fazer as pazes com os vizinhos.

Para tanto, os fazendeiros convidaram seus amigos para uma coelhada sabatina, regada a cerveja. Depois da festa, com muita confraternização, discursos até, terminada em abraços solidários, tapinhas nas costas e promessas de amizade eterna, o domingo amanheceu com cerca de 10 couros de gato pregados na cerca da Fazendinha. Gatos dos vizinhos, claro. Que os comeram por coelhos. Recomeçou a guerra, que nunca mais terminou.

Ora, cientes desses fatos, os monges resolveram roubar animais longe da república. O Galeto, dono desse apelido por conhecer cada galinheiro oficial da cidade, armou as escuderias para roubarem galinhas. O Scalzo, da Soroca, seu habitual parceiro, foi convidado a desfilar na escuderia de roubo de cabrito nas saídas de Tietê e Botucatu.

Foi uma barbaridade. Durante uma única noite os roubos desses semoventes foram tão alucinantes que deveriam ser narrados em um livro à parte, que um dia talvez venha a lume, com o nome de "A festa" ou "As festas do Sven". Porque tantos bichos foram roubados, mas tantos, que foi preciso devolver algumas cabeças mais velhas a seus donos.

Em galinheiro na saída de São Pedro, companheiros quase foram atingidos pelos tiros do proprietário. O Pedro enfiou o pé no piso do galinheiro, que se quebrou com grande ruído. Foi uma fuga desesperada. Mais tarde, o mesmo Pedrão roubou uns coelhos em uma pensão da Boa Morte. O problema foi que, agarradas as orelhas de um coelho dentro da gaiola, a mão fechada não passava de volta pela portinha estreita. Solução: roubar a gaiola junto. O Galeto, na escuderia comandada pelo Kixu, roubara patos pensando serem galinhas brancas. E também um velho galo.

Baita festança. Na manhã seguinte ao roubo, começou a dura fase da preparação das carnes. Limpar cabritos, coelhos, frangos e patos não foi moleza. Era muita coisa. E ninguém se deu conta de que o Telefone, cachorrão preto do Mosteiro, comeu sem parar, horas a fio, tudo quanto era barrigada jogada no lixo. Empanturrou-se de comer tripas...

A festa marcou época. Os professores de matemática foram convidados a partilhar da alegria do Sven, que desgostava de todos. Ao catedrático, Sven ofereceu a coxa do galão velho. O pobre mestre passou a noite roendo a peroba oferecida. Alguns monges, que tinham ido fazer um estágio sobre ovinocultura em Itapetininga, chegaram na hora da festa, mas já chegaram bêbados. Tão bêbados que, antes de comer carne, comeram inteirinha uma torta de morango que a namorada do Sven tinha mandado como sobremesa da comemoração.

Na confusão da festança, cheia de gente, um mau cheiro insuportável invadia a reunião de vez em quando. Parecia gás sulfídrico concentrado, extrato de restilo, e ninguém conseguia imaginar de onde vinha. Até que o Monteiro Branco, vulgo Barba, acostumado a viver na sujeira (em seu quarto moravam também os dois cachorros da república), percebeu que o fedor era o resultado dos monstruosos peidos do Telefone, ao metabolizar as tripas engolidas durante todo o dia. Na verdade, não eram peidos: eram erupções dantescas do mais nojento dos odores. Imaginava-se então que o inferno talvez tivesse a atmosfera impregnada daquele bafo.

Pois bem. Que fez o Barba? Discretamente levou o Telefone para debaixo da mesa em torno da qual estavam sentados os mestres de matemática. Sentou-se ele mesmo ali, apoiou o pé na barriga do Telefone deitado e, a cada cinco minutos, pressionava o fole venenoso. Foi terrível. Acredita-se que até hoje as roupas dos mestres estejam impregnadas daquele inesquecível sulfureto.

## FILME PROIBIDO

A cada ano, os estudantes da ESALQ organizavam comissões de formatura com o objetivo de preparar sua festa final, arrecadando recursos das mais diversas maneiras.

A Comissão de Formatura dos F66 estava faturando alto. Seus integrantes eram rapazes vivos e, onde viam possibilidade de ganhar algo, se lançavam. O presidente, o chefe, especialista em maquinações esfuziantes, mineiro daqueles que, para não passar mal no futuro, passa mal a vida toda, era um *vivaldino* da maior marca: explorava bailes, quermesses, bancava jogos, fazia rifas e, líder inato, conseguia arrancar as mensalidades até dos colegas mais recalitrantes. E tanto dinheiro entrava no caixa da comissão que o chefe, firmando sua posição de líder e tendo conquistado a cega confiança dos companheiros, conseguia aprovar facilmente todos os seus projetos.

Foi assim que resolveram dar o maior golpe do século: fazer uma sessão cinematográfica, de cunho nitidamente pornográfico, só para homens. Façanha, aliás, de caráter atávico: o chefe, por volta dos 13 aos 15 anos, era assíduo freqüentador de sessões pornográficas em garagens menos honradas onde, apertados uns com os outros, dezenas de garotos imberbes se dedicavam ao noviciado da punheta.

Gastaram algum tempo bolando um esquema que não desse qualquer chance ao fracasso. Acertados os ponteiros, passaram à campanha publicitária. O filme pornográfico seria exibido no cinema mais antigo da cidade, o São José, de tradições bélicas, à meia-noite do segundo sábado de abril, dia do pagamento das indústrias piracicabanas.

Carros de estudantes foram mobilizados, com velhos alto-falantes adaptados, e saíram pela periferia a convocar os interessados para a lúbrica sessão. Panfletos foram distribuídos, chamariz

para os adeptos da bronha. Era tão agressiva a campanha deflagrada pelo chefe que os pudicos jornais da cidade, em luta permanente contra a indecência e a imoralidade, publicaram editais criticando acidamente a iniciativa dos estudantes.

Sem se abalar com a acerba crítica da sociedade nativa, o chefe tocava o barco, fazendo os contatos necessários nas empresas distribuidoras de películas, visando conseguir um filme que fosse realmente imundo.

Mas, e há sempre um *mas* para atrapalhar, não havia tal filme. As empresas, subjugadas pela censura, só podiam ceder filmes de menor alcance erótico, ou mais exatamente, medíocres romancetes água-com-açúcar, bem ao jeito da saudosa década de 50.

E como quem não tem cão caça com gato, o chefe alugou mesmo uma comédia paranóica, cuja única cena de sexo era a heroína tirando a anágua – só a anágua – para tomar banho. Não avisou os colegas da comissão, para não desencorajá-los. Calado e quieto, levou a lata para Piracicaba e, no sábado à tarde, preâmbulo da exibição, que a essa altura já tinha trazido para a Noiva da Colina fiéis seguidores de Eros até de terras vizinhas, inventou uma doença do pai ou do irmão. Escudado por essa providencial doença e sob os condoídos olhares dos companheiros, mandou-se para Campinas, onde morava, deixando o comando das operações para seu vice-presidente, vulgo Paletó.

Às nove da noite, a praça próxima ao São José já estava cheia. Cortadores de cana que jamais sonhariam ir à cidade à noite ali estavam, tensos e salientes, à espera. Operários das fábricas, mais à vontade, arrotavam valentias e façanhudas capacidades sexuais que, certamente, seriam triplicadas após os estímulos a receber dali a pouco. Cachaceiros conhecidos, ladrões e marginais, enfim, a fina flor da laboriosa Pira estava em pé de guerra, na lasciva espera que se alongava em demasia. Diga-se de passagem, apenas para esclarecer o desprendimento dessa augusta assistência, que os meios de transporte coletivos deixavam de funcionar às 11 da noite, pelo que todos os presentes teriam de voltar para suas casas, às duas da manhã, ao matraquear do tradicional pé-dois. Mas isso não importava, considerando o que estavam aqueles homens esperando ver. Aliás, até hoje se pergunta: o que será que eles esperavam ver?

Não se sabe a resposta, mas sabe-se que até umas três ou qua-

tro bichas mais afoitas – coragem inaudita – também estavam a postos para assistir ao espetáculo.

Quando se abriu a bilheteria, às 11 e meia, e o pessoal começou a entrar no cinema, é que se pôde avaliar seu estado de espírito. Certamente, como a espera fora longa, até os menos excitados resolveram enganar o bicho com uma pinguinha. Algumas dezenas de litros de branquinha entravam no cinema, já devidamente invertidos pelos ácidos digestivos, e portanto libertando seus adeptos dos grilhões da vergonha e do mutismo, convertidos muitas vezes em viscosa baba que corria pelos cantos das bocas... em geral completamente desdentadas.

Lotou a casa. Mas lotou mesmo. Todos os corredores estavam tomados, forrados de gente. No galinheiro, lá em cima, até nos vãos da escada se viam brilhantes olhos presos à tela.

Entusiasmados com a perspectiva da renda, Paletó e seus companheiros autorizaram o cinegrafista a iniciar a sessão. E num fenômeno inexplicável, apagadas as luzes, caiu sobre a platéia o mais sepulcral dos silêncios. Cada qual, ao que parece, decidiu guardar só para si todas as emoções viáveis e vindouras. Nem conversas. Nada mais se ouvia. Só o filme! Só o filme!

E foi debaixo desse ensurdecedor silêncio que começou a estorinha. Nas primeiras cenas, o silêncio foi total. Havia uma garotinha brincando com um cachorrinho, e todos esbugalharam os olhos para a tela, esperando pelo romance entre ambos. Decepcionaram-se quando entrou em cena o pai da garota, que expulsou o cão da sala. A decepção foi logo superada pela expectativa de uma cena de incesto. Esta também não ocorreu quando a mãe da garota apareceu cagando no velho.

O certo é que, logo aos 10 minutos de projeção, o silêncio pressuroso foi substituído por um zunzum malcriado. O povão chiava pelo atraso das cenas mil vezes prometidas. Era preciso amortizar o dinheiro gasto com as entradas em cenas sucessivas de deboche sexual!

E a comedinha ia se desenrolando. Na sala de projetores, Paletó e seus companheiros estranhavam a história. Também eles esperavam algo forte. E, no meio da estranheza, o Gambá, da comissão, arriscou uma dúvida:

— Será que o chefe enganou a gente? Não tenho certeza, mas acho que já assisti a esse filme no Colonial, há uns três ou quatro meses!

Infelizmente, estava certo o Gambá. E, mais infelizmente ainda, a platéia começava a perceber o logro. Por volta dos 20 minutos de projeção, um negrão lançou o primeiro grito da revolta:

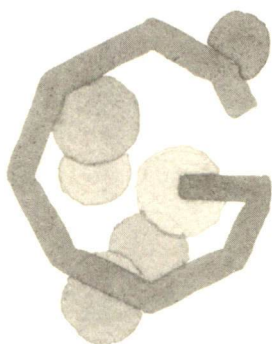
— Cadê a bocetada?

Virou um inferno. Começou uma gritaria de reclamações e exigências que foi num crescendo vigoroso até passar à ação. E a ação foi drástica: o pessoal do galinheiro urinava no de baixo, buscando dar algumas utilidade subsidiária ao órgão que pretendiam exercitar de outra forma nessa noitada.

Os de baixo quebravam as cadeiras e, com os estilhaços obtidos, arrebentavam os vidros das janelas. Os mais tarados se dependuravam nas cortinas até que todas foram arrancadas. Alguém reagiu e uma pancadaria começou para se generalizar em pouquíssimo tempo, provocando pânico na polícia, que se mandou incontinenti, ao que parece em busca de reforços.

A tela foi atingida, cadeiras foram lançadas do galinheiro para baixo, garrafas cruzavam o ar, enfim, era o inferno. Acenderam-se as luzes e a bestial assistência entendeu ser aquilo uma confirmação de suas decepções. Redobrou o clamor, ao tempo exato em que o Paletó e seus adeptos se punham a salvo, galopando destramente pela madrugada adentro.

O cinema foi destruído. A renda não deu para pagar os prejuízos.



## GERAÇÕES DE ESALQUEANOS

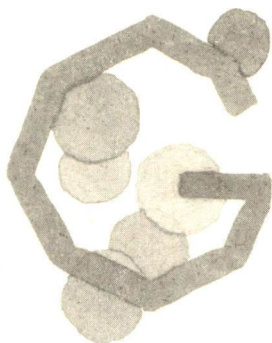
Fulano, sicrano e beltrano  
Foram os primeiros agrônomos;  
Não, eles não são estranhos  
Cada um deles tem um nome –  
Carlos  
João  
José Baptista  
José Maria  
Luiz Eugênio  
Octaviano  
Odilon<sup>6</sup> –  
Pessoas feitas de carne e osso  
Faísca primeira do fogo  
De São João da Montanha.

Pessoas que viraram cinzas  
Com tantos que ardem na pira  
Na fogueira das homenagens  
Da ESALQ viva e centenária.

Somos todos de um mesmo tempo  
Filhos e pais de tantos formandos  
Todas as levas de esalqueanos  
Carregam a tocha e o seu encanto.

---

<sup>6</sup>Formaram-se na primeira turma, em 1903: Carlos T. de Magalhães Dutra, João do Amaral Mello, José Baptista do Carmo Lopes, José Maria de Paula, Luiz Eugênio de S. Nogueira, Octaviano de Moraes Sampaio e Odilon Ribeiro Nogueira.



## GENÉTICA

Era uma matéria difícil, porém muito agradável. Havia grandes mestres, liderados pelo velho Friedrich Gustav Brieger, formadores de craques como Almiro Blumenshein, Venkovsky, João Lúcio, Paulo Sodero. Havia outros veteranos brilhantes, como o aplicado Marcílio Dias e o professor Amaral Gurgel.

As aulas teóricas no anfiteatro eram excelentes, e muitos eventos se passavam lá, tais como o concurso de flatos nas últimas filas. Nas aulas de sábado cedo, era comum alguns alunos quererem ir embora antes do horário. Para isso, engatinhavam lentamente por trás das últimas carteiras, de forma que o professor, lá embaixo, não tinha a menor condição de ver.

As provas eram difíceis e era quase impossível colar, porque os mestres dividiam a classe em quatro grupos, A, B, C e D, em diagonal. Assim os vizinhos eram sempre de grupos diferentes, o que impedia as provas cooperativas. Com tal mecanismo, os professores ficavam tranquilos e amoleciam o controle sobre as classes.

O quadro a seguir mostra como ficavam os times:

A	B	C	D	A	B	C	D
D	A	B	C	D	A	B	C
C	D	A	B	C	D	A	B
B	C	D	A	B	C	D	A

Mas nada mais gostoso do que uma boa sacanagem. Pois um grupo de 16 alunos de certa turma resolveu mudar as provas entre si, só para sacanear os professores. Aliás, para poder colar uns dos outros, também. Estudaram bem as questões e colocaram um crente para cabeça de chave de cada turma, A, B, C e D.

Tão logo as provas foram distribuídas, trocaram os papéis, muito rapidamente, de mão em mão, da seguinte forma:

A	B	C	D
D	A	B	C
C	D	A	B
B	C	D	A

Claro que isso custou muito ensaio, mas no fim de poucos segundos os grupos estavam assim compostos:

A	A	C	C
A	A	C	C
B	B	D	D
B	B	D	D

Foi uma colação sem fim, especialmente porque em cada grupo havia um aluno que sabia tudo.

Pura malandragem. Gostosa malandragem.

## GINÁSIO DE ESPORTES

O Ginásio de Esportes da ESALQ ficou pronto em 1953, e foi o primeiro na cidade de Piracicaba. Desde então, tem sido palco de torneios espetaculares, de futebol de salão, vôlei, basquete, handebol.

Os jogos universitários, coordenados pela Fupe (Federação Universitária Paulista de Esportes), tinham sempre dois turnos, e um deles era jogado no ginásio. Também os jogos Agro x Odonto, contra a Odontologia de Piracicaba, e os torneios entre escolas de agronomia tinham ali parte de seu cenário, e muitas vezes as disputas ultrapassavam a grade que separa a quadra das arquibancadas.

Os torneios inter-repúblicas eram jogados no ginásio e nem sempre acabavam em comemorações adequadas.

O ginásio tinha um zelador, em geral muito ligado aos alunos, mas a grande responsável pela gestão do prédio era a Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz (AAALQ).

A Associação foi fundada em setembro de 1903 por estudantes de agronomia, como Licínio Machado, Álvaro de Azevedo, Felinto de Brito, Fernando Lopes e Otto Edmundo Ernesto Behmer, da então Escola Prática Luiz de Queiroz. É uma entidade independente e com diretoria eleita anualmente por alunos de graduação e pós-graduação. Os objetivos da AAALQ são difundir a prática esportiva entre os estudantes da ESALQ e organizar treinos e competições, além de zelar por seu patrimônio material e histórico, um dos mais antigos e ricos do desporto universitário.

Entre as décadas de 30 e 60, o esporte universitário tinha força na mídia impressa, e os torneios universitários eram manchetes dos principais jornais esportivos, como a *Gazeta Esportiva*. Nessa época, jornalistas esportivos cobriam os principais times universitários e notificavam suas conquistas e vitórias.

O jornalista encarregado de cobrir as competições disputadas pelos alunos da ESALQ foi Delphin Ferreira da Rocha Netto, que, por seu amor pela AAALQ, tornou-se seu presidente de honra. Em 1934, Rocha Netto criou o *A Encarnado*, um *A* vermelho heptagonal, inspirado num cachorro buldogue em posição de defesa, simbolizando toda a força e garra dos esalqueanos. Apesar de pertencer à AAALQ, o *A Encarnado*, com o passar dos anos, tornou-se símbolo máximo da ESALQ, sendo reconhecido e respeitado em todo o Brasil.

A AAALQ também foi uma das fundadoras da Federação Universitária Paulista de Esportes, em 1934, e já foi eleita diversas vezes a *Atlética Modelo do Interior*. Entre as inúmeras conquistas da AAALQ, em 98 anos de existência, destacam-se o futebol da década de 40, que conquistou o tricampeonato da cidade, derrotando o XV de Novembro.

Nos anos 50, brilhou o time de basquete da ESALQ. Nos anos 60, o time de beisebol da ESALQ conquistou vários torneios nacionais e internacionais, tendo jogadores convocados para a seleção brasileira. Na década de 80, a AAALQ foi a pioneira do rúgbi em Piracicaba, hoje o time desse esporte na ESALQ acumula vitórias em campeonatos nacionais e internacionais e contribui com atletas para a seleção brasileira. Atualmente, a AAALQ participa de campeonatos que envolvem outras atléticas, além de organizar campeonatos internos.

Mas o ginásio, cenário de tantas competições, não foi apenas um local para esportes. Durante muitos anos o vestibular – que, na verdade, não deixa de ser uma dura disputa – foi ali realizado. Formaturas também aconteceram, e durante os discursos emocionados dessas ocasiões se poderia ouvir uma mosca voar no ginásio, ao contrário da algazarra das disputas desportivas.

Assim, o antigo ginásio, que viu jogarem craques fabulosos, também guarda em suas estruturas a memória de sonhos e emoções tão espetaculares quanto uma vitória em final de campeonato.

## GREVE

Durante os anos do regime militar, não era muito fácil para estudantes de qualquer nível promover greves. Mas antes disso, a greve era um instrumento de pressão usado com certa frequência, que produziu mesmo resultados satisfatórios em muitas ocasiões.

Havia greves legítimas, como as que objetivavam melhorias na qualidade de ensino, por exemplo. Também havia greves políticas, de apoio a reivindicações de outros setores, como o de trabalhadores da indústria, por questões salariais etc. Em algumas ocasiões, as verdadeiras razões, ideológicas, eram mascaradas por argumentos genéricos, com o propósito de convencer as majorias conservadoras.

Nas vésperas da revolução de 1964, houve uma importante greve que durou quase três meses, cuja razão era a participação mais numerosa dos alunos no Conselho Universitário da USP.

Foi um período complicado, e todas as faculdades ligadas à Universidade de São Paulo aderiram à greve. Havia uma permanente troca de informações sobre o que estava acontecendo em cada *campus* e os líderes estudantis faziam grande alarido junto à imprensa, que dava espaço ao assunto.

Na ESALQ, a greve coincidiu com a fase final da construção do CALQ. Assembléias quase diárias aconteciam no anfiteatro inacabado. Não havia cadeiras e os estudantes se sentavam no chão, sobre tijolos empilhados, e toda a área estava cheia de cacos de tijolos, de telhas e restos de cimento.

Como não houvesse som adequado, as assembléias às vezes se transformavam em verdadeiras torres de Babel, com gente tentando impor seus pontos de vista aos berros, sem nenhum entendimento. Os dirigentes do CALQ tinham de fazer verdadeira ginástica para manter a ordem nas discussões; às vezes eles mesmos promoviam o desentendimento para ganhar tempo, quando che-

gavam informações novas de outras escolas.

Aquele foi um tempo de grande aprendizado. Líderes se construíram ali, enquanto falsos comandantes foram desmascarados. O importante, para o CALQ e para a ESALQ, é que os dirigentes acadêmicos se pautaram sempre pelo bom senso e, mantendo claros os objetivos da greve, não deixaram que eles fossem contaminados por outros, de cunho ideológico ou oportunista.

Mas apesar das grandes preocupações para alunos e professores – quase três meses sem aulas –, sempre havia um lado divertido na greve.

Naquele período, um dos casos mais curiosos aconteceu na disciplina de geologia, que era ministrada no segundo ano. Pouco antes de a greve explodir, o professor tinha dado uma prova bastante fácil, porque ainda havia pouca matéria, e bem básica, na qual a totalidade dos alunos se saíra bem, com notas acima de oito.

Veio a greve, que acabou cobrindo a data estabelecida pelo professor de geologia para a segunda prova. Preocupado em cumprir suas responsabilidades perante a secretaria da ESALQ – enviar notas etc. –, o professor chamou alguns representantes dos alunos e propôs a eles que a segunda nota fosse uma repetição da primeira. Todos concordaram, é claro.

Mas a greve continuou e chegou ao final do semestre, ultrapassando também a data da terceira e última prova. Naquele tempo, quem não passasse por média – acima de sete nas três provas – era obrigado a fazer exame. O mestre, constrangido, chamou de novo os interlocutores discentes e lhes propôs que a terceira nota fosse a média das duas primeiras...

E todo mundo passou por média.

## GUERRA

Nem tudo na vida acadêmica era festa, estudo ou política universitária. Podiam acontecer fatos capazes de motivar toda a comunidade estudantil para alguma ação totalmente incomum. Foi o que se passou em um mês de dezembro dos anos 60, quando as aulas normais já haviam terminado, mas muitos estudantes continuavam em Piracicaba para certos finais, como entrega de trabalhos, provas de recuperação ou até mesmo responsabilidades com o CALQ.

Um grupo desses retardatários estava uma noite em um conhecido bar da cidade, chamado Haiti, tomando umas biritas quando, ali pelas 10 horas, foram avisados da presença, no balcão da frente, de um taxista que era *persona non grata* entre os estudantes. Esse taxista, rapaz bastante violento, fazia ponto na zona de prostituição, e poucas semanas antes tinha sido responsável por uma surra aplicada por um grupo de colegas seus em alguns estudantes que, embriagados, tinham criado um pequeno problema em uma das casas da zona.

Explorados pelo *barman* da referida casa, os jovens não quiseram pagar a conta, que acharam exagerada. O tal motorista do táxi, cafetão da gerente da casa, uma veterana puta pouco dada a jogos de amor gratuitos, tomara as dores do garçom. Ofensa pra cá, ofensa pra lá, a coisa virou uma pancadaria danada. Os estudantes, em flagrante minoria, apanharam muito e tiveram de ir embora machucados, explorados e humilhados.

Pois esse taxista, com o carro lotado de putas, havia parado no Haiti e estava comprando umas cervejas para suas clientes. Seu azar foi que, entre os rapazes que bebericavam no bar, estava um dos injustiçados de semanas atrás.

Como a história fosse pública, a aparição do chofer foi considerada uma provocação, embora ele não tivesse nem de longe essa

intenção. Os moços saíram à rua e passaram a ofender o taxista. Valente, ele não se intimidou e, para fazer bonito para suas mulheres, partiu para a gozação, mexendo na ferida da briga passada.

Foi uma besteira. Ofendidos em seus brios e um tanto avançados no etilismo, os rapazes acabaram aplicando uma violenta sova no fortíssimo motorista. Não satisfeitos, quebraram alguns vidros, o pára-brisa e os faróis do carro. Dolorido, o chofer conseguiu sair com o carro, quando avisaram que a polícia vinha vindo, e sumiu. Mas antes de sair, gritou:

— Vocês vão ver uma coisa. Vou buscar minha turma e hoje vai ter morte!

Os moços não levaram muito a sério a ameaça, mas por via das dúvidas resolveram ficar de sobreaviso. E trataram de mandar o recado sobre uma possível batalha para as principais repúblicas onde sabiam haver outros estudantes retardatários.

Não demorou e uma frota de carros desceu da zona. Foi um espetáculo memorável. Os carros eram todos de marca Simca, e passaram a rodear a praça, em grande quantidade, todos cheios de homens sem nenhuma boa intenção. Ao contrário, gritando ofensas e palavrões, chamavam os rapazes para uma briga de grandes proporções. Como já passava das 11 da noite, quase não havia outros transeuntes e os que lá passavam, ao perceber o clima, logo se retiravam.

A polícia tratou de refrear os taxistas e a rapaziada, aproveitando o recreio, correu para as repúblicas. Mas a coisa não parou aí. Os taxistas passavam pelos grupos em debandada e faziam ameaças, as mais violentas.

Finalmente, os rapazes se organizaram e se reuniram, aos poucos, na famosa república Vai Ken Ké. De lá, saíam emissários para as outras repúblicas convocando todos os cidadãos em condições de lutar para a batalha iminente. Por fim, um grande número de estudantes se concentrou na Vai Ken Ké. Alguns poucos tinham até armas de fogo, mas a grande maioria estava munida de paus, tacos de beisebol e cassetetes.

Dando voltas ao quarteirão, os táxis pareciam um bando de tubarões rodeando as futuras vítimas. Os meninos se organizavam, tinham seus grupos com funções definidas e, motivados, cheios de coragem, estavam prontos para tudo. Tanto os estudantes quanto os taxistas estavam prontos para lutar até a morte, se preciso fosse, pela honra de cada lado.

Uma grande batalha iria acontecer, de proporções e consequências inimagináveis, se não fosse a intervenção de um grande destacamento policial. Felizmente a polícia desmanchou a encrenca, determinou aos taxistas que se retirassem, acompanhando sua partida até sua base, e deu cobertura à estudantada, cujos ânimos foram amainando, e o dia amanheceu com as barricadas desertas.

Hoje aquilo parece uma coisa insólita, sem sentido, estúpida. Mas, na verdade, serviu para mostrar o outro lado do fantástico espírito de corpo que sempre reinou no seio da ESALQ. Nem mesmo uma ameaça de agressão física com riscos imprevisíveis foi capaz de rachar esse espírito. Pelo contrário, fortalecia-o, animava-o. E os jovens, unidos, podiam enfrentar qualquer desafio externo.



## **HINO DA ESALQ<sup>7</sup>**

*(Letra e música de Zilmar Ziller Marcos)*

A água, o sol e a terra  
Existem com própria beleza  
As plantas silentes e sempre,  
Sustêm equilíbrio  
Dos ciclos da natureza.

Plantar, criar e conservar.  
A ESALQ existe pra ensinar;  
Cumprindo missão vitoriosa.

---

<sup>7</sup>O Hino da ESALQ foi apresentado pela primeira vez na sessão solene de colação de grau da turma de 1978.

Vem inspirar deusa Ceres,  
Os filhos da gloriosa,  
Que partem pelo Brasil,  
A propalar de norte a sul,  
Cumprindo missão vitoriosa.

Plantar, criar e conservar.  
A ESALQ existe pra ensinar;  
Cumprindo missão vitoriosa.

## HINO DO AGRICOLÃO

*(A melodia foi inspirada na "Canção do Exército," mas quem teria sido o autor dessa irreverente letra?)*

Nós somos da agronomia  
Fiéis paus-d'água  
Que porcaria  
Andamos sempre de bonde  
Com o juízo  
Não sei aonde.

Mas quando as coisas se apertam  
E nós pensamos no amanhã  
A turma toda padece  
Quando floresce o flamboyant.

A pinga queremos com limão  
Mulheres (os homens) com muita animação  
Porém, se a Pátria Amada  
Precisar do Agricolão  
Ai, ai, que papelão.  
Como é sublime  
Beber uma Brahma  
E depois puxar uma palha  
Numa bela дума grama!  
Amor febril  
Pelo barril  
Não há quem possa  
Com a turma nossa!

A pinga queremos com fervor  
Mulheres (os homens) com muito mais amor  
Porém, se a Pátria Amada  
Precisar da *agricolada*  
Putá merda, que cagada!

...

"Nesses novos tempos da revolução das comunicações,  
que tal de vez em quando embalar as novas gerações  
com uma singela homenagem à nossa Deusa Ceres?"

"Nós somos da Agronomia  
Fiéis a Ceres  
Todos os dias  
Andamos na internet  
Com a deusinha  
No *mouse pad*."

## HINO DO XV DE NOVEMBRO<sup>8</sup>

*(Hino composto por Anuar Kraide e Jorge Chaddad)*

Salve XV de Novembro,  
Glorioso esquadrão!  
Na vitória ou na derrota  
Está em nosso coração!

No basquete e no futebol  
É motivo de vaidade,  
Pioneiro da lei do acesso,  
Engrandece nossa cidade!

Vamos XV para frente,  
Outra vitória conquistar!  
Destemido e valente,  
Só nos pode orgulhar!

Vamos XV para frente,  
Outra vitória conquistar!  
A torcida está presente  
Para sempre incentivar!

XV! XV! XV!  
Vitória!

---

<sup>8</sup>O XV nasceu em 15/11/1913 da fusão de duas agremiações. "Naquela época, os futebolistas que não pertenciam aos quadros formados pelos alunos da Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz outra coisa não desejavam senão organizar um time capaz de derrotá-los". O XV de Novembro foi o primeiro time do interior a ingressar na primeira divisão do futebol paulista (*in Memorial de Piracicaba Século XX*, de Cecílio Elias Netto, 2000).



## HAITI

Já se falou aqui da importância dos botequins na formação do agrônomo, especialmente do esalqueano, pelo clima de cordialidade e de franqueza neles imperante.

Mas os bares tinham também – em outro nível, é óbvio – uma função adicional: a de sedimentar namoros. É claro que o romance não floresceria nos botequins onde a rapaziada ia encher a cara, porque eram locais sem nenhum clima para o idílio. Mas havia muitos bares com essa capacidade de atrair moços para uma cerveja civilizada e moças para mesas menos etílicas. E, ao fim, a inevitável e deliciosa integração de gêneros acontecia.

Por muitas décadas houve um bar com essa característica, na Rua Moraes Barros, bem pertinho da praça central de Piracicaba, o Haiti. Com uma larga porta para a rua, de onde se via o balcão que servia café, salgados e sorvetes, além de refrigerantes e cerveja, tinha mais para dentro um grande salão com dezenas de mesinhas onde a meninada se encontrava, sobretudo aos finais de semana, depois do tradicional *footing* na praça, onde os primeiros olhares trocados sinalizavam promessas ou sonhos.

Pois bem. No Haiti começou um caso muito rumoroso, provocado pelo pão-durismo de um estudante que era professor do cursinho para os *protobichos*. Nessa condição, o rapaz era muito mais bem abonado que seus colegas, mas era o maior *muquirana* da ESALQ, e essa característica foi flagrada em um sábado em que ele levou a namorada e o cunhadinho ao Haiti.

Já naquela época, cunhado não era parente nem boa gente. Mas era uma obrigação: muitos pais desconfiavam, com razão, dos jovens estudantes, e só deixavam as filhas saírem com os namorados se levassem a *vela*, isto é, o cunhadinho.

Pois esse usurário professor de cursinho foi ao Haiti em um sábado e teve o desprazer de dividir dois guaranás entre ele, a namorada e o cunhado. Dois guaranás para três pessoas! Era o cúmulo da sovínice – e sem salgadinhos, docinhos nem quitute nenhum. Tal atitude, notadíssima pelos estudantes das demais mesas, todas mais fartas embora ocupadas por bolsos mais vazios, acabou provocando uma reação inesperada na segunda-feira seguinte.

Um grupo de testemunhas oculares do fato explicava a um grupo maior, que estivera ausente do sábado haitiano, a imensa sacanagem do professor, quando alguém declarou que aquilo merecia uma lição. Não é necessário dizer que tal conversação se passava em um boteco cervejeiro, e já diversas rodadas haviam acontecido. Independente disso, ou por causa, a proposta foi unanimemente aceita.

Preparou-se a ação e, em pouco menos de meia hora, uns 20 estudantes metidos em diversos fuscas e variadas fantasias dirigiram-se, alvoroçados, para o pavilhão de química da ESALQ, onde o desastrado pão-duro dava sua aula para os candidatos a *bichos*. Em segundos, invadiram a sala de aula e enrolaram o assustadíssimo colega-professor-de-cursinho em um cobertor, retirando-o da classe. Simultaneamente, um dos líderes do assalto subiu à mesa do anfiteatro e fez um eloqüente discurso contra a sovínice e a favor da vagabundagem, dispensando a molecada daquela aula.

Em seguida, levaram o professor assim mumificado para local ermo e o ameaçaram, fazendo-o jurar que, doravante, trataria o nobre cunhadinho (um conhecido *pentelho*) com a maior grandeza de comes e bebes. Feito o juramento, o infeliz foi solto,

enquanto os alunos, entre perplexos e felizes, saíam a comemorar a folga.

Funcionou. Daí para frente, temendo a ameaça de retaliações piores, o professor se tornou um mecenas do cunhado.

E o Haiti um templo das *velas*.

## HECTARE

As excursões dos estudantes da ESALQ sempre foram valiosas para abrir seus horizontes: conhecer lugares, instituições, pessoas, programas, projetos, realizações; intercambiar experiências com estudantes de outras faculdades; aprender culturas, hábitos, religiões. Tudo isso tem sido, ao longo da história esalqueana, motivo de progresso e avanços pessoais, e não apenas para os jovens, mas também, muitas vezes, para os professores que chefiavam as diversas delegações.

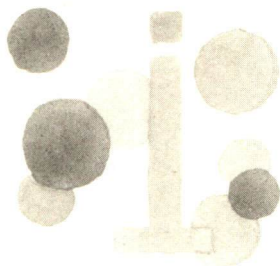
Felizmente, na outra mão, os filhos da “Luiz de Queiroz” também têm levado, aonde quer que tenham ido, seus próprios conhecimentos, contribuindo para o crescimento de terceiros.

Mas é claro que nem sempre é assim. Às vezes, a gandaia é tamanha que acaba transformando a viagem em um tormento para os mestres, porque o comportamento da rapaziada provoca mal-estar e reação negativa em algumas pessoas das instituições visitadas. Depois fica difícil reconquistar a confiança perdida e as turmas futuras sofrem as conseqüências disso, se visitam o local. Pior ainda: há casos em que se demonstra tanta ignorância, que se coloca em risco o bom nome dos mestres de Piracicaba.

Há centenas de exemplos disso, mas talvez nenhum deles seja tão humilhante quanto o de certo estudante em uma excursão ao Rio Grande do Sul. Estavam os alunos assistindo a uma palestra de um pesquisador gaúcho entusiasmado com seus resultados, que mostrava o comportamento de determinada cultura: os custos de produção, o desenvolvimento, a resistência a pragas e moléstias e, sobretudo, a produtividade por hectare.

Naquele tempo, em São Paulo se falava ainda em alqueire como unidade de área. Depois de meia-hora de explanação, o aluno perguntou, muito sério:

— Mas doutor, hectare gaúcho ou paulista?



## INOCÊNCIA

A inocência cedo se instala,  
Mora conosco na república,  
Segue a gente na sala de aula  
Feito cão perdido na rua.

Erosão que vem com a chuva  
A inocência é como a pintura:  
Perde a cor, o brilho e o viço,  
Trinca, quebra, resta no lixo.

Por mais que apareçam as rugas  
Na viagem diária das dúvidas,  
Se não tens o peso da culpa  
Restará alguma candura.

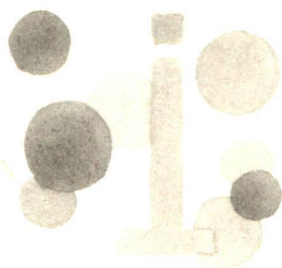
## INTEGRAÇÃO

São gente vinda de perto ou longe,  
Cidades de um mesmo horizonte,  
Barra do Bugre, Jaú, Turiúba,  
Um ano de chegada, uma turma.

Veteranos e *bichos* dão o ritmo  
A vida flui dispersa no início,  
Pensamentos soltos, tão diversos,  
São temperados nas conversas.  
O indivíduo aprimora seu íntimo  
Crescem o cidadão e o coletivo.

Na vida vivida na ESALQ  
A integração é o estado-da-arte,  
Arquitetura de convivência  
Do homem que sabe o seu espaço,  
Do moço que transforma o seu tempo  
Com muito esforço e paciência.

Na vida em grupo, instante mágico,  
Integrar-se é combinar o vários  
Sem misturar as cuecas no armário.



## IDENTIDADE

Um grupo de moradores da república sorocabana resolveu fazer uma grande festa; mas deveria ser uma coisa diferente. Nada de roubar galinhas ou cabritos. Era preciso inventar uma comilança diferenciada. Depois de algum debate, a opção foi fazer uma patada, um grande jantar à base de pato. Logo a seguir a questão: mas onde encontrar patos para roubar? Afinal, pelo programa feito, seriam necessários uns 10 desses animaizinhos. Até que alguma lúcida mente indicou o objetivo: o pateiro da Escola. Seria ótimo, pensaram, uma dupla satisfação, fazer uma festança e, ainda por cima, com peças do criatório da ESALQ.

Duplo risco, o da empreitada: na Escola havia guardas nos diversos departamentos e seria preciso enganar o guarda de plantão naquela noite. Ah, mas havia plantão? Então, o segredo era fazer o roubo exatamente na troca do plantão, uma vez que isso era feito no portão principal, de maneira que por uns 15 minutos o pateiro ficava desguarnecido.

Por duas noites a molecada estudou e aprendeu – oh, como se aprende fácil a arte da sacanagem – o horário da troca dos guardas.

Na terceira noite, uma quinta-feira, puseram mãos à obra. Na

maior escuridão, um grupo de 10 rapazes invadiu, sorrateiro, a área de avicultura por um portão secundário e, muito mais rapidamente do que os 15 minutos disponíveis, cada qual saiu com uma belíssima – e pesada – presa.

Só quando chegaram à república iluminada se deram conta de que os espécimes subtraídos eram elegantes marrecos de Pequim. E pior, todos tinham anéis numerados em uma das pernas; eram, portanto, objeto de alguma pesquisa em andamento na cadeira de avicultura.

Paciência, pensaram. Ninguém queria roubar animais de pesquisa mas, eliminados os anéis, os marrequinhos ficaram muito apetitosos e depená-los foi um processo rápido e alegre, acompanhado da ingestão de algumas doses de *brabma da antarctica*.

Tudo estava indo muito bem quando um dos republicanos, em desespero, se deu conta que havia perdido sua carteira de identidade. Apavorado, pensou que ela tivesse caído durante a operação Pequim, e alertou os companheiros.

Não deu outra. No dia seguinte, o infeliz foi chamado à diretoria. Um guarda encontrara a carteira bem no portão do pateiro, o que identificava o ladrão – ou um dos – dos marrequinhos. Foi uma tragédia, porque ia dar, na certa, uma expulsão.

Mas, ó solidariedade, os 10 resolveram ir juntos à diretoria, imaginando que assim poderiam reduzir a pena. A eles se juntaram os demais moradores da Soroca, e a todos mais alguns esalqueanos useiros do furto de galináceos. Por fim, conclamaram o presidente do CALQ, um espertíssimo político, a liderar o grupo. E lá se foram, umas 25 pessoas incorporadas, ao encontro do diretor.

Que era um homem notável, Hugo de Almeida Lima, catedrático da mecânica, o mais jovem catedrático que a ESALQ jamais tivera. Doce, talentoso, amigo dos alunos, democrata por natureza, chegaria mais tarde a ministro da Agricultura, o segundo ministro do presidente Castelo Branco.

O que ninguém sabia, salvo o presidente do CALQ, é que era aniversário do querido doutor Hugo. Guardou a informação só para si – era seu zape.

Depois de uma tormentosa e longa espera na ante-sala da diretoria, finalmente foram chamados ao encontro do diretor. Este, com o semblante carregado, sério, sequer cumprimentou os alunos, ao contrário do normal. Olhar dardejante, levantou-se, dedo em riste, e começou:

— Senhores, estou muito irritado...

Mas não conseguiu prosseguir. O presidente do CALQ, de inopino, tomou da palavra:

— Doutor Hugo, antes que o senhor diga qualquer coisa, permita-me, em nome de todo o corpo discente da ESALQ, cumprimentá-lo pelo seu aniversário na data de hoje. O senhor é o nosso chefe — e tome blabláblá.

Fez um discurso empolgado, emocionado, de felicitações ao diretor que, tomado de surpresa, divertido com a iniciativa, não perdeu o rumo. E, com um sorriso aberto e contagiante, chamou o secretário e ordenou:

— Traga um cafezinho aqui para os moços.

Tudo terminou em paz, com uma boa reprimenda. E uma boa patada...

## INTEGRAÇÃO

Uma das mais interessantes vertentes do espírito de corpo esalqueano é a integração, através da qual alunos, ex-alunos, professores, funcionários e outras entidades de representação sempre buscam ações em comum, sob a égide da solidariedade.

Um fantástico exemplo dessa integração foi dado pela antiga Sociedade Paulista de Agronomia, hoje Aeasp, no calor da revolução de 1964, quando se lutava pela reforma do ensino agrônomico. Naquela ocasião, criou-se na SPA um cargo de diretor (sem direito a voto) para estudantes de agronomia e, a partir dessa representação, surgiu uma comissão mista para tratar da reforma do ensino.

Notícia publicada no jornal *O Arado*, órgão oficial do CALQ, em 1º de junho de 1964, explicava bem a questão:

“Integração SPA – CALQ

Com a ascensão à Diretoria da Sociedade Paulista de Agronomia, após as últimas eleições, da chapa encabeçada pelo Dr. José Calil, instalou-se naquela entidade uma nova época de trabalho; ou melhor, uma época de trabalho efetivo, principalmente no sentido de bem proteger e regulamentar a profissão por nós abraçada.

A par com esta nova era de trabalho, deu-se ainda, e isto é o mais importante, a instauração de uma nova mentalidade, muito mais aberta, mais ampla, mais liberal, de gente sincera e honesta, idealista e capaz, desimbuída de quaisquer sentimentos falsos ou demagógicos.

Esta nova mentalidade, este espírito novo de luta franca, trouxe muitas modificações na maneira de atuar da SPA. Seria enfadonho enumerar aqui a grande quantidade de sóbrias medidas administrativas já tomadas pela novel diretoria.

Assim, pois, iremos colocar aqui aquele ponto que apresenta

maior importância para nós, acadêmicos de Agronomia: a integração positiva e efetiva, entre esta Sociedade de Classe e o nosso Centro Acadêmico. Integração esta que só foi possível, devido à arejada mentalidade que hoje rege as resoluções da SPA, onde moços como Antonio Piteri, Sérgio Vergueiro, Luis Alberto Moreira, César A. Canto vêm demonstrando, claramente, com seu entusiasmo e abnegação, que na mocidade agrônômica repousam fabulosos potenciais de luta em prol de melhorias em todos os setores da nossa classe e da Agricultura em geral. Tendo chegado a esta conclusão, o Dr. Calil e seus companheiros não hesitaram em passar por sobre aquele 'DOGMA' antigüíssimo, arraigado na mentalidade de nossos antepassados, segundo o qual 'estudante foi feito para estudar, e, se um estudante se imiscui em assuntos que não lhe dizem respeito, fá-lo apenas para provocar a desordem e o caos...' E, deixando para trás este troglodita conceito sobre o estudante, deram um passo gigante, no sentido de aproximar os estudantes de Agronomia dos seus 'proximamente' futuros colegas; convidaram o CALQ, para que se fizesse representar, oficialmente, junto à Diretoria da SPA

Caros colegas. Atentem bem para a importância e o significado elevadíssimo desta decisão; partindo da premissa (para nós jubilosa) de que o estudante está realmente interessado em participar das resoluções da cúpula no equacionamento dos problemas máximos de nossa classe, e de que já tem gabarito e amadurecimento suficiente para tal, o Sr. Presidente na SPA convidou um representante do CALQ para fazer parte da Diretoria deste órgão máximo da Agronomia Paulista.

Eis aí uma grande vitória dos acadêmicos de Agronomia, vitória que deve ser encarada sob dois ângulos:

a) a compreensão (finalmente), por parte dos nossos superiores, de que já temos condições de lutar lado a lado com eles;

b) o que é mais importante, o magnífico entrosamento hoje existente entre SPA/CALQ;

c) com este entrosamento, patente devido à autêntica participação do representante do CALQ que comparece a todas as reuniões da Diretoria, semanalmente, em São Paulo, inúmeros benefícios vimos auferindo. Assim, além de ficarmos a par e discutirmos de igual para igual problemas referentes à classe em geral e participarmos ativamente das suas soluções, há aspectos de cará-

ter mais particular, de suma importância para nós. É o caso da Comissão de Ensino da SPA, criada por sugestão nossa, para discutir problemas do nosso ensino e equacioná-los; é o caso do encaminhamento, aos canais competentes, dos nossos problemas de estágio de férias remuneradas e bolsas de estudos; é o caso da valorização dos nossos cinco anos; é o caso de admissão de agrônomos no Serviço Público, problema que a SPA nos ajuda a resolver... e tantos outros.

Enfim, graças a essa integração, contamos hoje com mais um trunfo nas lutas pela concretização de nossos ideais. Além disso, a atitude da SPA nos elevou no conceito dos mais altos mentores da Secretaria da Agricultura, que, hoje, já vêm a Piracicaba para, em nossa Casa, debater problemas nossos, e ajudar-nos em nossas reivindicações.

Urge, pois, uma compreensão por parte dos nossos colegas, da importância desta representação, de quanto isso significa para nós acadêmicos: foi depositada, nos acadêmicos da "Luiz de Queiroz", uma grande e lisonjeira confiança. Há agora que corresponder a ela. E nisso, devemos estar conscientes e unidos."

Como se vê, a integração sempre foi uma marca registrada da ESALQ.

## IRREVERÊNCIA

Própria da juventude, a irreverência dos estudantes da ESALQ chegava a extremos perigosos. Em geral bem-humorada e divertida, às vezes o exagero causava constrangimento e mal-estar.

Nos *shows* que o CALQ organizava anualmente, os alunos faziam piadas com os professores e dirigentes da Escola, imitando-os de modo galhofeiro. Não havia aí ofensas nem intenção de ridicularizar quem quer que fosse e todo mundo se divertia; menos, é claro, alguns dos retratados, que não aceitavam as brincadeiras, o que dava ainda mais graça a elas.

Alguns mestres cometiam mesmo suas besteiras, dando azo às gozações.

Nos anos 30, havia um professor de economia um tanto surdo, o que já era motivo para as mais engraçadas confusões. Certa vez, ele perguntou aos alunos quais eram os três fatores para a produção agrícola. Alguém gritou:

— Terra.

O mestre pediu para falarem ainda mais alto. E o berro veio:

— Teeerra.

O mestre escutou e elogiou. E outro aluno esgoelou:

— Capital.

O mestre sorriu satisfeito, tanto por ter escutado quanto pela correção da resposta. E perguntou:

— Qual o terceiro?

Foi aí que um moleque falou baixo, apenas o suficiente para os colegas vizinhos escutarem e rirem:

— Caralho.

O professor, tragédia, escutou, mas não percebeu de onde viera a palavra. Irritado, perguntou quem tinha falado. Foi um susto geral, ninguém se moveu. Como poderia ele ter ouvido aquilo?

Mudos de espanto, esperaram pelo pior, enquanto o mestre exigia que o azarado se acusasse.

Finalmente, como ninguém se apresentasse, o velho sorriu e disse, complacente:

— É isso mesmo, filhos, trabalho...

E a irreverência acabou em festa.

Nas décadas de 20 a 40, era hábito banhar-se no rio Piracicaba, como esporte, para praticar natação e saltos, e até para competições. Para isso, estava um grupo de estudantes tomando fôlego em uma plataforma armada no meio do rio, quando um professor chegou nadando. Subiu ao deque e perguntou:

— Algum dos senhores teria aí, por acaso, uma tesourinha de mão?

Ora, só esculachando tal figura.

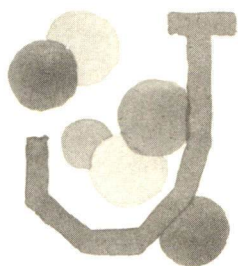
Outra vez, já nos anos 60, um temido professor de meteorologia montava um experimento de evapotranspiração, uns aparelhinhos que pareciam cogumelos, para medir o fenômeno na área no *campus* da ESALQ. Pois todos os dias, religiosamente, antes do amanhecer, um aluno brincalhão ia ao experimento e urinava nos aparelhos, só um pouquinho, só para atrapalhar. E como atrapalhou!

Mas não era apenas com os professores que se manifestava a irreverência. Os alunos às vezes provocavam também a sociedade piracicabana, nem sempre com graça.

Nos anos 50 havia um estudante alto, apelidado de Big John, dono de uma motocicleta e bem doidão. Uma vez, apostou que passaria nu, de moto, em frente à saída do cinema. Era um tempo em que não havia novelas na televisão, a qual por sinal não tinha lá grande qualidade, de modo que o cinema era de fato o elemento de lazer das famílias piracicabanas.

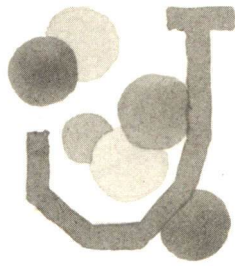
Feita a aposta, o Big John, só de botas, passou voando pela saída de uma sessão noturna do Cine Palácio, um dos melhores da cidade. É lógico que o escândalo saiu até nos jornais. O que o Big John não sabia é que se transformaria no precursor das famosas “chispadas”, corridas rápidas que os *bichos* de hoje devem dar, pelados, durante o trote.

Essas brincadeiras, por mais provocativas que fossem, eram saídas, comparadas com a violência que hoje acontece em certos centros universitários. Não havia maldade, apenas uma alegre maneira de armar confusões.



## JUVENTUDE

Farinha do mesmo saco,  
A juventude e a inocência  
Andam sempre lado a lado  
São como irmãs siamesas  
Que um dia se desprendem  
Mas seguem vivas, inteiras,  
Se a maturidade é plena.



## JOGATINA

José Marcos foi passar as férias com os pais na Itália, de onde trouxe uma roleta em miniatura. Mas que funcionava. E cometeu o desatino de levá-la à república, onde ensinou as regras à rapaziada.

Como se poderia prever, os monstros resolveram organizar um cassino na república. E o fizeram. Pintaram na grande mesa da sala de jantar todos os detalhes do pano verde e instalaram a roletinha em uma extremidade da mesa. Jogaram e se divertiram muito umas três noites, só os moradores. Mas resolveram ampliar a jogatina como forma de melhorar, por assim dizer, o orçamento da república.

Estabeleceram as regras. Cada noite, um quarto seria a banca, para que todos tivessem a chance de ganhar algum, uma vez que a banca, sempre, sempre e sempre, é vitoriosa. Deram valores às fichas, que mandaram fazer de madeira de diversas cores, de maneira que cada jogador pudesse comprar um cacife de acordo com seu poder aquisitivo.

Naturalmente, a república criou um pequeno bar, que vendia apenas cachaça e um certo uísque venenoso chamado Park Lane, produzido lá mesmo em Piracicaba, à base de iodo e cicuta. Mas

era barato e subia que nem papagaio em tarde de vento.

Avisaram às repúblicas amigas que inaugurariam o cassino. Sorteados os quartos, definiu-se a ordem segundo a qual cada dupla de moradores assumiria o papel da banca. Um dos dois rolava a roleta e soltava a bolinha. O outro acompanhava o jogo e recolhia ou pagava as fichas.

A primeira noite foi uma beleza. Só havia estudantes amigos de repúblicas conhecidas, a curiosidade era muito grande e o prazer do jogo inebriava, alimentado, é claro, por generosas doses de Park Lane. Os companheiros de quarto que funcionaram como banca conseguiram uma boa nota, o equivalente a duas mesadas – e isso em uma única noite. O bar não deu grande resultado devido aos tradicionais *penduras*, mas ficou no azul.

A segunda noite foi mais difícil. Apareceram alguns *bicôes*, penetas que sequer eram estudantes, beberam mais que o normal e criaram uns probleminhas. Tudo resolvível. Mas, depois das duas da manhã, horário de fechamento da zona, um lote de putas veio fazer uma fezinha; traziam seus cafetões, o que piorou a situação. Isso tudo fez com que os moradores da república estabelecessem uma regra nova. O cassino fecharia às duas, para evitar a banalização de tão nobre função.

Não funcionou. Na terceira noite, foi uma enchente. A notícia correra, e lá pelas 10 horas havia estourado a boca do balão. Vieram putas de todos os calibres, gigolôs e proxenetas, aventureiros e desgarrados que lotaram a casa e a rua. A ralé tomou conta da jogatina e os moradores, assustados, sem qualquer estrutura de segurança ou de controle, viram chegar malandros trazendo suas próprias garrafas a tiracolo, agitadores que faziam tremer a calçada de fora, porque não havia mais espaço dentro da casa. Foi um terror.

Salvaram-nos os vizinhos que, apavorados ante a louca balbúrdia, chamaram a polícia. Esta, pela primeira vez redentora, confiscou a roleta e lacrou o cassino, sem maiores conseqüências para os estudantes.

Saldo da aventura: dois quartos ganharam uma boa nota, posteriormente rateada entre todos, dada a impossibilidade de cada um fazer seu pé-de-meia. E a república teve um lucrozinho com a farra.

Sobrou, de lembrança, a mesa pintada. Anos a fio, depois disso, a estudantada comeu sobre o pano verde.

## JOGO DO BICHO

A maioria das pessoas fica imaginando como funciona essa coisa misteriosa chamada jogo do bicho. No maior informalismo possível, uma rede gigantesca e poderosa se arma, em cima de pedacinhos de papel sem nenhuma garantia de origem. Numa época em que palavras como rastreabilidade e certificação são simbólicas da necessidade de organização formal, é inacreditável que o jogo do bicho siga sua rota *underground* sem sinais de esmorecimento.

Pois em Piracicaba, como em qualquer outro lugar do país, o bicho corria solto. E a estudantada apostava para valer. Havia, é claro, os especialistas, aqueles que faziam estatísticas dos resultados e acompanhavam dia a dia as probabilidades das apostas. Esses eram consultados pelos colegas que queriam fazer uma fezinha por causa de algum palpite ou superstição.

Houve também um bedel que fazia o jogo para a rapaziada, facilitando assim o trabalho de todo mundo: no intervalo das aulas, o Tito era procurado pelos interessados e resolvia os problemas de cada um.

Uma vez, um dos chamados especialistas foi a uma reunião, numa sexta-feira à noite, na qual estavam dezenas de esalqueanos de diversas repúblicas e também da Casa do Estudante. Conversando inadvertidamente, contou que fazia uns seis meses não dava o coelho na cabeça. E que havia grandes probabilidades de dar o bichinho proximamente.

No dia seguinte, um sábado, aquela informação correu por toda a Escola como um rastilho. Todo mundo resolveu jogar no coelho; mesmo quem nunca havia arriscado um tostão no bicho. Foi uma enchente. O coelho estava na boca e na cabeça de cada rapaz

Deu o coelho.

Foi uma coisa fantástica: muitos meninos dobraram e até triplicaram suas mesadas, dependendo do valor jogado. Mas o fe-

nômeno foi tamanho, todo mundo gastando a valer nos botecos naquele sabadão delicioso, que por muitos anos, quando alguém recebia alguma ótima notícia, logo se comentava:

— Deu coelho na cabeça.

Só quem não gostou foi o bicheiro: quase se arrebentou com o distinto roedor.

## JOGOS PERIGOSOS

Grande história tem o XV de Piracicaba, seja no futebol, seja no basquete. E com longa – e muitas vezes conturbada – relação com os esportistas e estudantes da ESALQ.

No basquete, houve um tempo em que o XV era o maior. Nele jogavam atletas formidáveis que marcaram sua época, como Wlamir, Pecente, Valdemar, Mané, Nascimento, Ênio, Zé Carlos. Vários craques esalqueanos jogaram no XV, como Vadilo, Zé Obinha, Moraes e o técnico dos esalqueanos, por muitos anos, foi Zé Carlos, depois que deixou o profissionalismo. No basquete, portanto, a relação com *A Encarnado* foi muito positiva.

Não foi sempre assim, porém, no futebol. Alguns estudantes de fora torciam por outros times. E, no campo velho, na Rua Regente Feijó, quando havia jogos do Palmeiras, Corinthians, dos times de Campinas – Guarani e Ponte Preta, ou de Ribeirão Preto – Botafogo e Comercial –, o pau quebrava às vezes, e esses moços se envolviam na briga. Com isso foi surgindo um pequeno grupo de estudantes que torcia contra o XV, não se contentando em torcer a favor de seus times. Eles se deliciavam quando o XV perdia.

Quando o time estava bem – e houve várias ocasiões em que isso aconteceu (tempos do Gatão, Tanga, Santo Cristo, Xixico, Rodarte, Canarinho, Fernando, Cardinalli, Idiarte, Chicão, Orlando Maia, Fifi, Nilo, entre outros, sem respeitar a cronologia) –, o embalo dos nativos de Piracicaba acabava motivando até esses inimigos do time, e todos iam aos jogos para assistir ao espetáculo dos bons atletas.

Mas quando o time ia mal, a torcida contrária crescia e aparecia.

Houve um evento que quase terminou em desastre. O XV estava muito mal e jogava numa noite de quarta-feira em São Paulo contra o Palmeiras. Se perdesse, cairia para a segunda divisão, pela primeira vez em sua história; se empatasse, estaria salvo. A

tensão na cidade era grande e ninguém admitia a vergonha do rebaixamento. Era um sentimento natural, dadas as heróicas tradições de tantas décadas do Nhô-Quim. Mas o time levou uma goleada e foi rebaixado. A noite em Piracicaba foi tumular: profunda consternação, decepção e tristeza. A cidade mergulhou no silêncio das grandes tragédias; ninguém saiu às ruas.

De repente, bem tarde, já no começo da madrugada, um ensurdecido espocar de fogos de artifício. Em poucos segundos, rápidos, dezenas de morteiros e rojões explodiram, hediondos: o temerário estudante apelidado Barba, inimigo do XV, estuprou o silêncio com seu bombardeio comemorativo, no escondido quintal de sua república.

Só os vizinhos achavam que o tiroteio vinha de lá. Mas o Barba, que estava sozinho em casa, se mandou antes que qualquer pessoa chegasse. Assim, ninguém conseguiu provar a origem do alarido, porque o portão estava fechado e a casa, às escuras. Uma pequena multidão irada ficou rodeando a área; mas, sem certeza de onde saíra o barulho, não teve outra saída que se recolher e amargar a raiva adicional.

Não foi uma boa ação, pois mostrou apenas um lado da questão, o da idiossincrasia, quando, na verdade, o XV tinha o respeito e a amizade da imensa maioria dos esalqueanos.

## JORNAIS

Na famosa república Mosteiro havia um grupo de esalqueanos intelectualizados. Ficava próximo à biblioteca e quase todos os seus integrantes, no horário do almoço, corriam à biblioteca para ler os jornais do dia.

Era uma disputa acirrada, mas os colegas eram generosos: os que chegavam antes escolhiam os jornais mais disputados, liam as notícias de mais interesse e os liberavam para os retardatários. E durante a hora do almoço compartilhavam as notícias: havia os que sabiam mais de política, outros de economia, outros de esportes e assim por diante. Era uma convivência civilizada, a desse grupo de leitores.

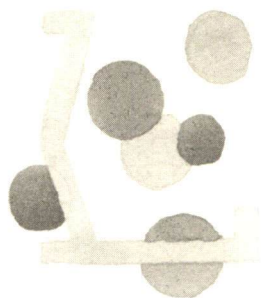
Mas, é claro, nem todos estavam dispostos a perder alguns minutos do descanso do meio-dia e correr para ler. Pelo menos, não todos os dias. Entre esses destacava-se um pacato estudante apelidado de Agapeagá, iniciais de uma namorada cujo amor não progrediu. Destacava-se porque não lia muito e também por seu fantástico ouvido seletivo. No seu tempo, a zona era servida por velhos táxis Mercedes-Benz, de motor de dois tempos, conhecidos como *biribinhas*, de ruído muito característico quando o motor rodava em ponto morto: um monótono e monocórdio tu-tu-tu-tu-tu.

Quando a zona fechava, de madrugada, muitas moças de vida airada desciam para terminar a noite em repúblicas, e vinham de *biribinha*. Pois o Agapeagá, por mais profundo que fosse seu sono, despertava imediatamente com o barulho de dois tempos e já ia se levantando para receber as companhias, enquanto se levantava também seu igualmente destacado instrumento lubrifico, tão violento que era conhecido como *Naja*.

Pois essa figura raramente ia à biblioteca para ler os jornais. Mas certo ano, a biblioteca resolveu instituir um prêmio para os mais assí-

duos leitores e, para tal, colocou um livro de pesquisa à porta de saída, no qual os freqüentadores apunham seu nome, data e horário da visita. Não deu outra: todos os monges (assim eram chamados os habitantes do Mosteiro) diariamente assinavam o nome do iletrado *estrovengoso*, de modo que este aparecia várias vezes por dia nos registros.

E, é lógico, no fim do ano ganhou o prêmio.



## **LUIZ DE QUEIROZ<sup>9</sup> – I**

*(REALIDADE E SONHO)*

Do Brigadeiro Luiz Antonio, o neto,  
Do Barão de Limeira, o filho foste,  
Nascido em mil e oitocentos, doze  
De junho do ano de quarenta e nove,  
Na cidade que foi seu berço e sorte,  
São Paulo, para muitos destino e norte,  
Onde teu corpo baixou após a morte  
No aniversário de quarenta e nove.

Aos oito, a Europa foi teu caminho.  
Por que os estudos, longe, tão cedo,  
Se na infância o teu prazer e desejo  
Acendiam nas fazendas do Brigadeiro,  
Pisar a terra como tantos meninos?  
O navio guarda o futuro em segredo,  
Tens medo do escuro que se avizinha:  
"Posso, pai, levar o meu passarinho"?

Graduado nas ciências agrárias  
 Na França e Suíça, vivências raras,  
 De regresso ao Brasil de atraso vasto  
 Na cidade, na lavoura e no pasto,  
 Ceddo o rapaz o engenho pôs em prática.  
 Chegando à vila de Piracicaba  
 Viu no salto do rio a força prima  
 Para mover o progresso e turbinas.<sup>10</sup>

"Se por aqui não há matéria-prima  
 Plante-se algodão por iniciativa;  
 Se a praga ataca e a lavoura dizima  
 Eu pago ao produtor um preço acima".  
 Antes de Noel e sua obra-prima  
 O "apito da fábrica de tecidos"<sup>11</sup>  
 Alegrou a moça tão decidida  
 A ter seu primeiro emprego na vida.

Assim Lulu começou sua sina:  
 Foi republicano de carteirinha,  
 Pesadelo para os escravocratas  
 Ergueu um palacete a Ermelinda  
 Fez de Pira cidade iluminada  
 Antes de São Paulo e de tantas plagas.

Mas o desejo de maior quilate  
 Estava por vir, feito fogo que arde.

<sup>9</sup>Vide a "Cronologia de Luiz de Queiroz e da ESALQ", neste livro.

<sup>10</sup>A Fábrica de Tecidos Santa Francisca é de 1876 e a Usina Elétrica é de 1893. Vide a mencionada cronologia.

<sup>11</sup>Noel Rosa, o genial criador de *Três Apitos*, nasceu em 11/12/1910 e morreu aos 26 anos, em 4/5/1937, deixando cerca de 200 composições.

## **LUIZ DE QUEIROZ – II**

*(SÃO JOÃO DA MONTANHA)*

Neste pequeno pedaço de terra  
Soltei a semente solitária, aflita,  
Finquei a estaca de aroeira, rija,  
Na estrebaria acolhi a novilha.

Cantei uns tantos sonhos distantes  
Chamei uns poucos mestres de longe  
Trouxe-os até São João da Montanha  
Joguei a semente, temperei a fibra.

Se me têm como visionário ou louco,  
Não importa, meu sonho é vasto:  
Sei que vou morrer antes do broto  
Sei que vou partir antes do parto.

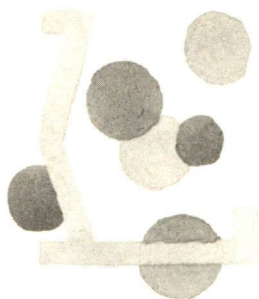
Mas fica aqui na sesmaria antiga  
O nascedouro da Escola Agrícola  
No colo de São João da Montanha  
Haverá de crescer o saber, o sonho.

## **LUIZ DE QUEIROZ – III**

*(MAUSOLÉU, PARA SEMPRE)*

Oh! como a distância desconsola  
Se se separa o criador de sua obra;  
Da morte só sessenta e seis anos após,  
Teus restos reatam a linha ao retrós,  
Nesse mausoléu a vida se renova  
Sob a chuva, o sol e o firmamento,  
O epitáfio simples é do amor a prova:

“A Luiz Vicente de Souza Queiroz  
O teu monumento é a tua Escola”



## LIVRO

Há uma turma, a dos formados em 1965, que produziu um livro de memórias acadêmicas, aliás, o primeiro no gênero em toda a história da USP. O livro se chama *Uma turma de ouro* e está dividido em três partes: na primeira, conta-se a trajetória da turma desde o vestibular até a formatura, em sete capítulos: vestibular, trote, vida em república, esportes, CALQ, o curso e formatura; na segunda parte há um currículo resumido dos 109 integrantes da turma.

Como o livro foi publicado no ano em que os F-65 comemoravam 25 anos de formados, o currículo de cada um conta sua vida profissional nesse período. E a terceira parte conta a história do livro, como ele foi feito. Desde a localização de todos os colegas até se obterem dados de cada qual para produzir sua biografia, foi uma verdadeira campanha, feita em pouco mais de quatro meses. Cerca de 30 circulares foram enviadas, motivando o pessoal a participar da festa, na semana Luiz de Queiroz, em um hotel fazenda que foi fechado pela turma.

A penúltima circular, escrita em 23 de setembro de 1990, 20 dias antes da festa, tinha o seguinte teor:

"Fazenda Santa Isabel, 23 de setembro de 1990

Está chegando o dia. O dia em que todos os maravilhosos integrantes desta colossal equipe olímpica *agronomal* terão a oportunidade de reunir-se para comemorar seus 25 anos de formados, 25 anos de profissão ímpar, de dedicação aos mais nobres ideais.

Venho até você, numa derradeira comunicação por escrito, para convocá-lo e convidá-lo a ir até Pira nos próximos dias 12, 13 e 14 de outubro.

Sei que muitos de nós têm problemas a enfrentar na vida. Sei que, às vezes, os problemas parecem absolutamente insolúveis e que, dessa forma, impedem qualquer manifestação mais explícita de alegria e prazer. E que, por isso, muitos colegas não pensam em ir até Piracicaba rever seus irmãos.

É para eles, principalmente, que escrevo agora, mas também para todos aqueles que já fizeram suas reservas no Hotel Fazenda São João ou que ficarão em casas de parentes; para reforçar o convite, o apelo mesmo, para estarem conosco.

Porque, na verdade, não estaremos apenas comemorando 25 anos de formados. Não estaremos apenas nos reencontrando e assim fazendo renascer em nossas almas a juventude adormecida; não estaremos apenas, ao lembrarmos as incríveis histórias passadas ou as atividades recentes, sentindo-nos voltar no tempo e assim resgatar os prazeres primaveris. Não estaremos apenas nos apresentando mutuamente esposas, filhos, filhas, genros, noras e, quem sabe, netos.

E assim, não estaremos também apenas nos julgando em segredo uns aos outros quanto a aspecto físico, carecas, celulites, banhas, rugas, braços curtos e fôlegos idem. Não estaremos apenas, depois de alguns inevitáveis copos, gabando nossas capacidades atléticas inalteradas. Não estaremos apenas, em resumo, revisando nossas vidas acadêmicas e profissionais.

Estaremos, isto sim, nobre companheiro F-65, analisando um quadro muito mais profundo e eloqüente, o quadro dos últimos 50 anos, em que nossas vidas foram construídas.

Você já se deu conta deste palco iluminado em que nos movimentamos como atores? Já fez uma reflexão sobre tudo o que nos foi dado ver, sentir, presenciar? Já realizou um balanço das fantásticas mudanças do mundo ocorridas no lapso de tempo em que tomamos o trem da história, e do quanto é positivo esse balanço?

Se não o fez, deixe-me ajudá-lo um pouquinho só.

Por exemplo: se você gosta de futebol, teve o privilégio de ver: Pelé, Garrincha, Canhoteiro, Didi, Zito, Dino Sani, Mauro, Gilmar, Carlos Alberto, Tostão, Gerson, Ademir da Guia, Jairzinho, Careca, Falcão, Zico, Luizinho, Cláudio, Baltazar, Nilton Santos, Bauer, Rui, Noronha, Cruiff, Neeskens, Gento, Zizinho, Jair da Rosa Pinto, Julinho, Mengálvio, Pepe, Formiga, Zagalo, Fontaine, Puskas, Di Stefano, Obdúlio Varela, Koksís, Djalma Santos, Maradona, Beckenbauer, Coutinho, Pagão, Beline, Sócrates, Chicão, Servílio, Vavá, Mazola... Chega? Mais? Neto, Aoki, Toca, Ivan, Boin...

Se gosta de basquetebol, viu Amauri, Vlamiir, Pecente, Mosquito, Jatyr, Nascimento, Ênio, Mané, Oscar, Hélio Rubens, Rosa Branca, Valdemar Blatkauskas, Zastrinho, Bebeto, Guerrinha... Chega? Mais? Vadilo, Pedrão, Toninho, Pescoço...

Se gosta de vôlei, viu Moreno, Amauri, Xandó, Renan, William, Bernard, Montanaro, Bernardinho, Pelé... e viu Chagas, Kurachi...

Automobilismo? Viu Fangio, Chico Landi, os Fittipaldi, José Carlos Pacce, Piquet, Senna, Prost, Alboreto, Jim Clark, Berger, Lauda...

Atletismo? Ademar Ferreira da Silva, João do Pulo, Robson Caetano, Zatopek, Joaquim Cruz, Rosa Mota, Carl Lewis, Ben Johnson...

Em iatismo, ciclismo, tênis, judô, boxe, caratê, natação, beisebol, xadrez, tiro; em todos os esportes, você é contemporâneo dos melhores de todos os tempos!

Na música, então? Você dançou ouvindo Ray Conniff, Nelson Riddle, Mantovani, Simonetti, Sílvio Mazzuca, Nelson de Tupã, a Tabajara, Luiz Arruda Paes, Zezinho da TV, Les Elgart... tomando *cuba libre*, *hi-fi*, lembra-se?

E no cinema? Você riu e chorou com Cantinflas, Jerry Lewis, Os Três Patetas, John Wayne, Clark Gable, Cary Grant, Gregory Peck, Charlton Heston, Steve Mac Queen, Alain Delon, Claudia Cardinale, Gina Lollobrigida, Melina Mercouri, Simone Signoret, Clint Eastwood, Dustin Hoffman, Lino Ventura, Kirk Douglas, David Niven, Anthony Quinn, Audrey Hepburn, Catherine Deneuve, Sofia Loren, Marilyn Monroe, Ingrid Bergman, Carlitos, Jeanne Moureau, Brigitte Bardot...

Enlevou-se com as vozes de Sílvio Caldas, Chico Alves, Gardel, Nat King Cole, Frank Sinatra, Gal Costa, Sérgio Endrigo, Modugno, Carlos Galhardo, João Dias, Elis Regina, Maria Bethania, Roberto

Carlos, Dean Martin, Gilbert Bécaud, Edith Piaff, Charles Aznavour, Chales Trenet, Chevalier, Chico Buarque, Madonna, Beatles, Rolling Stones, Xuxa, Queen, Lobão, Pára-lamas do Sucesso, Legião Urbana, em canções compostas por Noel Rosa, Orestes Barbosa, Custódio Mesquita, Ari Barroso, Lamartine Babo, Antônio Maria, Pixinguinha, Francis Hime, Araulfo Alves, Adoniran Barbosa, Vinícius, Jobim, Lupicínio Rodrigues, Dolores Duran, Burt Bacharach, Simon e Garfunkel, Milton Nascimento, Edu Lobo, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Djavan, Cartola, Nelson Cavaquinho...

Assistiu, na TV, de *O Direito de Nascer a Pantanal*...

E divertiu-se com Os Trapalhões, com Jô Soares, Chico Anísio, Renata Fronzi, Walter D'Ávila, Ronald Golias, Paulo Silvino, Dercy Gonçalves, Grande Otelo, Agildo Ribeiro, Zé Trindade...

Oh, sim, claro que outras centenas deles não estão citadas aqui nestas linhas. É até proposital, porque assim você, ao lembrar-se de tantos outros maravilhosos artistas e esportistas, dar-se-á conta de seus parceiros.

Ah, acha que a coisa está em muito baixo nível? Fácil: você também é contemporâneo de alguns dos maiores estadistas de todos os tempos, quer concorde ou não com eles: Kennedy, De Gaulle, Mao Tse-Tung, Churchill, Hitler, Stalin, Pio XII, João XXIII, Tito, Juscelino, Roosevelt, Krushev, Gorbatchev, Gandhi, Mandela, Luther King, Salazar, Franco, Getúlio, Mussolini, Adenauer, Willy Brandt, Sadat, Chiang Kai Chek, Hiroito, Nehru, Nasser, Golda Meir, Marschall, Fidel Castro...

Você assistiu à bomba atômica de Hiroshima e ao fim da II Guerra Mundial.

Você viu o homem descer na Lua, viu surgir a TV a cores e os *megabytes*. Você voou em jatos supersônicos.

Você se lembra das estradas de terra? E do telefone de manivela? De quando seus pais compraram o primeiro liquidificador? Do fusquinha nacional? Do petróleo é nosso? Do Repórter Esso? Das novelas de rádio? Das fitas em série nas matinês dominicais? Do primeiro cigarro? Da primeira bebedeira?

Ah, sim, você se lembra de tudo isso! De Marta Rocha, Adalgisa Colombo?

E de muito mais, de Jorge Amado, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Paulo Bonfim, Pablo Neruda, Vargas Llosa, García Marquez, Cronin, Maughan, Milan Kundera,

Soljenitsin, Taylor, Caldwell, Huxley, Bertrand Russel, Jorge Luiz Borges, Arthur Hailey, Sidney Sheldon, Morris West, Frederich Forsyth, Leon Uris, Joaquim Cândido de Carvalho, Dalton Trevisan... Quanta leitura!

E é claro: também se lembra de seus amores, suas dores, do nascimento e da morte de pessoas queridas...

Eis aí, caríssimo e grande F-65, pendão *agronomal*, florão dessa profissão ímpar, eis aí uma pequena amostra, ínfima mesmo, do que temos a conversar. Nos últimos 30 anos, desde que entramos na ESALQ, o mundo mudou loucamente. E nós somos testemunhas VIVAS e oculares de todas as transformações.

Não é fantástico? Vamos comemorar isso, freneticamente.

Precisamos fazê-lo, porque isso pressupõe a compreensão e a aceitação de nosso papel, no trânsito da existência: SOMOS, INILUDIVELMENTE, A PONTE ENTRE O PASSADO E O FUTURO! CADA UM DE NÓS É, NO PRESENTE, O ELO ENTRE O QUE FOI E O QUE VIRÁ! Por isso, somos indispensáveis, importantes, fundamentais!

Cada um de nós o é. Porque, se falharmos, o fluxo da corrente será interrompido.

Vamos comemorar isso!

Aleluia, F-65!

Viva!!! Viva!!! Viva!!!

Juntos em Piracicaba, nos próximos dias 12, 13 e 14 de outubro, vamos dar nosso testemunho de presença. Vamos dizer ao destino e à eternidade: PRESENTE!

P.S.: Aproveito para transcrever sugestivo poema de Jorge Luiz Borges. Medite um pouco sobre esta mensagem:

## INSTANTES

"Se eu pudesse viver novamente a minha vida,  
Na próxima trataria de cometer mais erros.  
Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.  
Seria mais tolo ainda do que tenho sido,  
Na verdade bem poucas coisas levaria a sério.  
Seria menos higiênico.  
Correria mais riscos, viajaria mais,  
Contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas  
Nadaria mais rios.

Iria a mais lugares aonde nunca fui,  
 Tomaria mais sorvete e menos lentilha, teria mais  
 Problemas reais e menos problemas imaginários.  
 Eu fui uma dessas pessoas que viveu  
 Sensata e produtivamente cada minuto de sua vida;  
 Claro que tive momentos de alegria.  
 Mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter  
 Somente bons momentos.  
 Porque se não sabem, disso é feita a vida,  
 Só de momentos, não percas o agora.  
 Eu era um desses que nunca ia a parte  
 alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente,  
 um guarda-chuva e um pára-quedas;  
 Se voltasse a viver, viajaria mais leve.  
 Se pudesse voltar a viver, começaria a  
 andar descalço no começo da primavera e  
 continuaria assim até o fim do outono.  
 Daria mais voltas na minha rua, contemplaria  
 mais amanheceres e brincaria com mais crianças,  
 Se tivesse outra vez uma vida pela frente.  
 Mas, já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo."

Ao final do livro, havia um epílogo, típico do pensamento e do comportamento dos agrônomos formados em 1965, cognominados "A obra-prima da ESALQ". Ei-lo:

#### "EPÍLOGO

Tinha um F-65, nissei, que dizia: 'quem corocô, corocô. Quem não corocô, não coroca mais'.

É isso aí. O que deu para ser escrito foi escrito. O que não deu, fica para a próxima.

O que, na prática, é uma convocação da esperança, uma afirmação de fé, uma ode à vida: porque a próxima será no ano 2015!!! Isso mesmo, 2015, quando os F-65 comemorarão seus 50 anos de formatura!

Espantado, descrente, cético? Por quê?

Prepare-se, cidadão, para viver até lá! Prepare-se até mesmo, se for preciso, para chegar cansado e alquebrado, rodadíssimo depois dos embates da existência. Prepara-se para atravessar os vales pantanosos das derrotas inevitáveis, as sombras dos sofrimentos e das penas, ladeado pelos iluminados altiplanos de vitórias e prazeres.

Prepare-se para ajudar este país e este mundo a virarem o século em busca de uma sociedade mais justa e mais feliz para seus netos e os netos deles.

Prepare-se, cidadão, para viver até lá!

Afinal, o que é mais belo do que a vida? Como sorrir, como chorar, como vencer, como perder, como sentir sem ela? Não há dádiva mais espantosamente maravilhosa que a vida, único veículo das emoções e dos sentimentos, única chance de crescer e renascer, única possibilidade das expressões (sejam as mais primitivas como as fisiológicas, sejam as mais vanguardistas, como as da inteligência e da razão), única saída para o amor, para a criação!

Prepare-se, cidadão, para viver até lá!

Porque é preciso chegar até lá, e mais adiante! Os F-65 têm o inequívoco desafio superior de contribuir com o esforço de sua geração para dias mais risonhos. Portanto, afastar as nuvens negras que toldam as expectativas de cada um e de todos é uma imperiosa determinação. Abrir as fronteiras, rasgar a cortina do horizonte, desvendar o futuro, eis a missão gloriosa!

Claro que se esperam muitos outros encontros antes disso, no mínimo os quinquenais que a ESALQ promoverá. Mas o gol, o objetivo, a meta é plantar hoje a saúde e a sorte de chegar rindo em 2015.

Prepare-se, cidadão, para chegar até lá!

Valerá a pena!"

É assim que se posiciona perante a vida a Turma de Ouro – a obra-prima da ESALQ.

## LUTAS

Como têm lutado pela democracia e pela paz, ao longo desses cem anos, os esalqueanos! E sempre com o mais elevado espírito. Às vezes, a luta fica tão renhida que leva ao radicalismo e até as vias de fato.

Uma das grandes batalhas dos estudantes e professores da ESALQ tem sido pela qualidade de ensino. Houve um período, nos anos 60, em que isso ficou muito complicado: era o tempo da cátedra vitalícia, quando alguns professores mantinham uma distância olímpica em relação aos alunos, enquanto outros queriam modernizar o sistema.

Em plena vigência da revolução de 1964, a Comissão de Ensino do CALQ pediu para ler um manifesto na reunião da Congregação da ESALQ, com proposta para tal modernização. O pedido foi negado e, revoltados, os alunos invadiram a reunião e leram um documento corajoso, do seguinte teor:

“Senhores Professores, Membros da Congregação da ESALQ:

Em primeiro lugar, cumpre esclarecer o imperativo do envio da presente a esta douta Congregação.

O Centro Acadêmico ‘Luiz de Queiroz’, fiel ao princípio de bem atender às reivindicações justas e cabíveis de seus associados, já não pode continuar a manter aquela pacífica linha de apenas e simplesmente pedir a atenção de nossos superiores à geral grita que se levanta (agora mais intensamente) no seio do corpo discente da ‘Luiz de Queiroz’, em face da insustentável situação calamitosa de nosso ensino.

Já não é possível fechar os olhos a essa curiosa alheação da grande maioria de nossos mestres à premente necessidade de uma reformulação total e completa, em moldes novos e objetivos do nosso *curriculum* escolar e do sistema de ensino em geral. Já não é mais possível nos acomodarmos e nos quedarmos impassíveis,

à espera de que se concretizem promessas vãs de melhoria, promessas tantas e tais, que vão levando ao descrédito a direção desta Escola e, com ela, a nós, preocupados em apoiá-la sempre e esperar confiantes a melhoria nunca vinda, nunca vista, jamais sentida, na prática.

Senhores Professores: se nos fosse permitido tecer algumas considerações acerca das múltiplas falhas que se vão acumulando em nosso sistema de ensino, encararíamos e citaríamos, como preferenciais, os seguintes pontos:

1. Já é fora de dúvida, pela completa e flagrante ineficácia de nossos cursos diversificados, que, absolutamente, o ensino atual da ESALQ não atende, num mínimo sequer, ao verdadeiro e puro espírito pioneiro e de vanguarda que nos levou a ampliar nosso curso de agronomia de quatro para cinco anos; espírito este (progressista no bom sentido) apoiado na necessidade de técnicos semi-especializados pelos quais o mercado de trabalho no campo da agronomia clama com urgência.

A diversificação não é autêntica! Logo, o espírito de progresso está ferido, vilipendiado e traído!

E não é autêntica por um sem-número de razões, a maioria das quais implícitas no nosso currículo. Acrescente-se aqui, apenas a título de lembrança, que os senhores têm conhecimento disso, pois inúmeras foram as vozes levantadas nesse sentido, dentro ou fora desta casa, quer por parte de alguns mestres mais esclarecidos, quer da nossa parte, quer da parte de técnicos já formados. E, mesmo assim, os senhores (com exceções) se esquivam à discussão desses problemas.

Enfim, as diversificações no atual *status* não permitem, de maneira alguma, a autêntica e efetiva formação de técnicos semi-especializados, por absoluta falta de condições da organização didática da ESALQ.

Conclusão: o quinto ano não está cumprindo seu objetivo, diversificar!

Logo, atualmente, não tem razão de ser!

Meus senhores: longa foi a nossa luta no sentido de conseguir o curso de cinco anos! Ninguém tem o direito de, pela displicência, deixar que se perca esse grandioso esforço conjunto de professores e alunos! É necessário autenticar a diversificação! Façamos-lo, pois!

A par do problema interno, do não-funcionamento prático dos cinco anos, temos outra questão, a material, na vida profissional, que poderíamos dividir em duas.

a) Vencimentos: neste particular, o que temos notado é um total alheamento por parte da ESALQ, na defesa de quaisquer pretensões e reivindicações dos engenheiros agrônomos nela formados.

Quando da passagem do curso de agronomia da ESALQ para cinco anos, o padrão de vencimentos, como não poderia deixar de ser, foi elevado, inclusive a percentagem de nível universitário, passando para 40%; entretanto, senhores professores, um ponto de capital importância para a valorização prática de nosso curso de cinco anos diversificado foi esquecido, quando deveria ter recebido por parte da ESALQ a melhor das atenções: todos os engenheiros agrônomos formados nas demais escolas, com curso de quatro anos, ganhavam em São Paulo os mesmos 40%, referentes ao nível universitário de cinco anos, sem que houvesse, por outro lado, em quaisquer outros órgãos do país, o devido reconhecimento para com o nosso curso de cinco anos. Com isso, nesses órgãos o engenheiro agrônomo formado em cinco anos ganhava o mesmo nível universitário dos demais de quatro anos.

Outra questão capital recebeu o mesmo tratamento por parte da ESALQ: a questão de vencimentos dos engenheiros agrônomos em geral, que hoje assume estado de intensa gravidade, gerando um descontentamento profundo entre a maioria dos agrônomos do estado. Mais uma vez a ESALQ se omitiu gravemente, não lutando ao lado do órgão de classe dos agrônomos paulistas, junto aos poderes constituídos, para que o engenheiro agrônomo recebesse, pelo seu trabalho em prol de uma agricultura mais adiantada, apenas e tão-somente o salário digno e justo, e não um salário de fome!

b) Preferência para o mercado de trabalho, preferência esta baseada no maior prestígio que agrônomos formados em quatro anos, com diversificação, deveriam ter em relação a agrônomos formados em quatro anos, sem diversificação.

Essa preferência não existe. O que existe é a tradicional afirmação (hoje ainda verdadeira) de que a ESALQ é a melhor Escola no gênero da América Latina; e a acomodação, de nossa parte, na perigosa certeza da eternidade desta afirmação!

É preciso, além da melhoria interna do ensino, que a ESALQ se preocupe com esse aspecto e venha a campo, na luta pelo prestígio de que seus filhos necessitam lá fora, na vida prática.

2. Com relação ao atual quinto ano, simplesmente inconcebível é o que temos verificado... Alunos que há tempos haviam escolhido um optativo X são obrigados a mudar de disciplina em virtude da coincidência de horários. Coincidência essa fruto da negligência de alguns mestres na formulação de horários mais precisos, visto que muito tempo lhes foi concedido para aperfeiçoamento nesse aspecto, tempo este não aproveitado como de direito.

Ao lado disso, há o problema por solucionar das diversificações destinadas aos atuais quartanistas, que deverão cursar o quinto ano em 1965. Em comissão de professores, criada no primeiro semestre, da qual participou representante do corpo discente, foi discutido esse assunto.

Antes do fim de junho, um relatório completo sobre formulário passado aos alunos do quarto ano foi entregue por nós à Congregação, na pessoa do atual diretor. Esse relatório contém todas as conclusões a que chegou a Comissão de Ensino do CALQ com relação ao citado formulário, além de várias sugestões interessantes. No entanto, um mês e meio já decorridos, a Congregação ainda não estudou os assuntos. Isso é chocante. Tocante. Impressionante, pois é a tradução nua do palpável desinteresse, por parte desta casa, da resolução desse problema.

3. Finalmente, e paralelamente ao descontentamento geral ocasionado pelos fatores supracitados, temos aqueles fatores que, à vista da grande maioria de nossos colegas, virão entrar em detrimento do curso normal da ESALQ. Seriam:

a) aumento do número de vagas

Cabe aqui uma explicação. No ano que passou, nossos representantes lutaram, ao lado de alguns mestres, por esse aumento, na sublime esperança de que isso traria, conforme promessa do então diretor da ESALQ, dr. Hugo de Almeida Leme, melhoria de instalações, de mestres e, com isso, do ensino. Todavia, isso não se verificou. Ao contrário, o aumento do número de vagas só trouxe prejuízos: falta cada vez mais maior número de instalações apropriadas e admissão de assistentes muitas vezes não-capazes!

b) Instauração do regime de Curso Pós-Graduado

Também aqui cabe uma explicação: pelos benefícios que o Pós-Graduado poderia trazer ao nome da ESALQ em particular e da agronomia nacional em geral, seríamos plenamente favoráveis à criação desse tipo de curso. Todavia, jamais poderemos sê-lo nos termos em que está instituído, pois que está influenciando decisivamente para o maior decréscimo do já deficiente ensino aqui ministrado.

Para argumentar e confirmar essa afirmação, bastaria a citação de uma cadeira, de um departamento, que não queria oferecer diversificação em 1965, para dedicar-se mais ao Pós-Graduado!

Não, meus senhores! Antes de oferecer diplomas de *Master* a agrônomos formados, a função primeira da 'Luiz de Queiroz' é formar bons agrônomos, bons técnicos diversificados. Pelo menos, é necessário que se conciliem as duas funções, mas nunca que se prejudique o curso normal e o diversificado.

Ainda com relação ao Pós-Graduado, é vivo o desencanto de nossos colegas pela não-participação real e efetiva de nossos quintanistas nesses cursos, em igualdade de condições com agrônomos formados em quatro anos.

c) Não-funcionamento da diversificação de economia rural, abrangendo a parte de extensão rural, que se constituem ambas, hoje em dia sem dúvida, nas bases de uma agricultura racional.

Senhores Professores:

Todo o acima colocado vem criando uma atmosfera pesada e belicosa no seio de nosso corpo discente. Atmosfera que nos leva à beira de uma crise, possivelmente a maior de toda a nossa história. É preciso evitar que se concretizem as ameaças pairantes no já agitado ar da gloriosa ESALQ. É preciso evitar que, levados por essas situações de fato no presente e péssimas perspectivas para o futuro, nossos colegas busquem a volta ao ultrapassado currículo de quatro anos, através de atos impensados.

E o remédio para essa crise está em suas mãos. Cabe aos senhores salvar nossa bela luta pelos cinco anos do naufrágio inglório e indesejável.

E a receita eloqüente para o equacionamento desses problemas tem, por capitais:

1. Reformular o currículo na base 3 + 2, para que a diversificação seja autêntica. Este é o problema-base, o problema-chave.

A par com isto, urge que alguns mestres (embora muitos já o

façam) desçam do alto pedestal onde se colocam e venham, ouvindo de perto as nossas queixas e reivindicações (pois que elas são justas e prementes), interessar-se pela melhoria do ensino, lutar por ele, para o BEM da própria 'Luiz de Queiroz'.

Senhores! Isso é urgente! O ambiente é tenso! A tensão é intensa! A ação se prepara! Coibi-a! E rapidamente!

É o que temos a pedir, em tom de exigência!

Sem mais, colocando nossos serviços a sua disposição, bom sucesso em seus trabalhos e queiram aceitar nossas melhores

Saudações Universitárias

Pelo Centro Acadêmico 'Luiz de Queiroz'

Cristiano Walter Simon

Presidente

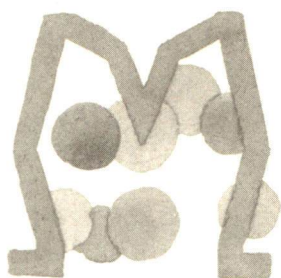
Roberto Rodrigues

Coordenador da Comissão de Ensino"

Apesar da forma subversiva do documento, os alunos foram tratados democraticamente pela Congregação e ninguém foi punido.

Alguns anos mais tarde, quando o professor Ferdinando Galli assumiu a Diretoria da ESALQ, várias das propostas foram implementadas.

Portanto, as lutas não foram inglórias.



## MATEMÁTICA

Antes tão difícil a Matemática  
Esfinge que a todos extermina  
Rendeu-se hoje à informática  
Virou um “programa de menina”.

Oh! quanta ilusão vem nessa rima  
Se a danação secular da estudantina  
Diante da mais cruel das disciplinas  
É jamais entender o que se ensina!

## MULHERES

“As mulheres sempre estiveram presente  
na sagração da vida,  
nos sonhos e neste momento.  
Tal qual a passante mulher  
Do poeta francês Baudelaire  
A mulher pela nossa vida passou  
Na fração do destino que voou.  
E será que ela também nos amou?”

### A Uma Passante<sup>12</sup>

Em torno de mim sobra uma ausência *incomum*.  
Fico quieto no canto em calma *majestosa*  
Olho num relance e vejo a mulher *faustosa*  
Que passa ao largo, sem roupa, véu e *debrum*.

Na grafia dos versos, paisagem *exata*,  
Inda bebo perdido em minha *crispação*  
O gosto da ânsia, a força do *furacão*,  
A secura da distância que quase *mata*.

Traga-me um pouco d'água deusa e *beldade*,  
Aplaca o medo de partir tão de *repente*  
Como quem escapa de ti e da *eternidade*.

Sinto-te presente, inda que *provavelmente*  
Numa viagem sem destino e cais, longe *vais*,  
Tu que amaste, e se foi pouco, foi *demaís!*

<sup>12</sup>A última palavra de cada verso é igual à que Baudelaire usou no poema *A Uma Passante*, que integra os Quadros Parisienses, in *As Flores do Mal*, edição Círculo do Livro, 1981.



## MATEMÁTICA

Desde muito cedo, a matemática foi uma disciplina fantasma. Todo ano uma boa parte das turmas ficava em dependência e quase todos tinham de fazer exame; era muito raro o aluno que passava por média.

O primeiro semestre não era muito complicado, porque repetia matérias do colegial com mais profundidade. Mas no segundo semestre as coisas pioravam, a partir do cálculo diferencial e da geometria descritiva. Havia uma tal de regressão linear e um seu parente, resto de Slomilch, que assombravam qualquer cristão.

Passar na matemática era um passo para a formatura. Tanto que era comemorado em grande estilo. Quando saíam as notas, os aprovados saíam correndo do austero pavilhão de engenharia e mergulhavam no lago a sua frente. Era uma espécie de senha – mergulhar no lago significava a alforria da matemática.

Desde os tempos do professor Orlando Carneiro, autor de um denso livro sobre construções rurais, até o professor Frederico Pimentel Gomes, autor de vários livros sobre diversos assuntos, a matéria era um terror. Mas também havia professores deliciosos,

como Humberto de Campos, Roberto Semionato, Décio Barbim entre outros excelentes amigos.

Um deles, Isaías Rangel Nogueira, era um homem puro, cientista dedicado e crente. Brincavam muito com ele os colegas de departamento, por sua inocência e candura. Um de seus pontos fracos era o automóvel, do qual não entendia patavina. Uma vez, queixou-se de um barulhinho qualquer que vinha da roda. Aconselhado por *amigos*, fechou o vidro para não escutá-lo, e *se livrou* do problema.

Outra vez, convencido pelos colegas, foi a um posto de serviços trocar o ar dos pneus, porque estava velho.

Certa vez, um aluno colou de outro uma questão sobre análise combinatória em uma prova. Só que, no afã de terminar, não percebeu que tinha pulado uma parte das operações. O professor Pompílio chamou o rapaz e lhe disse:

— Você é um gênio. Conseguiu fazer a primeira e a terceira parte da questão por escrito, e a segunda parte, fez de cabeça. Parabéns! Um gênio assim precisa ficar mais tempo na cadeira para ensinar a todos nós. Zero para você!

Era assim a matemática: havia gênios, gozadores, terroristas e excelentes companheiros, solidários e gentis.

Seja como for, livrar-se da matéria era virar uma página importante da vida acadêmica. E o mergulho no lago funcionava como um batismo em direção ao diploma de agronomia.

Menos para o Gentil. Depois de sofrer dois anos inteiros, um normal e outro de dependência, finalmente o Gentil passou, raspando. E, assim como os colegas, correu para o lago. Mas, por alguma razão, não mergulhou no lago da engenharia e acompanhou outros colegas para o laguinho do pavilhão central, bem menor e mais raso. Lá, os alforriados pularam, de pé, pois não sabiam a profundidade do laguinho. E o Gentil ficou por último. Quando todos brincavam na água cálida de dezembro, ele, da margem, perguntou se dava pé, se dava para mergulhar de cabeça. Como dissessem que sim, ele mergulhou. De cabeça. E encontrou no caminho uma pilha de paralelepípedos submersos. Saiu da água com um belo galo rachado. Foi o único aprovado em matemática que ficou no vermelho.

## MOÇAS

No ano do Centenário da ESALQ, 70 moças foram aprovadas no vestibular e iniciaram o curso de agronomia. Isto representa 35% do total de alunos ingressados. No mesmo ano de 2001, 374 de todos os estudantes esalqueanos são moças. E ainda mais: 37 mulheres são professoras nos diversos cursos da Escola, de um total de 185. Isso é um extraordinário avanço.

Quando Veridiana Victória Rossetti, a primeira engenheira agrônoma formada pela ESALQ, saiu da Faculdade, em 1941, ela era um espécime raro e só conquistou espaço no cenário mais seleta da ciência brasileira graças a uma impressionante persistência e uma imensa competência técnica. E foi essa determinação que abriu caminho para outras grandes engenheiras agrônomas. Victória, reconhecida mundialmente por seu trabalho de 60 anos no Instituto Biológico de São Paulo, foi presidente da Organização Internacional de Virologia de Citros, escreveu vários livros famosos sobre sua área de especialidade e é, até hoje, uma referência sobre o assunto.

O crescimento da participação feminina na ESALQ – bem como em outras faculdades de agronomia – se insere na espetacular escalada da mulher na sociedade brasileira, uma questão que chega com certo atraso, mas compensada pela qualidade de sua ação. Felizmente isso está acontecendo, para o bem da agronomia e do agronegócio brasileiro.

Já nos anos 50, o grande biólogo Jeremias Dalla Nora, em seu livro *Os fatores biológicos da personalidade*, afirmava a capacidade das mulheres para obterem êxito em qualquer setor de atividade econômica, social, política, onde quer que se colocassem. Mas naquele tempo, raramente uma turma de agronomia tinha 5% de moças, que sofriam inclusive toda sorte de discriminação e preconceito da sociedade machista de então. Na verdade, porém,

sempre foram reconhecidas – embora isso não fosse expressado com frequência – por sua coragem e determinação.

A ESALQ, nome feminino, templo de Ceres, deusa nossa, só poderia ser mais completa com a valiosa participação feminina, que hoje é expressiva.

## MOTOCICLETAS

Esse foi um fato ocorrido na famosa república Sorocabana, conhecida pelas figuras muito particulares que lá viviam.

Fábio era um emérito gozador. E sua vítima predileta, o incrível Perninha. Levava a alcunha por ser possuidor de um par de pernas descomuns que o carregaram pela vida afora, inclusive durante os 10 anos de duração de seu curso de agronomia, diga-se de passagem, feitos normalmente em quatro.

Pensará o leitor: “devia ser muito burro, esse cara!” Ledo engano. Não era burro. Prova está em que o estudante conseguiu arranjar uma vaga de professor de biologia em um colégio na vizinha cidade de São Pedro. Dava aulas às segundas, quartas e sextas-feiras. Em seu primeiro dia de aula, no meio da explanação, um aluno lhe fez uma pergunta qualquer. Fechando a carranca, Perninha declarou, do alto de seus dois metros:

— Detesto ser interrompido. Os senhores guardem todas as perguntas que tiverem a fazer para as aulas das sextas-feiras. Nesse dia, e só nesse dia, responderei a todas elas!

E continuou a aula sem responder à pergunta formulada. E, o que é mais interessante, nunca foi dar aulas às sextas-feiras. Pelo que, certamente, burro não era o nosso homem.

Esquisito sim, ele era. E uma de suas maiores esquisitices era o amor imenso que votava a sua motocicleta. Amava-a desesperadamente, a ela dedicando suas atenções e a maior parte de seu tempo. Tinha ciúmes dela e não permitia que ninguém a usasse. Era sua paixão única, mas desenfreada.

Certo dia, disposto a gozá-lo, o Fábio Brígido adentrou chorando a Soroca, inesquecível república em que moravam, e aos soluços anunciou que havia recebido uma notícia de sua terra, segundo a qual seu pai estaria passando mal. Por isso tinha urgência de ir para casa, e não havia meio de transporte convencional (de fato, àquele

tempo não havia mesmo) pelo que implorava ao Perninha o empréstimo da moto. Compungido, e solidário com a dor do colega, Perninha acedeu, para espanto e gáudio dos sorocabanos. E o Fábio, ainda chorando, trocou de roupa, arrumou a bagagem e, agradecendo a enormidade da camaradagem do outro, abraçou-o, despediu-se, pegou a moto e partiu.

Andou dois quarteirões, escondeu a moto numa república amiga, gastou dois vidros de extrato de tomate e 14 ataduras de gaze, um vidro de iodo e um rolo de esparadrapo. E transformou-se, com tais condimentos, numa perfeita chaga ambulante. Deixou passar o tempo e três horas depois voltou à república, onde o esperavam os colegas, à exceção do Perninha, que inocentemente fora à aula naquele dia. Ao chegar a casa, o infeliz Perna deparou com o fúnebre quadro. Deitado em sua cama, gemendo quase imperceptivelmente, no último esgar da agonia, jazia o *moribundo* Fábio, cercado dos piedosos companheiros, ajoelhados e rezadores, de cujos olhos grossas e copiosas lágrimas desciam, empurradas por fedidíssimas cebolas.

Chocado com a cena, desorientado e comovido, o Perninha, após segundos de surpresa e hesitação, saltou sobre o Fábio e, com a voz embargada pela emoção e pela dor, rosou guturalmente:

— Fábio, Fábio, seu desgraçado! O que é que você fez com a minha motocicleta? Onde está ela? E como está ela? Oh, minha moto, minha moto...

Órfão e viúvo, saiu do quarto, seguido pelo rancoroso olhar dos companheiros. Um a um, eles foram até a alcova do grandão e, moralistas, batiam todos na mesma tecla infernal:

— Como pode ser tão egoísta e se preocupar com aquela merda de moto, quando seu melhor amigo está à beira da morte?

Só depois do quarto ou quinto sermão o Perna acordou e, mag-nânimo, dirigiu-se ao Fábio:

— Eu te perdôo, Fábio, eu te perdôo. Vai em paz!

Pronto: saltando eufórico do leito de agonia, Fábio abraçou o amigo, com calorosos agradecimentos, beijando-o, lambuzando-o todo, iniciando então mais uma inesquecível noite de gozações.



## NATIVOS DE PIRACICABA

Na geografia de outeiros e espriados  
A Noiva da Colina abriu os braços,  
À leva de estranhos de outras plagas  
Entregou-se como quem desce o rio  
Depois de passado o susto e o Salto.

Bem sei dos medos de tuas famílias  
Perante a força dos invasores  
Bárbaros a vasculhar teu corpo  
Por puro deleite, prazer e gosto.

Dos teus costumes, ô, ô<sup>13</sup> Piracicaba,  
Ao apear aqui senti o contraste  
Do dialeto de tradição caipira;  
De tão engraçado o teu sotaque  
Ainda hoje tanta piada inspira.

Para levantar a lenda e a divisa  
Entre os de fora e os teus filhos  
Estes foram chamados de *Nativos*  
Se estão em grupo, é *Nativada*.  
Mas este muro não separa nada  
Pois a divisa interposta a amigos  
Não tem tijolo, aço ou cimento  
É ilusória, de fugaz momento.

No caso presente é o espelho  
Da mistura feita com esmero  
De gente daqui e do estrangeiro  
Que nos caminhos de Piracicaba  
Fizeram longa a curta jornada.

---

<sup>13</sup>"A mais usada e expressiva de todas as interjeições piracicabanas: de espanto, surpresa, admiração, alegria, tristeza ..." (in *Arco, Tarco, Verva*, de Cecilio Elias Netto, 1988).

## NOTAS

Um 10, quem merece,  
A não ser um "CDF"?

Já um 9 me comove  
Um 8 me dá gosto  
Bom é o 7 que se repete.

Vejam vocês que um 6  
É melhor que o 5  
Limite da sorte  
E do meu afinco,  
Mas aliviado  
Ainda me sinto!

Antes tivesse estudado:  
Por que ficar de 4  
Na maior cara de tacho?

Quem tira 3, não tem vez;  
Quem tira 2, volta depois;  
Quem tira 1, vale um pum;  
Quem tira 0, não esquece o ferro!



## NAMORADA DE FORA

Luís Louco, personagem que já ilustrou outras histórias deste venerável livro, havia passado de ano. Era dezembro e chovia torrencialmente. Ali pelas oito da noite, enchia a cara em um boteco da Rua do Porto em companhia do amigo inseparável, o Fábio. Conversavam, enquanto iam enxugando copos e garrafas de cerveja, sobre os acontecidos no ano que findava, rindo das alegres passagens de suas infindáveis farras na Soroca, quando o Luís de repente exclamou:

— Ih, rapaz, esqueci de ir namorar. A moça vai ficar uma arara!

Ele tinha uma namorada fora de Piracicaba, moradora de Mombuca, vilarejo na estrada de Tietê. Estava meio apaixonado, o velho Luís, e a lembrança do cano que estava dando o deixou acabrunhado.

Percebendo o clima, o amigo Fábio, já meio encharcado, propôs ao Luís que fosse vê-la, naquela hora:

— Ainda dá tempo, cara! Daqui a Mombuca leva uma meia hora. Vamos para casa, você pega emprestada a moto do Perninha, que não está, e lá pelas nove e meia você está namorando. É meio

tarde para o padrão de Mombuca, mas é melhor que nada.

E o Luís, em dúvida:

— Mas de moto, com essa chuva? Você está louco? Vou chegar lá ensopado, gelado e sem pique para namorar. Você diz isso porque o assunto é comigo. Você mesmo não iria.

E o Fábio, solidário, alguns goles mais encharcado.

— Taí, cara, parece que você não me conhece. Tanto iria, que vou com você. Vamos lá para a Soroca pegar a moto e vamos embora. De repente sua ninfa tem uma amiguinha e a gente embola em Mombuca.

Dito e feito. E pé na estrada, que era de terra. Ou melhor, de pura lama, resultado da chuvarada que já durava dias e do trânsito intenso entre Piracicaba, Tietê, Saltinho, Rio das Pedras e, é claro, Mombuca. Assim, em cada curva, pilotos pouco competentes, a moto derrapava e eles caíam. Por sorte, o barro era tanto que as quedas eram amortecidas e eles não se machucavam. Além disso, os anjos cuidam dos bêbados.

Mas depois de inúmeras quedas, acabaram se cansando. E, numa curva da estrada onde havia uma dessas capelinhas que assinalam o ponto onde alguém morreu, era tão forte a chuva que resolveram dar uma paradinha. Entraram na capela, tomaram uns golinhos da cachaça que haviam levado e – surpresa – caíram no sono, molhados mesmo. O que não pode o álcool?

Depois de meia hora, 40 minutos, acordaram. A chuva tinha amansado e resolveram seguir viagem.

Mas, de novo – o que não pode o álcool? – não sabiam para que lado ficava Mombuca: para a esquerda ou para a direita? Depois de várias ponderações, tiraram a sorte no par ou ímpar e o ganhador indicou o lado direito. Adivinha: voltaram para Piracicaba.

Desanimados, foram para a república. Já passava das 10 da noite. Banharam-se, cada vez mais *borrachos*, vestidos com seus roupões, comentaram a infelicidade da direção errada. E o Fábio, façanhudo:

— Quer saber? Não podemos nos dar por derrotados. Vamos chamar um *biribinha* e vamos para Mombuca.

O Luís topou. Chamaram um velho táxi, mercedinho de dois tempos, colocaram uma caixa de cerveja no meio do banco de trás e lá se foram. O taxista, irritado com a bebedeira dos dois, meteu corrente nas rodas traseiras do *biribinha* e tocou, xingan-

do até a última geração dos dois. Encalhando e desencalhando, chegaram em Mombuca ao raiar do dia, madrugada.

De roupão, molhados por fora e por dentro, só encontraram aberto um barzinho da praça, assim mesmo porque o zelador estava lavando o estabelecimento. Exaustos, resolveram tirar uma sonequinha, e a boa cama foi uma mesa de sinuca do boteco. Ali dormiram o sono dos justos. Afinal, não é no vinho que está a verdade? E a verdade não é a ferramenta dos justos?

Pena que o pai da moça fosse o dono do bar...

Foi assim que acabou um namoro promissor. E a estudantada esalqueana passou a desanimar de namoradas de fora.

## NOIVA DA COLINA

Querida Piracicaba, você nos acolheu a todos, maternal, abriu seus braços e nos recebeu sem discriminação. Mostrou-nos a vida, para tantos de nós que chegamos virgens, tão virgens de emoções quanto de vivência. Deu-nos o amor, os amigos definitivos; ensinou-nos o caminho da verdade, as lutas, a paz; abriu-nos os olhos, os corações e as mentes. Levou-nos às delícias do sexo, dos bares e da boemia; construiu nossas personalidades, nos fez crescer.

Com você aprendemos o respeito à natureza, neste rio que a possui e a enfeita. Aprendemos a respeitar o próximo, a amar as famílias, a defender a pátria, a buscar a vitória e a aceitar as frustrações.

Noiva da Colina, noiva de cada um que por aqui passou. Nós todos gostaríamos de homenageá-la com palavras tão únicas que lhe mostrassem a grandeza de nosso amor por você, nossa gratidão e o eterno desejo de retornar sempre a seu aconchego.

Mas, nada há para ser inventado que mostre nosso orgulho de você, Piracicaba. Assim, todos nós, que aqui construímos nosso futuro, queremos cantar em uníssono os versos, eternizados por Newton de Almeida Mello:

"Numa saudade que punge e mata  
Que sorte ingrata, longe de ti.  
Como um suspiro triste sem termo  
Vivo no ermo dêz que parti.

Piracicaba, que eu adoro tanto,  
Cheia de flores, cheia de encantos  
Ninguém compreende a grande dor que sente  
Um filho ausente a suspirar por ti.

Em outras plagas, que vale a sorte?  
Prefiro a morte junto de ti.  
Adoro os prados, os horizontes,  
O céu, os montes donde nasci.

Só vejo estranhos, meu berço amado,  
tendo ao teu lado o que perdi.  
Poucos se importam com os teus encantos  
Que eu amo tanto dès que nasci.

## NOSSA SENHORA

Esse caso é um pecado em si mesmo. E conta histórias de pecados, embora estes sejam bem mais amenos que aquele. Mas todos são veniais, embora o fato relatado não seja recomendável para religiosos praticantes e convictos. Porque é a história de uma corrente de sexo, um quadrilátero amoroso; envolvendo três estudantes da ESALQ e uma *biscatinha* dos anos 60, conhecida como Meyse. Aliás, talvez fosse melhor caracterizar o assunto como um triângulo: cada vértice será um dos três colegas e grandes amigos e o conteúdo inteiro, comum a todos, a Meyse.

Cada um deles vivia em uma república: um na Baby Doll, outro na Mosteiro e o terceiro na Pito Aceso.

A Meyse era uma bela mulher para os padrões dos 20 anos da estudantada. É preciso não esquecer que, nessa idade, a referência de beleza não é muito sofisticada para certos fins.

Aliás, a melhor imagem a respeito era dada na época pelo velho Ciccilo, um octogenário quase cego que se sentava em frente à gráfica dos filhos durante a tarde para se aquecer ao sol. Os estudantes, para o irritarem, passavam e gracejavam:

— Aí, seu Ciccilo, está murcho, hein?

E o velho, invariavelmente, com seu sotaque italiano, esbravejava:

— Murcho agora, seus vagabundos. Mas quando tinha a idade de vocês, punha o pau duro no trilho do trem, e quando o trem passava fazia barulho: tu-tum, tu-tum, tu-tum.

Pois esta era a idade dos três amigos que compartilhavam a mesma amante. Segunda e terça ela dormia na Baby Doll; quarta e quinta na Mosteiro e sexta e sábado na Pito. Domingo era folga geral, e ela precisava faturar, porque durante a semana era puro amor, que não enche barriga. Ou enche, mas não sustenta...

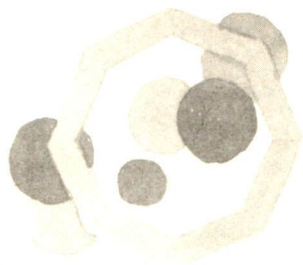
Pois bem, onde está o pecado, sendo tudo assim tão eticamente arranjado?

Além do mais, a Meyse era intelectualizada, escrevia poemas, pequenas crônicas e até compôs uma bela melodia em parceria com um grande cantor esalqueano apelidado de Bigode, o Cantante.

Pois essa bela loira, olhos azuis e curvas abundantes, a todos encantava nas noites de boemia nas repúblicas. E se ocorria de dois ou até os três do triângulo, por qualquer razão, passarem uma noitada boêmia juntos em alguma república, ela se retirava, para não ficar com apenas um e deixar os outros na mão. Era um belo arranjo.

Mas cada um dos três, temeroso de que esse arranjo se desaranjasse, controlava as noites da Meyse. E aqui estava o pecado. Porque, a cada manhã, quando se encontravam na primeira aula, sempre um dos amigos perguntava ao privilegiado da vez da noite anterior:

— E aí, dormiu com a nossa senhora?



## ODE À ESALQ

*(Salvador de Toledo Piza Jr., em 1975)*

Oh Escola nascida no monte!  
Jóia rara de fino lavor!  
Esse nome que trazes na frente  
É o nome do teu sonhador.

Do que teve feliz privilégio,  
Qual Anchieta de ampla visão,  
De prever, na montanha, um colégio,  
Que crescesse por toda Nação!

Desta Escola, por ele sonhada  
E dos jovens que a ela vêm ter,  
Eis que surge a legião denodada  
De uma gente que aspira vencer.

Cavaleiros que odeiam a guerra,  
Bem armados de são ideais,  
Converteram o humo da terra  
Na pujança dos seus cafezais.

Oh Escola! Oh flor da montanha!  
Oh insigne "Luiz de Queiroz"!  
Tua história é uma força tamanha,  
Que nos faz avançar mais veloz.

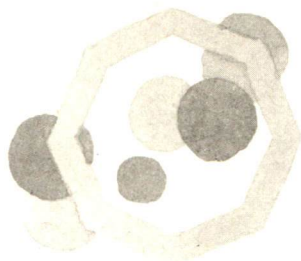
Tua vida, o passado escreveu!  
Tua glória, o futuro dirá!  
Teu presente assinala o apogeu  
Do grandioso amanhã que virá.

Ao cantarmos as nossas conquistas,  
Numa vida de intenso labor,  
Outra coisa não temos em vista,  
Que pagar-te um tributo de amor.

Eia, pois, esalqueanos, sem guerra!  
Co'a bandeira da Escola na mão,  
Ensinai que plantar nesta terra  
É lutar pela grande Nação!

## **ORDEM E PROGRESSO**

Dos filhos deste solo  
Dos filhos desta Escola  
És mãe gentil  
ESALQ amada  
Brasil.



## OCULTAÇÃO

A vida em república é uma escola comportamental que se caracteriza pela necessidade de permanente entendimento entre os moradores. Isso implica, muitas vezes, renúncia, doação e solidariedade. Mas, nem sempre é possível manter o alto nível dessas três virtudes. E há muitas histórias mostrando o fracasso de republicanos nessas questões. Talvez a mais famosa seja a fábula da goiabada.

Em geral, antigamente não havia sobremesa nas refeições das repúblicas: saía caro para o poder aquisitivo da rapaziada. De vez em quando, em alguma festa, aparecia um bolo, quase sempre oferecido pelas namoradas dos moradores. Não durava nada; houve caso de o bolo – a sobremesa – ter sido devorado antes do salgado, tal a carência de glicídios.

Por causa disso, as mães dos rapazes enviavam, de tempos em tempos, algum doce mais duradouro, como goiabada, marmelada, doce de leite em pedaços e coisas parecidas.

Em certa república, morava um mineiro apaixonado por goiabada, que ganhava a cada mês uma caixa de doce. Era uma caixa

de madeira com um quilo e meio de goiabada, que abria com uma tampa de correr, como uma gavetinha.

O tarado por goiabada pedia desculpa aos companheiros, mas não dividia seu doce com ninguém. E a turma compreendia a mania do colega, sem cobrar solidariedade na sobremesa. Mas, por via das dúvidas, para garantir a exclusividade no consumo, o rapaz guardava seu caixotinho de goiabada dentro do guarda-roupa. Depois de cada refeição, ia para o quarto, puxava a tampa da caixinha, cortava um naco do precioso manjar e o comia meio escondido.

Depois de várias caixas de goiabada comidas assim, os moços, cansados da carência de doce, resolveram pregar uma peça no egoísta. Esperaram que ele saísse da república, foram ao guarda-roupa da vítima, abriram a tampa do outro lado e cortaram um belo naco para cada morador. Por fim colocaram a caixa de volta na posição original. A boa ação passou a ser repetida diariamente.

A revelação desse expediente foi trágica. Em geral, a caixa durava uns 20 dias para o consumo do dono. Mas daquela vez, no quinto dia, ao fazer sua incursão à goiabada para cortar seu naco, o rapaz encontrou o oco do outro lado; tinha comido menos de 20 por cento da caixa.

Ficou muito zangado com o cooperativismo compulsório, mas aprendeu a lição e, daí para frente, repartiu a sobremesa com a turma. A única consequência séria foi para a mãe, que quadruplicou as remessas do doce.

## ÓPERA

Corria o ano de 1936.

Os estudantes de agronomia da “Luiz de Queiroz” formavam uma casta bem caracterizada na pequena Piracicaba, a qual, recompondo-se dos rescaldos do *crack* de 1929, formava sua vocação agroindustrial canavieira.

As características comuns àqueles *agricolões* não eram muito diferentes das de hoje: desportistas, joviais, gostavam de uma cervejinha, viviam em repúblicas, freqüentavam botecos com melhor ou pior reputação, em companhia de garotas da sociedade ou públicas, faziam sua política universitária, roubavam galinhas e cadeiras, jogavam no bicho e, nas horas possíveis, estudavam. Formavam, como ainda hoje, boa parte de seus conhecimentos em mesas de bar, onde se aprendia a vida e onde se burilavam os caracteres.

A cidade, crescendo em riqueza, exigia mais cultura e intensificava o relacionamento com São Paulo, de onde vinham artigos de luxo e as notícias da modernidade. Alguns expoentes da sociedade piracicabana, metidos em guarda-pós longos e em algum fordinho bigode, chegavam a viajar à capital para assistir a raros e importantes eventos artísticos ou culturais.

Foi numa dessas marés que uma companhia teatral carioca decidiu viajar a Piracicaba para encenar a ópera *O Guarani*, do grande Carlos Gomes, representante da cidade de Campinas, vizinha e rival desportiva da Noiva da Colina.

Os artistas vieram a Piracicaba na véspera da esperada apresentação, porque faltavam extras que fizessem papel de índios e era indispensável recrutá-los entre os jovens piracicabanos. Foi naturalmente na “Luiz de Queiroz” que a companhia encontrou o material humano perfeito: jovens queimados de sol, fortes pelo esporte e, sobretudo, dispostos.

Quando a noite do espetáculo chegou, encontrou na coxia do teatro São José uns 30 estudantes, os mais taludos dentre todos, vestidos com tangas e cocares de penas de espanador, devidamente ajazados com colares de miçangas. Comandava o lote de tupiniquins, por uma dessas contradições étnicas, o Turcão, gigante esalqueano, dono de um físico e uma força incomuns.

O único problema – aliás quase insignificante – da peça é que, pouco antes de seu início, os alunos, espiando pelos vãos da cortina e constatando a qualidade da platéia, formada pela fina flor da sociedade local, tiveram que se munir de coragem para enfrentá-la e a sua própria timidez. A autoconfiança foi substituída por pavor e, para eliminá-lo, mandou-se buscar um garrafão de cachaça.

— Vamos tomar umas quatro ou nove que a gente agüenta o baque – propôs o Turco, e mais não era preciso dizer.

Foi, portanto, com penas por fora e pinga por dentro que os *agricultores* fizeram sua mais notável aparição artística. A última. Porque houve um pequeno senão no desenvolvimento da encenação.

Após o tiroteio do *script*, que provocou a morte da indiaria, jaziam os índios no palco quando um tenor da companhia, fantasiado de soldado português, ao entoar sua ária, num movimento menos feliz, pisou na mão do cacique Turcão. Ou melhor, apoiou o pé na mão do dito, machucando o pobrezinho.

Sem se mover, um único olho aberto, o Turcão pediu gentilmente ao tenor que tirasse o pé. Obviamente empenhado em sua interpretação, o cantor não ouviu ou não entendeu a reivindicação do levantino. O cacique pediu mais alto, num tom que todos os outros índios escutaram, especialmente porque já vinha um palavrão embutido no apelo. Inútil. O tenor não compreendeu nada. Com sua omissão, provocou a primeira ressurreição, talvez ímpar, de índios mortos em *O Guarani*. Enfurecido, o Turco se sentou e arrancou a mão de baixo da bota do cantante, ação já seguida por um avanço dos outros soldados, com o intuito de matá-lo de novo – artisticamente, lógico.

Só que ele não entendeu assim, e pensando que se tratava de uma reação dos portugueses da peça, levantou-se para enfrentá-los e chamou o resto da indiada. Ressurrectos, os tupis desceram o

cacete na portuguesada da companhia. Foi a única vitória da raça nessa ópera, mas marcou época.

Fechada a cortina do palco, ante o estupor da platéia e antes da chegada da polícia, a rapaziada, vitoriosa no embate racial, saiu correndo pelos corredores do teatro, com medo da prisão, perdendo suas tangas e cocares. Dizem ainda hoje que aí nasceu a expressão: “era só pena que voava”.

## OUTRO BARULHO

O silêncio das noites piracicabanas era perturbado, quase sempre, por dois barulhos distintos: algazarras estudantis e apitos de guardas-noturnos. Os apitos dos guardas-noturnos, estes sim, eram interessantes, e sobre eles se falará aqui; porque, ao que se sabe, só em Piracicaba eram encontrados... e como!

O Pito Aceso era uma república heterogênea. Lá estavam os tipos mais diversos.

Havia uma obra da *finesse* colonial brasileira, o Bola, tão educado, tão fino, tão distante da cotidiana farra, que até a empregada da república, uma imensa bunda ambulante chamada Berenice, usava chamá-lo de senhor. Havia ainda uma cultura extraordinária na figura do Moco, militante político estudantil, que lia dois a três livros por semana. Havia a inteligência do Piegas, gaúcha e picaresca figura esalqueana, campeão supremo do consumo de bolinhas excitantes às vésperas de provas, mas nem mesmo dúzias de pervetins conseguiram mantê-lo acordado. Invariavelmente, ao raiar do dia, Morfeu já havia de velho levado Piegas em seus braços. No entanto, era um aluno de ótimas notas.

Outros espécimes havia nessa famigerada Pito Aceso. Havia jovens disciplinados e outros tremendamente relaxados. Havia pães-duros e mãos-abertas. Havia tarados e celibatários. E de tudo lá havia. Nesse substrato heterogêneo moldavam-se as personalidades daquelas esperanças da pátria.

Um morador poderia ser considerado uma espécie de média ponderada entre os demais: era o Kakareco. Estudava razoavelmente, roubava suas próprias galinhas e tomava um ou outro pileque. Era alegre e gentil, educado e tratável. Caracterizava-se por uma conduta e uma filosofia de vida maduras e conseqüentes; era um homem entre os moços. E foi personagem central do episódio que se segue.

O Moco, em suas elucubrações político-estudantis, havia, através dos anos, constituído um grupo de conhecidos militantes políticos de outras faculdades.

Numa tarde qualquer, um desses seus conhecidos apareceu em Piracicaba. Vinha visitar o Moco e deveria passar a noite no Pito. Era um cara meio chato, estudante de direito, metido a filosofadas e lições de moral pra cima dos *agricolões*. Até a hora do jantar, ficaram todos ouvindo sua conversa demagógica, unicamente por solidariedade ao Moco. Após o jantar, porém, o Kakareco, discretamente, convocou alguns dos republicanos para seu quarto e propôs um plano simpático.

— Olha, gente: esse cara aí vai querer ficar até as três da manhã ensinando a gente a viver. E nós vamos ter de ouvir, porque senão o Moco se emputece. Vamos fazer o seguinte: vamos dar umas doses de uísque pra ele, vamos tomar também e armar um fogo coletivo, pra pelo menos passar mais agradavelmente o tempo. Que tal?

Aprovada a idéia, a volta do Kakareco à sala foi bastante aplaudida: trazia um litro de Drury's, que ofereceu a todos. Eram 12. E em pouco tempo o litro desapareceu. Atrás dele, mais dois ou três litros foram sumindo, dando lugar a um ambiente muito mais cálido e agradável, onde o amigo do Moco, daí em diante assim tratado por todos, já não mais pontificava; primeiro porque estava ficando bêbado; segundo porque os outros, em consequência do álcool, perdiam aos poucos a inibição e expunham suas próprias teorias. A noite ia afundando no tempo e a turma na noite. Como estivesse quente, tiraram as roupas e ficaram todos de cueca. Kakareco, emérito suador, estava enrolado em uma toalha, visto que a cada meia hora tomava um banho frio para amenizar o calor. Sua barriga grandiosa se engalanava ao receber o licor e exibia, orgulhosa, sua elevada capacidade de campo.

Ia a festa animada quando, por volta da uma da manhã, ouviu-se na rua um saudoso canto celestino: "tornei-me um ébrio, na bebida busco esquecer aquela ingrata..." Havia um bêbado perdido na noite. Um pobre homem, vestido de branco que fazia evaporar suas mágoas entoando o plangente canto próprio dos bêbados.

Chegando os moços à janela, convidaram-no para vir até o Pito. Acontece que, entre os vapores etílicos, desaparecem as classes, as

convencões e os preconceitos. Naquela hora, eram todos colegas. E o ídolo, o ideal, o mestre e o deus era um só e comum a todos: Baco. Veio até a janela, o curioso retardatário etilizado. Da janela mesmo lhe ofereceram um pouco do ruim uísque, que ele achou delicioso néctar, em comparação à pinga que tomava.

Em pouco mais de alguns minutos, estavam todos na rua, inclusive o Kakareco e o amigo do Moco, confraternizando com aquele colega de vapores e se deliciando com a brisa da madrugada. Faziam grande algazarra, e provavelmente algum vizinho deve ter achado ruim e comunicado o pampeiro à polícia. O certo é que, por volta das duas horas da manhã, apareceu, não se sabe de onde, um guarda-noturno de bicicleta. Não era aquela a sua noite de sorte. Muito metido a sebo, chegou bronqueando e ameaçando: queria silêncio e que fossem todos para dentro, imaginem, quase pelados e a gritar no meio da rua.

Eles reagiram:

— Como, ir para dentro? E o nosso colega aqui vai ficar sozinho?

— Ora, mande-o embora...

A discussão foi se prolongando, foram rodeando o guardinha — pois era baixinho, o infeliz. A certa altura, o amigo do Moco, em gesto memorável, arrancou o quepe da cabeça do guardinha. Este, então, começou a ficar ridículo. Não contando com aquele gesto, assustou-se. E, assustado, perdeu o rebolado. Tentou tomar o quepe do amigo do Moco, mas este o jogou ao Kakareco, daí ao Moco, daí ao Zé, ao Brigola, ao bebum da rua; começaram a passar o quepe de mão em mão. E o guarda, desesperado, atrás dele. Enquanto isso alguém, aproveitando a confusão, tirou da bicicleta do guarda as válvulas dos pneus, que murcharam até a lona.

A confusão foi num crescendo, o guarda foi se desesperando, o pessoal se entusiasmando, até o clímax: o guardinha, emputecido e humilhado, resolveu tomar uma atitude. Soprou seu incrível apito, e todos, como que tomados por um atavismo, ficaram paralisados. Sentindo voltar-lhe o moral, o guardinha pegou o quepe das mãos do Ney, enfiou-o na cabeça mínima e preparou o dedo em riste, para pregar a bronca do ano.

Nesse instante aconteceu o inesperado. O Kakareco, pressentindo que a recuperação do moral do guardinha seria um desastre, avançou alguns passos em direção a ele e disse:

— Um momento seu guarda. Antes de o senhor dizer qualquer coisa, que certamente será muito razoável, eu gostaria que o senhor ouvisse algo.

A seguir, e num átimo, virou-lhe as costas, levantou a toalha que o vestia como uma saia, exibindo sua bunda colossal e libertou, violento, na cara do guarda, um peido retumbante, talvez o peido mais ruidoso de toda a história acadêmica piracicabana! Aplausos estrepitosos saudaram a façanha.

Completamente desmoralizado no meio da confusão, o guarda pegou a bicicleta e sumiu, oscilando sobre seus pneus murchos.

Ficaram por ali mais algum tempo a comentar o episódio e celebrar a contraternização com o bêbado noctívago.

Subitamente, a dois quarteirões de distância, viram surgir em sua direção um destacamento de guardas-noturnos, uns seis ou sete. A coisa estava mudando de figura. Chamaram o Bola, de todos o mais sábio e cavalheiro; nomearam-no defensor e correram para dentro da república, o Kakareco e o amigo do Moco à frente. Ficaram à janela ouvindo a discussão do Bola com os guardas, que queriam prender todo mundo. Mas após arengas e ameaças formais, encerrou-se o episódio com uma severa repreensão a todos e a prisão, que pena, do pobre bêbado da noite...



## PASSEATA DOS BICHOS

A passeata dos *bichos*  
É dos calouros a alforria  
Estes mouros subjugados  
Ganham direito à luz do dia.

O alegre cortejo etílico  
É embalado na arritmia;  
Na sagração dos pecados  
Até o pudor se desnuda.  
Gente vem de todo lado  
O frenesi invade a rua.

Tomada de assalto a cidade  
Fecha os olhos estupefatos,  
Os deuses e monstros sagrados  
Tomam todas, derrubam estátuas.

No carnaval da agronomia  
Vale tudo nesse dia:  
Na praça São José  
Homem vira mulher;  
Mulher vira sapatão  
No trajeto da São João;  
Na velha Rua do Porto  
Até anjo anda torto.

O fim do trote se completa  
Quando chega a data certa:  
Se a juventude é um capricho  
Foi depois no Baile do Bixo  
Cena que se repete todo ano  
Que o calouro virou veterano.

## PROFISSÃO DE FUTURO

No tempo antigo todo o esforço  
Do homem e seu melhor talento  
Era domar os quatro elementos  
A terra, a água, o ar e o fogo.

O fogo do agrônomo é o novo  
No avanço do simples ao complexo,  
Na chama que ergue a nação e o povo,  
O bravo sempre esteve por perto.

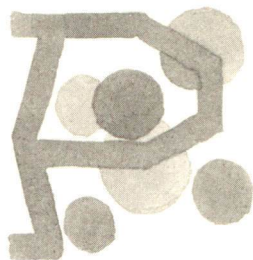
A água para o agrônomo é a alma.  
Na noite a chuva criadeira  
Regala as plantas, o sono acalma,  
Garante a safra de primeira.

O ar do agrônomo é o espaço.  
Se na terra é feito um rasgo  
É preciso ter muita certeza  
Do seu impacto na natureza.

A terra é do agrônomo o signo,  
O passo o rastro desde menino,  
O braço que semeia com afinco  
O manto que encerra seu destino.

No tempo de hoje todo o esforço  
Do agrônomo de melhor talento  
É dosar os quatro elementos  
A terra, a água, o ar e o fogo.

Se esta profissão o futuro espera  
No mundo da interdisciplina,  
O satélite rasga mais a terra  
Do que o braço, o arado e a botina.



## POLÍTICA

A participação política dos estudantes da ESALQ nos diversos organismos de representação universitária (UEE, UNE, JUC, AP etc.) sempre foi muito expressiva. Embora todas as tendências ideológicas fossem representadas no corpo discente da Escola – desde a direita mais ortodoxa até a esquerda mais radical –, o CALQ mantinha uma linha de conduta baseada em declaração de princípios aprovada em Assembléia Geral. As posições esalqueanas eram por isso muito cristalinas, e a formação de líderes acadêmicos tinha uma verdadeira escola norteada por aquele documento.

### “Declaração de Princípios

Centro Acadêmico ‘Luiz de Queiroz’

Os acadêmicos de agronomia da Universidade de São Paulo, tendo em vista a realização do XVI Congresso Estadual de Estudantes Universitários Paulistas, reunidos em Assembléia Geral extraordinária realizada nas sessões de 23 e 30-08-63, aprovaram a seguinte declaração de princípios:

## I – Problemas nacionais

O Brasil, país subdesenvolvido que é, apresenta uma estrutura que não propicia a realização plena do homem. Ora, a economia existe para o homem e não o homem para a economia. Assim, as reformas de base a serem realizadas no Brasil deverão ser encaradas de maneira global, tendo como objetivo fundamental a dignificação e valorização do homem, que é a célula *mater* da sociedade. Portanto, longe de ser o objeto ou elemento passivo da vida social, o homem, pelo contrário, deve ser e permanecer seu sujeito, o fundamento e o fim.

Considerando o problema sob esse prisma, julgamos de primordial importância para o desenvolvimento do país as seguintes reformas:

### 1. Reforma agrária

#### *Política agrária*

Preconizamos:

- atuação efetiva dos órgãos federais e estaduais relacionados com a agricultura, tais como: IAA, IBC, INP, Institutos do Mate, Cacao e Borracha;
- garantia de preços mínimos baseados nos custos de produção;
- adoção de medidas que possibilitem a implantação da infraestrutura agrária, através da construção de redes de armazéns e silos, eletrificação rural, transportes etc.;
- crédito e financiamento efetivos;
- taxação progressiva, de caráter federal;
- fomento ao associativismo e cooperativismo.

#### *Assistência rural*

- Incremento em larga escala, da educação rural;
- assistência médico-sanitária;
- assistência técnica.

#### *Planejamento*

O planejamento agrário da produção deve obedecer à subdivisão das áreas cultiváveis em regiões geoeconômicas, visando ao controle das produções globais, tendo-se em vista sempre o aumento da produtividade através da tecnificação da agricultura.

### *Industrialização*

Seja levada a indústria ao campo, para o aproveitamento local dos produtos agropecuários.

### *Comercialização dos produtos*

Regulamentação das margens de lucro dos intermediários, fazendo um combate frontal a sua exploração.

### *Estrutura agrária*

A estrutura agrária de nosso país é de todas a mais arcaica. Seus aspectos, bastante diversificados segundo as regiões do país, precisam ser formulados com base nesses aspectos regionais. Nesse sentido, o problema agrário brasileiro não se resume simplesmente à divisão de terras; esse é um aspecto que se apresenta em algumas regiões, não se constituindo por isso mesmo no principal problema agrário brasileiro. O minifúndio e o latifúndio são dois problemas que precisam ser enfrentados com firmeza através da organização dos minifúndios, dando-lhes condições de produtividade, e extinção dos latifúndios improdutivos.

O direito da propriedade privada deve ser assegurado.

O importante é que todas essas medidas devem ser levadas avante atendendo-se principalmente ao propósito da valorização do homem, superando assim sua condição subumana de vida.

## **2. Reforma educacional**

Considerando-se as deficiências no atual sistema de ensino primário, médio, pré-universitário, pronunciamo-nos a favor de uma reforma global, no processo educacional brasileiro, preconizando:

- escola pública em número suficiente para atender a toda a população, reconhecendo a gratuidade e ainda a obrigatoriedade e laicidade da escola pública;
- que essas escolas estejam vinculadas à realidade brasileira;
- criação de escolas de nível técnico, industrial e agrícola, que propiciem a formação de técnicos providos de elementos que lhes proporcionem sua ascensão social;
- seja colocada em prática a Lei de Diretrizes e Bases no que se refere ao curso pré-universitário;
- assistência efetiva ao estudante através da criação e estabeleci-

mento de: banco universitário, restaurante universitário, casa do estudante, maior número de bolsas de estudos (sem o espírito paternalista) e editora universitária;

- extinção da cátedra vitalícia;
- adoção do sistema departamental;
- instituição de carreira universitária que possibilite a expressão plena e rápida dos valores e a exclusão sumária e sistemática dos incompetentes e ociosos;
- autonomia absoluta da universidade;
- cumprimento da exigência dos 12% legais da verba orçamentária para o ensino;
- complementação da reforma universitária.

### **3. Reforma tributária**

Imposto de renda cobrado efetiva e progressivamente a particulares, grupos de altos rendimentos e às grandes fortunas, e emprego dessa renda em financiamentos para infra-estrutura agrícola e industrial.

### **4. Reforma bancária**

- Que o BNDES financie somente investimentos nacionais que promovam a ascensão econômica brasileira;
- regulamentação dos bancos estrangeiros;
- obrigatoriedade e fortalecimento das carteiras de crédito agrícola em bancos estatais e particulares.

### **5. Reforma eleitoral**

- Eleições diretas, com zoneamento eleitoral proporcional;
- defendemos o voto do analfabeto, como meio de democratização do processo eleitoral;
- regulamentação da propaganda.

### **6. Reforma urbana**

- Desfavelamento;
- casa própria;
- saneamento

### **7. Reforma cambial**

- Limitar e regular, visando impedir ao máximo a saída de capi-

tais brasileiros para o exterior;

- que o Banco do Brasil assuma o monopólio das operações de câmbio.

## **8. Reforma empresarial**

- Pela estatização dos setores de energia e recursos naturais, pela Minerobrás, Eletrobrás e dinamização da Petrobras;
- contrato de trabalho;
- participação dos operários nos lucros das empresas;
- pela implementação e severa aplicação da lei antitruste em vigor;
- pela sindicalização, porém contrários à formação de castas sindicais com privilégios.

## **II – Problemas internacionais**

- Somos pela coexistência pacífica.
- Combatemos os colonialismos de direita e de esquerda.
- Somos pela autodeterminação dos povos, condenando quaisquer formas de intervenção militar, política e econômica.
- Pela participação de todos os países da ONU.
- Pela extinção da indústria bélica.
- Pela posição do Brasil equidistante em relação aos blocos mundiais.
- Pela união dos países latino-americanos para vencer a barreira do subdesenvolvimento.
- Favoráveis aos planos de cooperação internacional quando esses auxílios se destinarem a promover os setores básicos do desenvolvimento, com autonomia dos países que os receberam para planificação e execução dos projetos.”

Como são atuais muitos desses pontos da Carta de Princípios dos estudantes da ESALQ! Isso explica sua efetiva participação na discussão, até hoje, dos grandes problemas brasileiros: tiveram também uma boa escola política.

## PROFESSORES

Impossível tratar o assunto com ligeireza. Afinal, são eles, os professores, os responsáveis pela carga de conhecimentos de qualquer aluno, em qualquer escola. E seu papel é tão importante que mereceria um estudo muito mais profundo do que o proposto nesta publicação. Seria necessário traçar o perfil do professor ideal, cuja principal premissa seria a vocação para ensinar. Sem essa, a grande maioria dos mestres naufraga na mediocridade.

Além do conhecimento técnico sempre atualizado em nível internacional, o professor precisa ser o guardião do civismo e deve inserir seus ensinamentos na geoeconomia social do país, levando em conta a história e o momento, de forma a moldar cidadãos comprometidos com o desenvolvimento eqüitativo e não meros depósitos de informações tecnológicas. Mesmo porque essas já estão nos livros.

Seria também necessário estabelecer outra condição vocacional para ser mestre: servir ao aluno, e não à própria carreira. Essa deve ser fruto daquela.

Feita a análise – necessariamente em profundidade – então estariam dadas as condições para classificar os professores, em ótimos, bons, médios, ruins e péssimos. E de tudo encontraríamos na ESALQ, como em qualquer escola.

Mas não é isso que se busca neste dicionário amoroso. Aqui se busca ressaltar o bom e o belo. E, nesse caso, o capítulo sobre professores deveria falar dos grandes mestres que a ESALQ ostentou em sua vida centenária, homens com agá maiúsculo que, além de ensinarem, serviram ao país em inúmeros cargos da maior importância.

Com a intenção de ressaltar o lado humano de tantos cidadãos formadores de cidadãos, é preciso falar do doutor Sinval Silveira Filho, o querido doutor Vavá. Piracicabano da gema, agrônomo

por vocação, professor de zootecnia, fazia dos alunos seus familiares. Tratava-os com amor e distinção e era por eles reconhecido. Perdeu a conta do número de formaturas em que foi homenageado. Ensinava com rigor e dedicação, mas se preocupava com cada aluno. Para aqueles que trabalhavam no CALQ até altas horas, pedia que não viessem assistir a suas aulas, que começavam muito cedo:

— Você precisa dormir, fulano de tal.

A todos tratava pelo nome.

Tinha uma personalidade dicotômica. Humilde como ninguém, modestíssimo, digno, doce como um favo de mel, desdobrava-se em mesuras com todo mundo, queria servir, ajudar, sempre disponível. Mas tinha um estopim curtíssimo; antes mesmo de terminar de falar, o estopim já estava queimando e a valentia, a coragem, a ira mesmo explodiam com tamanha intensidade que assustavam os desconhecidos. Por causa disso, protagonizou um variadíssimo repertório de feitos hilariantes.

Era sistematicamente convidado para chefiar as delegações esportivas, exatamente porque defendia o A Encarnado com unhas e dentes. Certa vez, quando o time de futebol da ESALQ estava sendo vergonhosamente roubado em um jogo da Fupe em São Paulo, ele surrupiou a súmula, mandou o time sair de campo e tomar o ônibus. Não houve jogo.

Brigou – de tapa mesmo, murro, no duro – com outros professores, com funcionários e até com alunos, e isso lhe deu muitas dores de cabeça dentro da universidade.

Uma de suas histórias mais notórias foi uma briga com um aluno.

Ele não gostava de reprovar ninguém. Quando dava as provas, sinalizava as questões. Ficava na porta, no dia da prova, esperando os alunos entrarem e perguntava, por exemplo, para cada um:

— Estudou manteiga?

E dava um tempo para o pessoal recordar o assunto. Era batata, ou melhor, manteiga. Era às vezes criticado por outros professores e até alunos, que o achavam muito condescendente.

Certa vez, os alunos de zootecnia receberam um questionário de avaliação dos professores. Como as respostas eram secretas e os alunos não tinham que assinar o nome, um deles meteu o pau no doutor Vavá, chamando-o de mole. Foi uma tragédia. Ele ja-

mais esperaria semelhante traição. Inconformado, procurou um especialista em grafotécnica e, comparando provas assinadas com o questionário, identificou o canalha: era um puxa-saco ordinário.

Doutor Vavá passou o resto do ano esperando por um escorregão do animal, mas ele era malandro e continuou puxando o saco do mestre que, sangue fervendo a cada aparição do safado, se continha para não explodir. Até que acabou o ano, terminou o curso, o desafeto se formou e o doutor Vavá não encontrou vaza para se recompor.

Um dia, passava o professor pela praça, guiando sua velha batinha, quando viu o traidor estacionando o carro. O estopim queimou e doutor Vavá desceu do carro sem sequer desligá-lo, no meio da rua, e esmurrou o covardezinho, explicando, aos berros, a razão da sova.

Era assim esse grande e querido amigo, são-paulino até debaixo de avalanche, doce e violento, capaz dos maiores extremos comportamentais.

Casado com uma santa, dona Leni, e pai de dois excelentes agrônomos, ambos professores universitários, a eles transmitiu as mesmas características genéticas. E as porradas continuam, ao lado das homenagens permanentes para ambos.

## PROVAS

Cada aluno e cada professor que passaram pela ESALQ terão, sem dúvida, dezenas de histórias divertidas para contar sobre provas que fizeram, aplicaram ou assistiram. Também existem centenas de histórias nada engraçadas, das provas que levaram todo mundo à bancarrota, por motivos às vezes insondáveis. E há ainda as narrativas de provas que, por motivos trágicos, acabaram ficando divertidas.

Uma dessas aconteceu na engenharia muitíssimos anos atrás: o professor foi informado, na manhã da prova, que as questões haviam vazado. De alguma forma misteriosa, alguns alunos haviam tido acesso às perguntas de uma prova que era particularmente difícil. Seria uma grande injustiça para com os demais manter as questões, se apenas um pequeno grupo já estava sabendo das respostas.

O professor concordou e, com grande senso de humor, mudou tudo e deu uma prova fácil. Com isso identificou os malandros da dica, porque esses não haviam estudado nada, já que tinham as questões, e tiraram notas baixíssimas. Enquanto isso, o resto da classe, que havia estudado bastante, saiu-se bem, com ótimas notas.

Muito famosa ficou uma prova oral de entomologia dos anos 30, quando o professor colocou um besouro para o aluno e perguntou que bicho era aquele. E o aluno, sem pestanejar:

— Um inseto.

— Muito bem, disse o mestre. Como o senhor chegou a essa conclusão?

E o jovem, analfabeto no assunto, sem saber das características morfológicas dos insetos, respondeu:

— É só olhar o jeitão dele!

Também na entomologia há um caso, bem mais recente e também não menos curioso. O professor ditou as 10 perguntas e, ao

final, um aluno mentecapto pediu que repetisse a *oita*.

Décadas atrás, em um curso de economia muito hermético, os alunos não entendiam nada, a começar pelo próprio palavreado do mestre catedrático. Nos últimos 40 dias de aula, no entanto, o curso passou a ser dado por um professor recentemente contratado, com visão prática, que ministrava aulas sobre desenvolvimento rural. Nada de teoria econômica, mas noções práticas de interesse dos agrônomos e dos agricultores. Os alunos adoraram a matéria.

Chegou o fim do ano; chegou a hora do exame final. Todo mundo precisava de nota, porque a parte teórica tinha sido muito difícil. E, no exame final, cairia a matéria do ano todo, com grave ameaça ao sucesso da estudantada. Que fariam? Constituíram uma comissão que, na maior cara-de-pau, procurou o professor catedrático. Disse o porta-voz:

— Professor, o senhor sabe das dificuldades dos alunos no fim do ano – e tome blablablá. Então viemos pedir ao senhor para limitar a matéria para a prova final de economia.

— Ora, pois, meus meninos, vamos estudar o assunto. O que, por exemplo, vocês gostariam que não fosse perguntado?

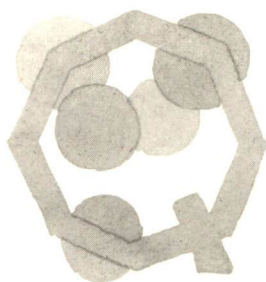
E a suprema apelação:

— Não queremos que o senhor corte nada, professor. Apenas gostaríamos que só caísse a matéria de desenvolvimento rural.

A ira do professor só foi aplacada quando os meninos lhe ofereceram um churrasco laudatório. E, na prova, afinal, caiu apenas o que eles queriam e mais nada.

Assim como essas, quantas brincadeiras, safadezas e vinganças não terão ocorrido nas provas da ESALQ?

Pena que, aos poucos, se não forem contadas, irão caindo no esquecimento, quando deveriam compor um mosaico especial da memória esalqueana. Afinal, são as provas que avaliam os alunos. Está na hora de avaliá-las.



## QUATRO CANTOS DO MUNDO

Se teus passos rumam ao Norte  
Na busca de estudo ou sorte;  
Se anseias o calor no Leste,  
Vontade a pino, inconteste;  
Se te abres ao vento Sul  
Que atravessa o pampa azul;  
Se fechas o ciclo no Oeste  
Nas mãos a semente, a tese.

Saiba que por trás de tudo  
Nos quatro cantos do mundo  
Mestres e alunos da Escola  
Ao vento são como pólen  
Fina poeira que esvoaça  
Com brilho, virtude e raça.

## QUATRO ESTAÇÕES NO PARQUE

As aulas de março abrem o verão<sup>14</sup>  
E o futuro que o estudo alcança  
No s é tanta a esperança  
Feita de água, sol e dedicação.

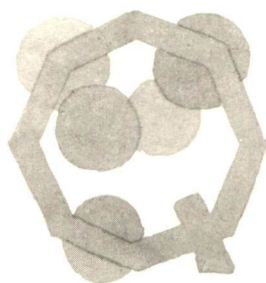
O outono o fruto traz consigo,  
A beleza se esconde, reflexiva.  
Na sala de aula o mestre dá prova,  
Testa o saber que a vida renova.

Frio, o inverno adia o amanhã,  
Recolhe as folhas do *flamboyant*.  
Mal sabe que do fundo da terra  
Virá a surpresa, a volta de Ceres:

Por um descuido da natureza  
A primavera nem avisou,  
Vestiu-se de cor e clareza,  
Chegou mais cedo – e ficou!

---

<sup>14</sup>Referência não incidental a "as águas de março abrem o verão", em *Águas de março*, música composta por Antonio Carlos Jobim em 1972. Ele diz que foi inspirado pelos versos iniciais de Olavo Bilac em *O Caçador de Esmeraldas*: "Foi em março, ao findar das chuvas ..."



## QUADRO DE FORMATURA

Uma das características marcantes da ESALQ, dentro do maravilhoso espírito de corpo que envolve todos quantos por ela passaram, é a feitura e manutenção dos quadros de formatura. Os grandes corredores do prédio principal expõem quadros de turmas de todas as décadas. Neles está grande parte da memória silenciosa de todo um século.

Uma memória visual, que exhibe não apenas a totalidade dos alunos graduados na Escola, cada qual com sua história pessoal, de capítulos íntimos ou públicos, secretos ou compartilhados, mas também os professores homenageados, os paraninfos, os funcionários prediletos, os patronos, os diretores, os reitores da USP. Lá estão retratados políticos, acadêmicos, produtores, jornalistas, pesquisadores, extensionistas, líderes de todos os setores ligados direta ou indiretamente ao *agribusiness* brasileiro.

Quem se debruçar sobre esses quadros de formatura com tempo e paciência e seguir o rastro de cada fotografia, os feitos de cada personagem, poderá conhecer a história completa da ESALQ. E muito mais: conhecerá a história importante da agricultura e da agronomia brasileiras.

Nos dias de solenidade, reuniões festivas e encontros de turmas, os corredores se enchem de ex-estudantes, professores e seus familiares que, olhando seu quadro e os vizinhos, alimentam suas saudades e emoções: reencontram seu passado, mostrando a quem quiser ouvi-los um ou outro colega, contando casos deliciosos. A emoção cerca, então, aquelas testemunhas mudas da grandeza esalqueana – na verdade, os verdadeiros autores da grandeza esalqueana.

E quando a noite desce, as luzes se apagam e as portas do prédio principal são trancadas, esse éter de emoções faz os quadros despertarem de sua silenciosa contemplação. Os retratos dos estudantes de todas as épocas como que se avivam na escuridão e comentam, uns para os outros, as histórias referidas durante o dia, disputando alegremente a primazia dos melhores relatos. Os professores homenageados, patronos, paraninfos, recontam as razões de suas glórias perante os estudantes. Os funcionários homenageados se igualam em valor aos mais condecorados mestres.

E, enquanto a madrugada não termina, aquele surdo alarido dos quadros de formatura diverte cada tijolo do augusto edifício. Todo o prédio se agita na constatação do século intenso de vitórias e realizações dos filhos da ESALQ.

O silêncio cai quando amanhece. As portas se abrem e, no novo dia, visitantes vêm se encontrar com suas lembranças, riem e se comovem ao repetir façanhas de todos os tipos. Não sabem que estão também enchendo de prazer os mudos quadros de formatura.

## QUEBRA-GALHO

Quebrar galho é uma instituição nacional que tem a ver com a origem lusitana, potencializada pela influência italiana em nossa formação.

A primeira grande tentativa histórica de quebrar um galho no Brasil foi ensaiada por Pero Vaz de Caminha em sua carta ao rei de Portugal contando vantagens sobre o país recém-descoberto, só para cavar um empreguinho para um sobrinho na corte.

Aliás, aquela carta contém também a primeira grande mentira sobre o Brasil que tem custado muito caro à agricultura. Caminha afirmou que “nesta terra, em se plantando, tudo dá”. Ele não tinha idéia da necessidade da correção do solo, da adubação, do combate a ervas daninhas, pragas e moléstias, da importância de conservar e preservar o solo etc. E, com seu puxa-saquismo criou a imagem de que a coisa mais fácil é ser agricultor por aqui. Daí porque, talvez, séculos de pouco caso governamental para com a agricultura tenham deixado o setor mais fragilizado em relação aos protegidos agricultores dos países ricos.

Voltando à instituição do quebra-galho, a ESALQ, respeitados os princípios éticos e morais, também tinha seus jeitinhos. Às vezes se abonavam faltas para evitar o *estouro* que levaria à perda do ano; provas podiam ser adiadas para resolver algum problema coletivo (congressos, feiras ou exposições aos quais os alunos queriam comparecer); horários eram flexibilizados; a Escola ajudava alunos em excursões ou competições esportivas; enfim, havia um sem-número de galhos quebráveis. Até mesmo em notas. Para empurrar algum aluno para o ano seguinte, não era impossível que um ou outro mestre *desse* meio ponto ou alguns décimos a mais na média final. É claro que muitos professores eram absolutamente irredutíveis nesse quesito, mas outros, nem tanto. Era uma questão de argumentar bem.

Houve, certa ocasião, um caso muito estranho nesse capítulo. Um professor de química orgânica, extremamente generoso, deu uma prova com 10 questões, valendo um ponto cada uma. Um aluno precisava tirar 7,5 para passar por média, sem exame, mas não era lá tão aplicado, e conseguiu responder apenas a oito das perguntas. Portanto, sua nota máxima poderia ser 8, se acertasse todas as questões integralmente, fato que não ocorreu. Quando saíram as notas, ele havia tirado 6,7. Faltava-lhe, assim, menos de um ponto para fechar a média: na verdade, oito décimos de ponto.

Sabendo da bondade e da boa vontade do velho mestre, o aluno, que era muito bom *de bico* (muito melhor *de bico* que de estudo), procurou-o para tentar convencê-lo a melhorar a nota. Foi tão convincente, e o mestre tão condescendente, que acabou ficando com 8,1.

Vá quebrar galho assim no raio que o quebre...

## QUÍMICA

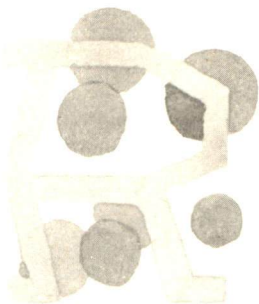
Os agrônomos se casam com a química desde o vestibular, quando a matéria é um dos maiores inimigos da moçada.

No primeiro ano, havia a química geral, cujos conceitos de normalidade e molaridade tiravam os estudantes de seu normal e quebravam seu moral. No segundo ano vinha a química orgânica, e o Ciclo de Krebs botava a turma na roda. No terceiro ano, a química agrícola, de objetivos mais práticos, à qual se seguiam, no quarto e quinto anos, os estudos de solos, sua adubação e correção, além das tecnologias de alimentos, do açúcar e do álcool, entre outras disciplinas. A química, portanto, acompanha os estudantes desde o vestibular até a formatura.

Mas se os moços se casam com a química, a química faz com que se casem. Estranha química, endeusada pelos poetas e românticos, dissecada pelos autores do *Despertar dos mágicos* – Bergier e Powells –, que faz com que duas pessoas se amem, se desejem e se unam para sempre. É a química inexplicável, cujas reações são sempre surpreendentes, que provoca februras, suspensões e decantações inesperadas, mudanças de estado e de cores, odores mágicos e trágicos fedores.

Química maluca, que enrubesce e empalidece, aumenta o volume de algumas vozes e cala outras, faz suar ou gelar, excita e desarma, une e afasta; que provoca erros inimagináveis e acertos insuspeitos, galardoia e execra, faz a vida gloriosa ou mata.

Essa química reveladora, seja nas salas de aula, seja nas trilhas da ESALQ, seja nos ambientes em que moças e moços convivem fora da Escola, essa química, com a qual se casam os agrônomos, faz casar os agrônomos e os acompanha até sempre.



## REPÚBLICA DE ESTUDANTES

A república de estudantes  
Foi a nossa segunda casa,  
Berço de amizade tão grande  
Que água bate e não gasta,  
Resiste ao vento e ao tempo,  
É chama que não se apaga.

Cada um campeia a sorte  
Mas, amigo, estar do seu lado  
Traz a galope o passado,  
Rasga a cortina do tempo.  
Meu peito bate tão forte!  
Felicidade é o momento.

## RIO DE LÁGRIMAS

*(Música que virou sinônimo do Rio Piracicaba e da cidade, composição de Lourival dos Santos, Tião Carreiro e Piraci)*

O rio de Piracicaba  
Vai jogar água pra fora  
Quando chegar a hora  
Nos olhos de alguém que chora.

Lá na rua que eu moro  
Só existe uma nascente:  
A nascente dos meus olhos  
Já formou água corrente.

Pertinho de minha casa  
Já formou uma lagoa  
Com a lágrima dos meus olhos  
Por causa de uma pessoa.

Eu quero apanhar uma rosa  
Minha mão já não alcança  
Eu choro desesperado  
Iguazinho uma criança.

Duvido que alguém não chore  
Pela dor de uma saudade  
Quero ver quem que não chora  
Quando amar de verdade.



## RÉGUA DE CÁLCULO

Hoje anacrônica, a régua de cálculo foi, por muitos anos, um valioso instrumento à disposição do engenheiro agrônomo, especialmente quando trabalhava nas áreas de economia, construções rurais, mecânica, topografia e até estatística. Era o computador do século XIX e da primeira metade do século XX.

Tinha tanta importância que, na cadeira de mecânica, havia um curso sobre régua de cálculo entre as aulas práticas. Um estudante que tivesse uma, era diferenciado. E, se soubesse operá-la, era um sujeito altamente diferenciado.

Mas o curso de régua de cálculo dava margem a muitas brincadeiras. O professor que a ministrava era também responsável pela disciplina de desenho de máquinas e, por seu rigor em exigir que as medidas dos desenhos fossem balizadas por setas cujos ângulos das pontas tivessem exatos 45 graus, era carinhosamente apelidado pelos alunos de Flechinha.

Uma vez, um estudante, carioca, desconhecendo o nome do professor, e precisando de uma informação no meio de uma aula, não teve dúvida e o chamou:

— Professor Flecha... Foi uma gozação sem fim.

Mas uma das coisas mais engraçadas desse curso de régua de cálculo ocorreu em uma aula de demonstração da operação de divisão. Na frente da sala de aula havia uma gigantesca régua de cálculo de madeira, cuja estrutura externa era fixa no forro. O professor mandava um aluno manejá-la enquanto ia explicando a seqüência das operações, sem olhar o instrumento.

Pois bem, nessa famosa aula, um aluno estava encarregado de executar o serviço para resolver uma questão simples: dividir 30 por 3. O sujeito era tão incompetente, fez tanta confusão, o professor ficou tão atrapalhado com as asneiras do moleque que, ao fim dos cálculos, o resultado foi “aproximadamente 9,9”!

Isso é que é calcular!

## REPÚBLICA

Microcosmo: talvez essa seja a melhor definição de uma república de estudantes em Piracicaba. E o subtítulo poderia ser: escola de vida.

A grande maioria dos jovens aprovados no vestibular, que vêm de fora, está saindo de casa pela primeira vez. Saindo de suas casas onde, em geral, existem padrões de disciplina definidos pelos pais, caem em um ambiente de gente estranha, no qual as regras são definidas pelos próprios estudantes, de acordo com sua diversidade.

E aí começa a magia da república. Aí se encontram pessoas das mais diversas regiões do país, de etnias e culturas díspares, com níveis sociais distintos e diferentes padrões de educação. Tudo isso coloca juntos jovens com as mais variadas visões da vida; por conseguinte, sonhos e compromissos são muitas vezes conflitantes. No balanço dos conflitos, moças e rapazes vão esculpindo seus caracteres.

A república, enfim, apura a massa do DNA de cada um. Nela aprende a defender-se dos malandros e das injustiças. Aprende a conhecer as pessoas, a valorizar suas qualidades e fugir de seus defeitos; a confiar e desconfiar, a renunciar e exigir; a negociar; a respeitar e ser respeitado; a consertar e organizar; a fazer fluxo de caixa. Na aparente desordem da vida em república, determinada por essa mesma diversidade entre seus moradores, e mais as especificidades de seus horários, gostos e prazeres, se criam normas de convivência que servirão para o resto da vida.

A república é a síntese da liberdade com responsabilidade. O jovem que aí chega se deslumbra com a liberdade, longe do controle paterno, e aprende a usá-la. Descobre muitas vezes o sexo, a bebida, o jogo e a forma de controlar seu próprio dinhei-

ro. Correndo todos os riscos que tais novidades oferecem, aprende a enfrentar as paixões, a administrar o amor e o ódio; aprende a tolerar, enfrenta a mentira, a maldade, sofre com a segregação e valoriza a lealdade, a sinceridade, o idealismo.

Aí tudo se discute, as ideologias se entrechocam, lágrimas se derramam, adapta-se a tudo. Quem passou pela república está pronto para viver em sociedade: escola de vida. Microcosmo.

## REVOLUÇÃO

A Revolução Constitucionalista de 1932 afetou duramente as famílias paulistas, que enviaram para a frente de batalha, contra irmãos gaúchos, mineiros, baianos, seus melhores jovens. Foi um período duro em que o país correu sérios riscos de desagregação. Mas a coragem e a bravura dos paulistas, minoritários, sem treinamento adequado e sem equipamentos comparáveis aos das forças contrárias, ficaram para sempre marcadas na história do Brasil.

De todas as cidades saíram batalhões para o *front*. Neles iam jovens imberbes recém-chegados aos 18 anos, e iam seus pais e tios, professores e militares locais, alguns já na reserva.

Piracicaba também enviou seu batalhão, e a ESALQ teve nele uma contribuição importante: misturaram-se aos firmes paulistas da Noiva da Colina estudantes de agronomia, veteranos professores e também funcionários da Escola. Saíram de trem e foram para um destacamento militar em Quitaúna, no vale do Paraíba, no sopé da Serra do Mar. Lá receberam os rudimentos de treinamento para a guerra, seus uniformes e equipamentos e foram preparados para a batalha.

Foi um período de intensa vivência. Imagine-se um jovem estudante de 18, 20 anos, ainda *bicho* da ESALQ, convivendo no mesmo batalhão e alojamento, com a mesma patente, com mestres respeitados e até temidos, sob as ordens de oficiais nem tão bem preparados assim para reconhecer as diferenças entre seus subordinados.

Nesse convívio cheio de tensão e expectativas, ainda que em um espaço de tempo de poucas semanas, esses jovens estudantes foram tratados a ferro e a fogo, assim como os professores, e seus caracteres sofreram forte impacto, que os marcaria pelo resto de suas vidas. Um aprendizado duro, duríssimo, mas que também teve seus momentos de graça.

Certa feita, ainda em Quitaúna, durante a fase de treinamento, estava o batalhão de Piracicaba em forma, em posição de sentido para ouvir ordens dos superiores, quando um sargento determinou:

— Todos aqueles que sabem dirigir automóveis, dêem um passo à frente.

Naquela época, poucos tinham carta de motorista. E, naturalmente, alguns professores da ESALQ estavam habilitados e deram o passo à frente.

E o sargento:

— Muito bem, os senhores vão limpar os banheiros.

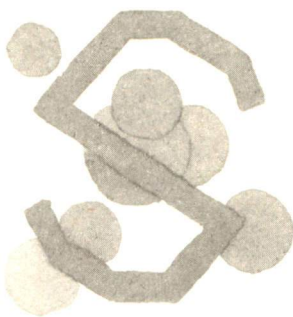
Pode-se imaginar o que essa piada de mau gosto representou para os jovens que, dormindo no mesmo alojamento que os mestres, pediam silêncio aos demais para garantir o sono dos *velhos*. Havia professores na faixa dos 40 anos que os alunos consideravam idosos a tal ponto que carregavam suas mochilas para não extenuá-los.

É uma questão de perspectiva: quase todos os agrônomos que hoje estão por volta dos 60 anos não se acham tão velhos quanto achavam os sessentões de 40 anos atrás. O que dá uma boa idéia: velho é o sujeito com 30 anos a mais que a gente. Ou seja, estabeleceu-se um critério móvel para o conceito de senilidade. Uma bela idéia!

Mas, voltando à revolução de 32, que importante fase foi aquela! Que experiência de vida para os esalqueanos; que lição de cidadania – e que tristeza: quando chegaram à frente de batalha, em São José dos Barreiros, toparam com os combatentes gaúchos do outro lado.

Ficou claro, então, que a Revolução estava perdida. Se os piracicabanos chegavam, ainda em seu estado, a um local onde os gaúchos haviam chegado antes, estava claro que não havia chances. A superioridade em armas dos adversários não dava condições de igualdade aos paulistas.

Derrotados, voltaram nossos esalqueanos a Piracicaba. Mas voltaram altivos, com o orgulho redimido e o senso do dever cumprido. O patriotismo daqueles homens também se inseriu no espírito da ESALQ e sempre estará presente.



## **SOBRENOME MADRUGADA**

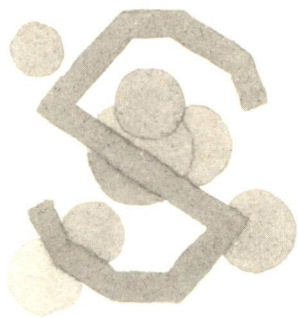
A madrugada é feita de bares,  
De ronda noturna e de cantares;  
Se estás na fossa, muda de ares  
No nosso time só tem titulares.

Singular no nome e na essência,  
O bar é plural na convivência.  
Na camaradagem do garçom  
Pendura-se a conta, a vida, o tom.

Pedaço do mundo e minha casa,  
Se teu sobrenome é madrugada,  
Se Baco pede um outro trago,  
Troco o dia pela noite e refaço  
No roteiro dos sentidos o traço  
Do arco da paixão e me embalo:

Ah! moça fugidia contumaz,  
Acenda a faísca do meu olhar!

O bar é o palco da amizade,  
Dos amores, da luta de classes,  
Jovens alados, sempre tenazes,  
Mudam o mundo numa frase.



## SAUDADE

Talvez não exista sentimento menos nobre do que a saudade. Porque é o sentimento do espaço não ocupado. Porque é amargo.

Quem diz que gostaria de ter 20 anos outra vez é alguém que não fez aos 20 tudo o que poderia ou deveria ter feito. Para não ter saudade, para não se ressentir de não ter vivido plenamente, é preciso ocupar todos os espaços e fazer de cada momento a semeadura do futuro.

Saudade é diferente de nostalgia, um sentimento doce, com o qual se evocam com prazer os momentos agradáveis do passado. Saudade é um sentimento tão tolo que não existe em nenhuma outra língua: não tem tradução, só existe em português.

A grande questão é: como evitá-la? A resposta é óbvia: viver tudo, sem medo; usufruir intensamente essa divina dádiva que é a vida. Para seguir essa regra, há um procedimento simples: jamais se omitir. A omissão é imperdoável e a ela só se apegam os incapazes.

Muitas vezes, diante de uma dúvida sobre o caminho a seguir, pode alguém não se decidir, omitindo-se. É bobagem. A única

conseqüência negativa para quem toma a decisão errada é o castigo. Quem erra é castigado, mas aprende com isso e encontra a decisão correta. Ganha experiência.

A omissão não dá nenhuma vantagem. Como diz o poeta:

“Quem passou pela vida em brancas nuvens

...

foi espectro de homem, não foi homem;

só passou pela vida, não viveu”.

A ESALQ e toda a deliciosa vida acadêmica em volta dela não deixam espaço para a saudade. Os estudantes têm a sua disposição um *campus* belíssimo e, se nada houver para fazer, sua simples contemplação preenche espaços espirituais.

Mas os bares, o Centro Acadêmico, os bailes, as ruidosas festas nas repúblicas, os namoros, as disputas desportivas e políticas, as eventuais surrupiadas de penosas, as obrigações de estudante, as excursões, as intermináveis discussões metafísicas em que se engalfinham veteranos e mais novos – tudo isso faz a vida universitária em Piracicaba tão rica e variada que só não a vive quem não quer. E felizmente esses são pouquíssimos.

Porque, caso contrário, serve a velha máxima rooseveltiana: “todo aquele que parar na estrada para esperar que as coisas melhorem, quando decidir retomar a caminhada, verá que aqueles que não pararam estão tão distantes que jamais poderão ser alcançados”.

## SEQÜESTRO DO MARECHAL

Uma das mais tradicionais repúblicas de Piracicaba, o Mosteiro, ficou famosa com uma incrível história.

Era mais uma suarenta tarde sabatina: semi-anestesiados pelo efeito da pinga matinal e da violenta feijoada, os monges se dedicavam à tradicional ocupação de coçar o saco. Reunidos no salão de refeições, cada qual na sua cadeira preferida – furtada sabe quem de que pobre vítima em que épica noite etílica –, os pés na mesa imensa de pingue-pongue, de dia transformada em palco de condimentados ágapes e de madrugada em poleiro de galinhas roubadas, Lima, Ivan, Pato, Galetto, Monteiro, Tosi e outros, ao embalo de bocejos, arrotos e palavrões, assistiam pachorrentos ao lermo passar do tempo, à espera de qualquer acontecimento que os despertasse da letargia.

Foi nesse modorral ambiente que, por volta das quatro horas da tarde, a porta da rua se entreabriu, ao som agudo das rangentes dobradiças. Até o Telefone, vigoroso e blenorragico mastim negro dos monges, levantou seu úmido focinho curioso, quando uma infantil e gorducha cara se projetou no espaço entreaberto: olhos puros de inocência e candura, cheios de respeito e temor dominavam aquela face de menino interiorano, de cuja boca saiu a pergunta que iria talvez determinar a mudança de sua vida daquele dia em diante.

— Tem um lugar aqui na pensão?

Fulgurante reação. Aquela frase teve o dom de, num átimo, dispersar a nuvem de tédio do salão. Como cães que farejam a presa fácil, todos os presentes se inteiriçaram nas cadeiras. Por todos os cérebros passaram, fugazes, as imagens de mil gozações passadas sofridas e futuras a fazer sofrer. Era um achado: aquele protobicho tinha tudo para ser um *bola-murcha*, alvo de todas as gozações, penico para todas as defecadas.

No pequeno espaço de tempo entre sua pergunta e a resposta do Ivan, pelo rosto do rapazola desfilaram as emoções próprias do protobicho: será que acertei vindo aqui? Será que esses caras são bons? Que farão eles comigo? Oh, meu Deus, que será?

A voz poderosa do Turco roncou guturalmente:

— Como é seu nome, *bicho*?

— Wellington.

Putá que o pariu! Que nome monumental. Só ele já era um convite à galhofa. E foi antegozando um áureo período de massacre moral e gargalhadas que os monges ouviram a picaresca voz do Monteiro conclamar:

— Entra, Marechal!!!

Daí para frente, o nome Wellington caiu no esquecimento, substituído por esse óbvio e espontâneo pseudônimo: Marechal. Começaram com essa rápida substituição terminológica todos os problemas e azares daquele bom rapaz, que viera a Piracicaba com o evidente propósito de estudar agronomia.

Para iniciar, ele foi escalado para dormir com o Brucutu, apelido suficiente para definir aquele espécime imiscuído na humanidade, que avaliava as qualidades dos colegas na proporção direta do diâmetro do tórax e comprimento do pênis.

Acontece que esse Brucutu sofria de uma asma espetacular. Pelo menos três vezes por noite acordava com falta de ar e seus 80 quilos explodiam à procura da bombinha de oxigênio, provocando apavorantes ruídos para o ouvido do jovem Marechal. E enquanto dormia, roncava em tal diapasão que seus vizinhos de quarto haviam revestido a parede divisória de eucatex acústico. Ao acordar às seis da manhã, invariavelmente, fazia sacudir a república nos alicerces, ao ribombar antropológico de um único peido formidável que os ouvintes classificavam, solenemente, como o canhão do século XX.

Está-se vendo que o pobre Marechal não conseguia dormir durante a noite.

Era no entanto um rapaz tão adorável que, aos poucos, de vítima passou a ser o dodói dos acadêmicos. Para privar de sua amena companhia, eles se revezavam nas idas à Escola e permaneciam na república, apenas para palestrar com o Marechal, dele arrancar observações filosóficas ou postulados de vida que eram, em sua presença, avidamente comentados e transmitidos aos que não as

tinham ouvido, durante a hora do jantar. Nessa hora, o rapaz era massacrado moralmente pela ironia dos mosteirenses.

Está-se vendo que o Marechal não dormia também de dia. E, acima de tudo, está-se vendo que o infeliz não podia estudar nada.

Dois meses decorreram nesse estado de coisas: na verdade, os acadêmicos se apegaram ao rapaz, da paradoxal porém humana forma de apego pela qual se precisa de alguém para inferiorizá-lo.

Ao cabo desse período, haveria um feriado numa sexta-feira. Todos os acadêmicos aproveitaram os três dias de folga e se mandaram para suas casas, no intuito explícito de matar saudades dos parentes e no implícito de afanar-lhes algum tutu extra destinado a boas noitadas sob a égide de Baco e Eros.

No domingo à noite, começaram a chegar de volta. Os primeiros bate-papos versavam sobre o trivial – “na minha terra comi fulana, legal paca, 18 anos, saí com o carro do velho, todas as ninfas me paqueraram” – e coisas típicas da moda da época.

Esgotados os toscos informativos de exageradas e libidinosas façanhas, sedimentaram-se os ânimos e os espíritos, ensarilhando armas, puseram o pé no cotidiano. O Brucutu, após narrar a inesquecível justa na qual se batera em seus pagos e em que se sagrara campeão – fora uma competição para avaliar quem tinha a maior *chapeleta* –, retirara-se em seus aposentos para desarrumar a mala. E foi de lá que, num bestial rugido, anunciou a lúgubre novidade:

— Fugiu! O puto do Marechal fugiu!

E era. O pobre havia se mandado de mala e cuia, aproveitando a ausência dos monges, levando tudo: cama, escrivantina, guarda-roupa, livros e o resto.

Primeiro ato: estupidificação! Segundo ato: revolta! Terceiro ato: isso não fica assim! Verdadeira balbúrdia se seguiu. Mil formas de vingança foram sugeridas, mas nenhuma agradou aos líderes dos monges.

— Deixa, diziam, nós acharemos uma saída. Vamos esperar um pouco! Mas que não fica assim, isso não fica mesmo!

Comentando o insólito acontecimento, arrumaram suas coisas e, em subpanelas, partiram para mais uma dominical noitada nativa.

Passaram-se alguns dias.

Era uma agradável noite outonal. No bar do Carraro, cerca de

20 estudantes, entre os quais quase todos os monges, ouviam a roufenha voz do Petrolysses, inefável bicha folclórica de Piracicaba, a contar sua vida pregressa. Estava no clímax de sua narrativa – o porquê de sua opção – quando adentrou no boteco um personagem muito conhecido daquele grupo: o Mané Precipitado ou Guaru-Guaru, um pobre esqueleto com alguma pele por cima, padrão universal de magreza humana. Tomou assento, aguardou o fim da história do Petrô, e então meteu sua colher torta no papo:

— Fui jogar pôquer numa república de *protobichos*...

Suspense. Seu olhar malicioso perscrutou a roda; algumas orelhas já estavam de pé. Outras, um pouco empastadas pelo álcool, não haviam cheirado nada.

— É o Marechal, tá morando lá.

Catapimba! Eureka! Táquios!

Duas horas se consumiram na elaboração do mirífico plano: o Guaru desenhou a planta da república, com a descrição do quarto do Marechal; as equipes foram compostas, as pessoas destacadas para as ações individuais, e tome cerveja. Chapéus de mexicanos, botinas de caboclo, capas de chilenos, bonés de soldados e outras fantasias foram trazidos – e tome cerveja. Roteiros foram traçados, a longa caminhada planejada, e esquematizou-se o programa que passaria à história acadêmica esalqueana: o rapto do Marechal! E tome cerveja!

Era uma hora da manhã quando a república dos *protobichos* foi assaltada. Numa fração de tempo muito menor do que se leva para contar, o grupo de assaltantes invadiu o quarto do Marechal: arrancado da cama e do sono tranqüilo de estudioso, foi logo envolvido em cobertores e amarrado por uma grossa corda. Ficou imobilizado feito uma gigantesca salsicha. Sua cama desmontada, o armário idem; as gavetas da escrivaninha arrancadas e atulhadas com os livros que estavam por fora; as malas lotadas com as roupas de cama e com miudezas. E, qual um bando de saúvas, em poucos minutos, em fila indiana, marchavam os raptos pela madrugada piracicabana, cada qual com seu troféu. À frente de todos, dois camaradas carregavam o imóvel e encagaçado Marechal. Atrás vinham seus bens: um trazia o pé da cama; outro, a cabeceira; três, o colchão; dois, o estrado; quatro, o armário; dois, a escrivaninha; malas e gavetas eram conduzidas pelos últimos da fila. Paralelos ao pelotão, grunhiam os que se revezavam na carga:

— É o seu fim, Marechal: você está perdido! Vamos jogá-lo no rio Piracicaba.

Era longa a caminhada. Pelo caminho muitas janelas se abriam, despertados os moradores pela algazarra incrível. O hino de guerra dos *agricultores*, a famosa marcha do *Generale Cadorna*, era entoada nas mais desafinadas algaravias. Mais de três guardas-noturnos, daqueles de bicicleta, ouviram e viram a insólita procissão, mas faltou-lhes coragem para a abordagem. Marechal, antevendo as labaredas do inferno, gemia um gemido nostálgico de carneiro capado.

Pelo trajeto, alguns bêbados retardatários, pressentindo na bagunça a possibilidade de uma complementação etílica, se juntavam ao grupo. Alguns estudantes de repúblicas por onde passava a coluna também aderiam e foi assim, bastante engrossada, que ela arribou ao Mosteiro, quando os sinos da matriz anunciavam duas e meia da matina.

Armou-se então na república o espetáculo mais inesquecível ali já visto: o julgamento do Marechal. O pobre infeliz, totalmente despido, foi manietado a uma cadeira de ferro com molas idem, sem as almofadas! A cadeira foi colocada em cima da mesa polivalente do salão, não sem antes terem sido dali banidas as galinhas dorminhocas. E o rosto do réu ficou a um palmo da única lâmpada que iluminava o salão envolvida por uma capa de papelão de forma a que todo o foco de luz se projetasse intensamente em sua testa.

Um promotor fez a acusação do Marechal, sob ruidosa e ululante manifestação da turba assistente. Os cachorros latiam, sem entender nada; os espectadores riam, gritavam e bebiam, o promotor perorava e o Marechal suava, apavorado. Olhos arregalados e a boca ressecada, as mãos crispadas se agarravam ao frio ferro da cadeira como a uma tábua de salvação. O Marechal era o retrato do terror.

Terminada a brilhante acusação do promotor, levantou-se o Turco para fazer a defesa, conduzida de forma a complicar ainda mais o réu.

O júri, finda a defesa, e sob estrepitosa aprovação de todos os presentes, embalados na maior estratosfera alcoólica, declarou o Marechal culpado. Crime: abandono de lar! E o juiz, um veterano monge, já engrolando a língua, sacou de seu miolo fertilíssimo a sentença fatal:

— Está o réu condenado por este tribunal popular a morar, por toda a sua vida acadêmica, no quarto do Brucutu!

Seca e impiedosa sentença, comemorada com palmas e urros de toda a platéia em delírio. Desamarrado, o Marechal foi conduzido, hesitante e ainda apavorado, para sua negra alcova. E lá, junto a seus pertences desmontados, foi trancafiado e abandonado. Raiava já a aurora quando o último participante do memorável evento entregou-se, barriga doendo de tanto rir, aos braços do Morfeu.

Naquele mesmo dia, à noite, o Marechal saiu de casa para ir ao cursinho. E nunca mais voltou! Deixou em Piracicaba, e não procurou jamais, os seus bens: móveis, roupas, malas e livros. Fugiu aterrorizado, sem deixar notícias ou rastro, e nunca mais ninguém que o tivesse conhecido o viu de novo. Sumiu! *Sorveteu!*

## SERESTA

Será verdade que todas as palavras pronunciadas vão se acomodar em uma espécie de armazém de energia perambulando pelo éter? Se for verdade, Piracicaba deve estar envolta por um delicioso colchão de energia positiva e doce, tantas foram as palavras de amor ali elaboradas. Nesses cem anos de vida da ESALQ, milhares de vezes moças e rapazes juraram amor eterno. E se queixaram com tristeza da ausência das palavras mais adequadas para exprimir seus sentimentos. A pessoa amada sempre merece muito mais do que já foi dito por outros apaixonados em toda a eternidade.

Para expressar tais sentimentos, a seresta sempre foi um maravilhoso instrumento. Durante o último século, quantas vezes se soltaram nas noites da Noiva da Colina, cantando a mais ardente das paixões? Prometendo o mais lindo futuro? Jurando felicidade absoluta? Noites outonais, primaveris, quanta doçura tereis recebido de rouxinóis e patativas enamorados, envolvendo em suavidade e romance tanto o objeto da canção quanto seus vizinhos e companheiros de morada?

Quantos casamentos foram selados com serestas memoráveis?

Em sua imensa maioria, as serenatas eram feitas ao som de violão e vozes, nada mais. Eram poucos os integrantes de um grupo seresteiro: em geral iam o cantor e o apaixonado (quando não eram a mesma pessoa) e mais um ou dois acompanhantes no máximo.

No entanto, havia noites em que se faziam serenatas para mais de uma dama – às vezes muitas – e nessas ocasiões se formava um séquito de interessados. Nem sempre, quando isso acontecia, as serestas terminavam bem, porque nunca faltava um boêmio menos correto que levasse garrafas de cachaça ou outros estimulantes. Nesse caso, o fim era sempre uma cantoria desafinada em

frente à casa de uma malvada ex-namorada ou em alguma república de desafetos.

Em todos esses anos, exímios cantores passaram pela ESALQ. Violonistas, violinistas, flautistas, mestres do tamborim, do atabaque e da bateria. E houve também pianistas, em torno dos quais chegaram a se formar conjuntos que se apresentavam em *shows* do CALQ ou em festinhas particulares.

Nos anos 60, formou-se na república Pito Aceso um desses conjuntos, apelidado de Tumba Trio (embora fosse um quarteto), em homenagem ao Tamba Trio, um excelente conjunto de bossa nova, tão em moda na época.

O Tumba Trio fazia serestas com piano. Era um sufoco. Para colocar o piano na caminhonete de um estudante nativo, todo mundo ajudava, no começo da noite. Mas de madrugada, todo mundo meio *bríaco*, era um sacrifício tirá-lo da carroceria e colocá-lo na república de volta.

Apesar disso, eram noites inesquecíveis, essas das serestas com piano. A melodia do teclado, acompanhada por violão, pandeiro e cantor, inundava as noites, os corações e as almas dos piracicabanos e dos estudantes de fora. Emoções e romance compunham o cenário idílico de cada canção de amor.

Éter, éter: deixa-nos mergulhar nessa memória eterna da doçura das serestas piracicabanas, de declarações sem par.

## SONHOS

A ESALQ, fruto de um sonho magnífico de Luiz Vicente de Souza Queiroz, tem sido ao longo deste século de sua história uma verdadeira fábrica de sonhos. A imensa maioria de seus alunos alimentava – e alimenta – o sonho sublime de construir um país mais justo e harmonioso a partir de uma sólida e competitiva agricultura.

O sonho de uma agricultura sustentada, gerando e distribuindo renda, emprego, riqueza, alimentando o povo brasileiro, exportando para o mundo todo, preservando os recursos naturais, produzindo energia, biomassa e fibras e fazendo gerar a roda da economia.

O sonho da inserção internacional, com tecnologia de ponta criada aqui mesmo, com uma infra-estrutura moderna, capaz de colocar em qualquer rincão do planeta produtos de alta qualidade e padrão.

Esse sonho não acabou. Um formidável exército de profissionais saiu e continua a sair da ESALQ, alimentando o sonho de um Brasil mais digno. Cada vez que uma turma se forma, o sonho tem um orgasmo: os formandos vão fertilizar os instrumentos que o alimentam – a pesquisa, a extensão, o ensino, o setor privado, a área comercial e a da informática, dando forma e consistência, dando realismo ao sonho.

Ao lado desse ideal geral, cada jovem esalqueano alimenta seus sonhos pessoais – de amor, de vitórias nos mais diversos setores de atividade, de ambição, de riqueza. Sonhos de conquistas políticas, de reformas e revoluções estruturais, de justiça e equidade. Sonhos grandiosos ou sonhos modestos.

Naquele maravilhoso *campus*, eles se cruzam e multiplicam; quando alardeados, se reproduzem em projetos e propostas, o que faz dos sonhadores, realizadores. São os agrônomos os construtores da base da economia do país, os artesãos da conquista física de territórios, os semeadores do futuro brilhante que já vem chegando.

ESALQ, sonho de Luiz de Queiroz, realidade de todos os brasileiros.  
ESALQ, fábrica de sonhos e realizações dos construtores da pátria.



## TERRA

*(“... tu és pó e ao pó tornarás” – Gênese)*

Se tu és pó e ao pó tornarás,  
Então nesse caminho de volta  
Depois da vida de tantas voltas  
Três punhados de terra terás  
Para o simples resgate de contas.  
Se a vida vem e vai como as ondas  
As melhores cenas levarás:

O primeiro punhado anuncia  
As raízes profundas, família,  
A descoberta do belo exemplo,  
Do pai que fez do trabalho o templo.

O segundo punhado será leve  
A chama dedicada das mulheres  
Paixão e amor nos instantes tão breves,  
Venham, caros amigos, me carreguem.

O terceiro punhado fecha o círculo:  
Fica um pouco de nós nos nossos filhos,  
Na árvore plantada e também nos livros,  
Testamento que escrevo de improviso.

Se ao pó agora tornei na partida,  
Se o coração tiver alternativa  
De mais puro retomar a viagem,  
Que minhas cinzas sejam divididas  
E espalhadas pelos filhos na ESALQ.

## TURMA DE 74

Cada turma tem sua história  
Mentiras, fatos e glórias  
Se repetem todo ano  
Na passeata dos *bichos*  
Na voz de nós veteranos.

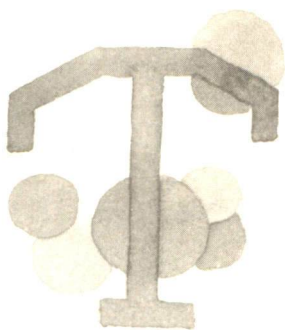
Nos anais está registrado  
Com um destaque especial  
Que a turma de 74  
Nas tropelias foi muito *animal*.  
Provando que o sonho não acabou,  
Ainda fez chispada e o "Dr. Show".

"De noite eu rondo a cidade,  
No Zueira, nos bares,  
Completamente nu ..."

E assim nasceu a chispada,  
A manchete do jornal da cidade  
Mundo afora virou novidade:  
Uns loucos pelados ao natural  
Deram a Pira um *status* global.

"Vejam como o tempo produz seus estragos,  
Em cada reunião da turma comprovados:"

Muito antes do nu do Vampeta  
A moçada saúde esbanjava.  
Hoje a barriga vista no espelho  
É motivo de tristeza ou piada.



## TANAKA

Não parece nome de bar, mas era. E que bar! O Tanaka era uma espécie de templo da boemia. Na Rua São José, em frente ao venerando Clube Coronel Barbosa, por lá passaram gerações e gerações de estudantes, aprendendo e ensinando na escola da vida – o botequim. Não era muito grande, mas parecia coração de mãe: sempre tinha lugar para mais um estudante.

O boteco, de propriedade de um – quem diria! – japonês, foi cenário dos mais variados acontecimentos. Ali, por exemplo, se armou uma espécie de central de informações durante os tensos dias que se seguiram à inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros. Quem queria saber das novidades acorria ao Tanaka e lá as notícias eram transmitidas.

Lá também ficava um centro de irradiações de jogos da seleção brasileira de futebol ou de basquete, quando não havia televisão. E os *técnicos* em cada esporte deitavam falação. O Tanaka viu crescer novos líderes estudantis e viu serem enterradas carreiras políticas aparentemente promissoras. Por três décadas ali se firmaram grandes amizades – mas também grandes gozações.

Uma dessas aconteceu com um estudante um pouco inocente que, para sua tragédia, era muito surdo. Usava um aparelhinho no ouvido, para poder escutar melhor. E o aparelho tinha um fio que era acoplado a uma regulagem que o rapaz levava no bolso da camisa.

Pois numa noite de poucos fregueses, o surdinho teve o azar de aparecer no Tanaka. Assim que entrou, sem que ninguém tivesse combinado nada, todo mundo começou a falar, sem falar. Isto é, os estudantes mexiam os lábios sem emitir nenhum som. Foi uma espécie de decisão tácita, de inopino, sem prévio entendimento. Mas como todo mundo conhecia a surdez do infeliz, todos os presentes entraram no jogo.

Passaram-se alguns minutos da mais divertida brincadeira. O surdinho, estarecido ante o não-funcionamento do seu mini-equipamento, mexeu até o limite de sua regulagem, aumentando ao máximo a capacidade de audição. E nada! Tirou o aparelho do ouvido, olhou-o, limpou-o, colocou-o de novo, e nada! De tanta apreensão, sequer percebeu os ruídos normais do bar, de copos e garrafas batendo, nem o barulho que vinha da rua. Em desespero, só percebia a conversa muda dos maldosos companheiros, e se assombrava ante o péssimo estado de seu aparelho, ou melhor, dos aparelhos, o natural e o mecânico.

Finalmente, depois de alguns minutos, um engraçadinho, já incapaz de segurar a gargalhada, deu um grito:

— Seu tonto, você não percebeu que é tudo brincadeira?

E o bar explodiu de alegria: os gozadores, pela graça da cena inesperada; o surdo, por ver que ainda escutava o suficiente.

## TOPOGRAFIA

A disciplina de topografia teve dois excelentes professores: Antonio Peta e Guilherme de Melo Neto. E, obviamente, sempre teve uma equipe de desenhistas de mapas e plantas de primeira qualidade.

Mas houve um tempo em que, entre esses desenhistas, havia uma bichinha assumida, de nome Petrolysses. Era uma época em que os *gays* não se mostravam, dado o forte preconceito social. Quase não se davam a conhecer, ou pelo menos não eram facilmente identificáveis. Petrolysses não estava nem aí. Além de ser um excelente cartógrafo, era um artista plástico consumado: pintava muito bem e era exímio pianista. Diziam que também era craque na clarineta, mas há controvérsias.

O professor Antonio Peta, severíssimo e extremamente direito, homem de família e religioso, tinha verdadeira ojeriza pelo Petrô, apelidinho carinhoso. Igualmente, odiava que o chamassem Nico, cognome que teria tido na infância. Mas é claro, tal aversão fizera com que todos os estudantes da ESALQ o tratassem, entre si, de professor Nico Peta. Que, para seu desgosto, tinha que dividir a grande sala de plantas e projetos com todos os desenhistas, inclusive o célebre pintor.

Pois numa dessas tardes marasmáticas de abril, uma turma de quartanistas estava folgando uma aula. Dezenas de seus componentes estavam sentados nas escadarias da entrada principal do prédio da engenharia. Como sempre nessas oportunidades, nada tendo que fazer, as cabeças dos mais safados funcionavam procurando entretenimento. A oportunidade surgiu com a chegada de um estudante do segundo ano – topografia era matéria do terceiro – que, inocente, aproximou-se do grupo mais perverso dos folgados e fez a fatídica pergunta:

— Oi, turma, estou no segundo ano, mas quero fazer um está-

gio na topografia para ir me familiarizando com o assunto. Com quem devo conversar para acertar isto?

Não deu outra: em fração de segundo uma mentalidade mente-capta deu a receita:

— Olha, cara, vai lá no salão dos desenhistas e procura um deles, chamado Nico Peta. Ele é um pouco grosso, mas é *peixinho* do professor Petrolysses, que é quem pode quebrar seu galho. Vai lá e diz para o Nico Peta que você sabe que ele é o dodói do mestre Petrô, e pede para ele interferir junto ao professor para arrumar o estágio para você. Esse é o melhor caminho.

O pobre seguiu à risca a recomendação. Jamais se ouviu tanto palavão na sala dos desenhistas.

## TROTE

Concebido para ser um instrumento de integração dos calouros na Escola, o trote tem sido fonte de permanente debate. Combatido por alguns, defendido por outros, vai atravessando os anos e cumprindo seu papel.

Na imensa maioria de suas formas, o trote é realmente positivo: os *bichos* conhecem os veteranos e suas moradias, são informados, através da comissão de integração, das atividades e funcionamento do CALQ, recebem instruções sobre a Escola e indicações sobre locais para morar. São cooptados para a prática de esportes e também para atividades beneficentes. E se iniciam na vida acadêmica real.

Infelizmente, uma minoria de veteranos às vezes exagera no mau gosto das brincadeiras e o trote acaba descambando para a humilhação dos calouros e, raramente, até mesmo para a agressão física. Mas isso é cada dia mais raro. O trote não deve ser condenado por tais abusos. Eles devem ser combatidos e seus autores punidos, mas o trote, como forma de aproximação entre os alunos, sempre foi e continuará sendo interessante, desde que seu espírito seja mantido.

Há todo tipo de trote: desde os mais inocentes e sem graça alguma, como engraxar sapatos, limpar quintais de repúblicas, arrumar a cozinha, até os mais divertidos.

Havia uma república, hoje desaparecida, chamada Adega, cujas paredes eram todas cobertas por marcas de bundas de *bichos*. O *bicho* lá ia para receber um trote, tinha a bunda besuntada com tinta preta e fazia a bundografia: carimbava a parede com suas duas partes. Era curioso ver quantos diferentes tipos de bundas existem.

Declaração de amor na rua, pedágios beneficentes eram e são comuns. E hoje temos a fabulosa chispada.

Mas dois trotes marcaram época: a castração sem dor e o bundobol.

A castração sem dor era um trote assustador, que terminava em grande alívio. Amarravam um tijolo com um barbante longo no saco do *bicho*, e ele ficava segurando o tijolo com as duas mãos, enquanto era vendado. Por alguns minutos, os veteranos ficavam fingindo querer arrancar o tijolo do *bicho*, apavorado com a dor que sofreria quando isso acontecesse: o saco seria puxado pelo barbante. Só que, sem que o *bicho* soubesse, o barbante era cortado silenciosamente. E, ao fim da tortura, finalmente alguém arrancava com força o tijolo. Sem dor. Sempre terminava em alegria geral.

O bundobol era um jogo de dois contra dois. Os *bichos* jogavam nus, e deviam pegar uma bolinha com a bunda, passar de um parceiro para o outro, e marcar um gol em uma cadeira furada. E os outros dois deviam impedir a jogada. Sempre com a bunda. Em geral as partidas eram muito curtas, terminavam 0 x 0 e todo mundo ria muito.

Eram trotes violentos? Não, embora pudessem assustar os *bichos*. Mas, como todos eram informados até mesmo antes do vestibular dessas possibilidades, só mesmo os mais desligados se assustavam. E esses comprovavam a teoria eterna de que *bicho* é muito burro mesmo.

O engraçado é que a idéia do trote segue pela vida afora. Até hoje, quando algum agrônomo mais velho se encontra com um mais novo, não dá outra: este é chamado de *bicho* por aquele e trata o veterano de doutor.

Assim, a saga do trote segue firme, e sempre, sempre haverá o *bicho* e o doutor. Felizmente.



## UNIÃO

Na escala de Mohs, refletida,  
A dureza dos minerais:  
Talco, gipsita, calcita,  
Fluorita depois apatita,  
Ortoclásio, quartzo, topázio,  
Por fim corindon e diamante,<sup>15</sup>  
A pedra preciosa mais dura,  
A têmpera do aço, brilhante,  
Carbono indomável e puro.

Se fossem nomes de gente  
De matizes tão diferentes  
Então o que seria a liga  
União na chegada e partida?

A ESALQ é sempre a enzima  
Que combina os minerais,  
Que muitos moços lapida  
Com o brilho dos ancestrais.

## URBANIZAÇÃO

O nome do faroeste é  
"Da terra nascem os homens"  
– Cerrado caatinga agreste  
Chapada sertão nordeste –  
Se no campo ainda há fome  
Na busca da sorte grande  
Todos vão para a cidade.

A mais pura verdade é:  
No imposto ou no confisco  
A renda saiu do campo  
Deixando pobreza e risco;  
Recurso pra todo canto  
Fez indústria, deu emprego  
Pra velho, moço e mulher.

A seqüência do filme é:  
Se a sorte não ilumina,  
Feito bichos nas esquinas,  
Debaixo dos viadutos,  
Degradados do desejo  
Mais parecem em cortejo.  
(Bendito não seja o fruto,  
Barriga sempre de luto).

---

<sup>15</sup>Segundo o Aurélio, a palavra diamante vem do lat. vulg. diamante, alterado do lat. adamas, antis < gr. adámas, antos, 'indomável', 'aço', 'diamante'.



## UNANIMIDADE

José Carlos chegou a sua república depois de mais um dia de estudos igual a todos os outros. Era um rapaz sério, estudioso e levava o curso de agronomia com muito rigor. Bom companheiro, não era dado a brincadeiras que pudessem criar qualquer tipo de constrangimento a terceiros. E seus colegas de moradia queriam porque queriam metê-lo em alguma encrenca. Naquela tarde um grande esquema envolvendo a unanimidade das repúblicas que tinham telefone fora armado para judiar do excelente rapaz.

Estavam todos os companheiros *casualmente* conversando na sala quando ele chegou. E, meio sem graça, um dos moradores puxou o papo com Zé Carlos.

— Ô Zé, veio aqui hoje um conhecido lá da sua terra, e contou na maior cara-de-pau que você adorava sentar no colo dele quando estudava lá. Que negócio é esse? Por acaso você é bicha enrustido?

O pobre moço, surpreso, irritado, acuado, assustado, corou com a conversa e, querendo matar logo o assunto, perguntou quem era o tal sujeito, onde estava o filho-da-puta. E o sacana, sob o olhar

atento dos demais moradores, informou que o delator se chamava Celite, era muito branco e tinha uma boca enorme. E pressionou mais o colega, para provocá-lo.

— Você o conhece? Então isso é verdade? Se for, não vai dar para você ficar conosco, que isso vai acabar com nossa boa fama.

— É mentira, onde está esse desgraçado, que não me lembro de nenhum branquelo bocudo lá da terra. Cadê o lazarento?

— Ele saiu daqui para jantar na KTT. Deve estar lá.

O pobre Zé Carlos nem esperou o fim da frase e se abalou para a república, que ficava a umas quatro quadras da sua. Chegando lá, também encontrou os moradores todos na sala com cara de preocupados.

— Puxa vida, Zé, ainda bem que você chegou, porque acabou de sair daqui um cara que fez sua caveira. Disse que você adorava sentar no colo dele e que fazia isto todo dia, sem faltar um e até duas vezes no mesmo dia. E daí, meu?

O Zé, puto da vida, quis saber que mais, onde estava o *lancrifento*, e foi logo informado da ida dele à Mosteiro, para onde correu incontinenti. Lá ouviu a mesma história, sempre com todo mundo muito casmurro, com o agregado de que às vezes o Celite o faturava mais de uma vez por dia. E que o dito cujo tinha ido para a Adega.

Assim o Zé avançou pela noite, correndo de uma república para outra, ouvindo histórias cada vez mais degradantes contadas por entristecidos companheiros. E do Celite, nada.

Já desesperado, por volta das 11 chegou a outra casa, cansado, desmoralizado. A fúria assassina havia sido substituída por um terror imenso: como fazer para desmascarar o bandido e salvar sua honra? Entrou no terraço da república onde, surpreso, encontrou grande grupo de estudantes reunidos, festejando algo. Tão horrorizado estava que nem notou que todos os presentes eram das repúblicas por onde já havia passado. E, antes que dissesse qualquer coisa, um dos colegas, mostrando a insatisfação de todos os demais, informou que o Celite estava lá e que se encontrava no banheiro.

O Zé não esperou nem um segundo e se precipitou para o cômodo referido, que, por sinal, estava com a porta semi-aberta e a luz acesa. Empurrou a porta pronto para matar, mas não havia ninguém. Na fúria, não percebeu que o banheiro havia sido refor-

mado e que as peças de cerâmica eram todas novas.

Voltou à sala atrás do tal e aí, ao lhe repetirem que o Celite estava no banheiro com absoluta certeza, correu para lá, agora seguido por todo mundo. E, de novo, não havia ninguém. Após um curto e nervoso diálogo, um dos moradores mostrou-lhe a privada:

— Olha ali.

Só então o Zé viu que o vaso sanitário, assim como as outras peças, eram da marca Celite, sua desconhecida naquele tempo.

## UROLOGIA

Hoje em dia é comum, em rodas de estudantes, ouvir a expressão:

— Que saudades da gonorréia!

É possível que seja procedente. O advento da Aids fez da atividade sexual dos jovens uma questão delicada. Além disso, a doença não está isolada de outras atividades, como o uso de drogas.

Antigamente, o máximo em doença venérea era a gonorréia, chamada pelos virtuosos de blenorragia, um pinga-pinga infernal e desconfortável que qualquer penicilina cortava. Quando maltratada, ficava recorrente e acabava dando origem a uma uretrite, também curável, embora de tratamento mais complicado.

É claro que sempre houve a sífilis, que se manifestava sob a forma de cancro. Mas todo mundo fugia desse fantasma, ainda que fosse sarável, porque era um verdadeiro estigma para o portador.

Como o sexo não fosse generalizadamente praticado pelas moças, a rapaziada ficava sabendo quais prostitutas ou biscates eram portadoras de doença venérea e a informação era rapidamente passada boca a boca, de forma a evitar o problema. Quando aparecia, era sempre um grande aborrecimento. Primeiro, pela doença em si, que em termos psicológicos era um desastre. Segundo, pela necessidade de assepsia na república, para evitar o contágio através do uso em comum de certas peças de roupa. Terceiro, porque as aventuras de Eros tinham de ser suspensas e, com elas, o uso de antibióticos também levava à suspensão das celebrações a Baco. Em quarto lugar, e nem por isso o menos importante, por causa do urologista. Esse era o grande pavor da estudantada: ter que enfrentar um dedo no rabo.

Em Piracicaba havia um famoso urologista cujo dedo anular mais parecia um instrumento de tortura, tamanho era o seu diâme-

tro. Seu consultório era chamado de purgatório, tal o medo que inspirava. Sua ameaça era tão presente que os estudantes obrigados a passar por ele terminavam fazendo jejum de sexo por um bom tempo, apavorados com uma recidiva da torneirinha.

Os alunos mais abonados iam a Campinas tratar-se na famosa clínica do doutor Rocha Brito, onde os médicos tinham dedos menos arrombadores. Mas mesmo lá, a massagenzinha na próstata era também assustadora.

Por isso o uso da camisinha foi crescendo. A reitoria da USP chegou a criar um serviço de assistência social para tratar da questão. É claro que não apenas para isso, mas também para cuidar de outros assuntos, como bolsas de estudos e até mesmo tratamento psicológico.

Quanta influência, na imaginação estudantil, exerceu a imagem fantasmagórica daquele dedão de urologista! Quantas fornicações foram adiadas... para sempre, porque, uma vez adiadas, são irrecuperáveis.

Santo dedão, para aqueles que apenas ouviram falar dele. Arreganhador de cu, para os mais íntimos.

## UTILIDADE

Sérgio saiu muito menino da “Luiz de Queiroz”. Naquele tempo, anos 20, 30, era possível se formar aos 20 anos, às vezes menos. Conseguiu um estágio no Horto Florestal de Rio Claro, sob a orientação do famoso Navarro de Andrade. Esse grande agrônomo estudava então variedades de eucaliptos que trouxera de diversas regiões, para ver quais se adaptavam melhor às condições brasileiras. Seus experimentos eram primorosos, acompanhava o desenvolvimento de cada árvore com o carinho de quem vê crescer os familiares.

Entregou ao Sérgio um aparelho para medir diâmetros de árvores, uma espécie de nônio, e ordenou que ele anotasse cuidadosamente o diâmetro de cada eucalipto, fazendo a comparação por espécie, idade, tratos culturais e demais variáveis do experimento. Munido de régua, lápis e prancheta, o garoto meteu mãos à obra, cheio de entusiasmo. Mediu eucaliptos um dia, dois dias, três dias, uma semana.

Sozinho na tarefa, começou a questionar a utilidade da empreitada. Para que medir todas as árvores? Por que não fazer uma amostragem disso? Mas, diante da firmeza do chefe, que não lhe dizia uma palavra, seguiu em frente.

Finalmente, encheu-se. Achava que aquilo não era função de engenheiro agrônomo, que qualquer empregado menos graduado poderia cuidar da medição, que estava fazendo algo absolutamente inútil. Com determinação, procurou Navarro de Andrade e lhe explicou seus sentimentos. E terminou dizendo:

— Não tem cabimento, doutor Edmundo, eu já nem preciso medir a árvore: é só chegar perto que já sei quanto tem de diâmetro.

O chefe, circunspeto, respondeu que queria tirar aquilo a limpo. E saíram juntos para o experimento.

— Essa, Sérgio, quanto tem?

— Quatorze centímetros.

Mediram e deu 14, batata.

E, ao acaso.

— Esta?

— Treze.

— E esta?

— Dezesete.

E assim foram, saltando as árvores, até que ficou evidenciado que o menino estava já prático de fato, só de bater o olho sabia a medida do eucalipto, e, por extensão, sua idade, variedade etc.

Finalmente, Navarro abriu um largo sorriso e condescendeu.

— Viu, meu filho, a utilidade do serviço? Agora você pode saber, por sua própria experiência, uma coisa que quase ninguém sabe no nosso país. Isso será muito útil para nosso trabalho doravante.

Foi uma lição e tanto.

Tão importante quanto a especulação sobre a utilidade de matérias aparentemente inúteis dos primeiros anos da ESALQ que terão fundamental aplicação prática na vida profissional.



## VETERANOS

Calouro, espera,  
É só um *flash*,  
Mesmo que seja  
A diferença  
Entre a idade da pedra  
E o contemporâneo...

O maior trote  
É o medo  
Que constróis  
No teu espelho.  
Tenha paciência,  
Com toda certeza  
Depois de um ano  
Estarás entre nós  
Como um veterano.



## VAMPIRO

Era uma prática comum entre os estudantes da ESALQ, a de dar susto em colegas mais suscetíveis. Principalmente nas repúblicas, quando ficava evidenciada uma fraqueza – um medo, na verdade – de algum morador, ele era logo vitimado por brincadeiras nem sempre de bom gosto.

Houve montagens de correntes que passavam pelo forro do quarto dos mais medrosos, lençóis que esvoaçavam, sussurros e ruídos fantasmagóricos. Em rodas de noite de vento, contavam-se casos assombrosos, inventavam-se incríveis façanhas em cemitérios, de imagens satânicas que surgiam nas estradas de terra do interior, luzes bruxuleantes e coisas que tais, sempre para preparar uma cena de terror para algum pobre incauto.

É certo, também, que às vezes os próprios inventores das brincadeiras ficavam espertos para não serem apanhados em suas próprias armadilhas. Assustar era um esporte muito popular em Piracicaba.

O primeiro filme de terror bem-feito apareceu por lá nos anos 60, com Vincent Price no papel de um vampiro – *O vampiro da noite* – que encheu de medo centenas de estudantes e nativos,

povoando a imaginação de todos com lúgubres imagens de pântanos, castelos assombrados, sótãos e porões escuros.

Havia uma república, a Kakareco, localizada em uma região então pouco habitada, perto de onde fica hoje o ginásio de esportes da ESALQ. Era um descampado, e quem não tinha carro ou outra condução precisava andar um bom trecho a pé para chegar lá.

Numa fria noite de junho, todos os habitantes – menos um, que era presidente do CALQ – foram assistir ao *Vampiro da noite* no cine Broadway. E voltaram apavorados para a república, onde encontraram o Vítor, o único que havia ficado, por suas obrigações políticas. Antes de dormir, comentaram as diversas cenas da película com tal entusiasmo – e pavor – que o Vítor se entusiasmou para vê-la no outro dia.

E foi. Mas foi sozinho à última sessão, que terminava às 11 da noite. Era uma noite de vento, fria e ameaçadora, com um chuvisco desconfortável. Quando saiu do cinema, o rapaz procurou companhia em algum dos bares do centro. Não achou ninguém, pois não era uma noite boa para cerveja ou mesmo para bater papo. Era a típica noite para ficar em casa, lendo um bom livro, em uma cama quentinha.

Como àquela hora já não havia bonde ou ônibus, Vítor enfrentou a longa caminhada solitário e se mandou para a república, esquivando-se da garoa o quanto podia nas desertas ruas piracicabanas. E atravessou, arrepiado, os longos terrenos baldios que separavam a Rua Santa Cruz da Kakareco.

É claro que os coleguinhas gentis haviam preparado uma recepção bastante significativa. Desligando o fuzível, na maior escuridão, colocaram uma colcha branca nas costas de um dos moradores, que subiu a uma árvore localizada no corredor lateral que dava entrada à porta da república.

Vítor vinha assobiando pelo caminho, para espantar o medo, e foi entrando pelo corredor, enquanto todos os companheiros espreitavam no escuro sua reação. Quando passava sob a árvore, dela saltou o fantasmagórico colega, emitindo urros que arrepiariam um defunto. O Vítor, no ato, sacou um grande crucifixo de madeira que havia feito pelo caminho e berrou:

— Te esconjuro, Satanás, *vade retro!*

O vampiro, desarmado, ficou com a maior cara de égua no meio da noite. E a molecada, para não perder a viagem, caiu na gargalhada. A vítima, dessa vez, foi o vampiro.

## VESTIBULAR

Nas últimas décadas, o vestibular tem sido um dos piores fantasmas da juventude brasileira. De certa forma, tem servido para aumentar o abismo social, a maior vergonha do país. Porque a dicotomia qualitativa do ensino básico acaba desaguando no vestibular e aí separa e distancia mais os pobres dos ricos.

O processo é perverso: jovens de famílias menos favorecidas estudam em colégios públicos até o vestibular e, devido à deficiente qualidade do ensino, não passam à fase universitária nas boas faculdades, exatamente as públicas. São obrigados a entrar em faculdades particulares, onde a qualidade de ensino nem sempre é de excelência. Enquanto isso, jovens mais ricos fazem o contrário: boas escolas privadas até o colegial viabilizam o acesso às melhores universidades públicas. Assim se diferencia a qualificação, pois os que aprendem mais já são os mais favorecidos economicamente e o fator concentrador se acentua.

Hoje em dia o vestibular da ESALQ, um funil como todos os demais, é feito no contexto da Fuvest. Mas até meados dos anos 70, cada escola tinha sua prova de admissão específica. Até uma certa época, os exames se davam no Ginásio de Esportes da ESALQ.

Todos que passaram por aquela prova sabem o terror que a envolvia. Em primeiro lugar, a grande maioria dos candidatos estava saindo de casa pela primeira vez e chegava a Piracicaba na véspera dos exames. Aí encontravam concorrentes que haviam terminado cursinhos intensivos, de dois meses, ou até mesmo de um ano, e sentiam o primeiro impacto da responsabilidade: gente que sabia mais. Entre esses, havia já algumas legendas de craques com vagas garantidas – isto é, vagas a menos.

O período de vestibular, fevereiro, era quente e úmido, o que potencializava o suor da rapaziada dentro do ginásio. A sensação, horrível, era de uma grande massa de 300, 400 jovens entrando em

um corredor do qual só saíam 20, 30%. Os demais tombariam pelo caminho.

Até o início dos anos 60, os exames da ESALQ eram divididos em escritos, orais e práticos, os quais não eram exigidos apenas para o português. As provas não eram eliminatórias, de modo que os alunos iam fazendo umas após outras, em um período longo, de até 10 dias, e só no final de todas saberiam o resultado. Era um período muito difícil, onde se revelavam já os caracteres dos futuros profissionais da agronomia brasileira: aí competiam fortes e fracos, valentes e covardes, determinados e inseguros, líderes e comandados. E também os alegres e os tristes, os gozadores e os sisudos, os comunicativos e os enrustidos.

Das provas era possível selecionar coisas interessantíssimas. Havia um professor muito querido, Adiel Paes Leme Zamith, da zoologia, que colecionava absurdos dos vestibulares. Tinha coisas assombrosas, como por exemplo *Echinodermata*: doença que dá na pele dos cavalos; goniometria: medição dos órgãos reprodutores dos animais; hormônios: cristais encontrados em certos lagos da Alemanha; masculino da abelha: abelha não tem masculino, porque se reproduz partenogeneticamente. Havia uma infinidade de besteiras.

Mas o professor Adiel sempre se referia a um paradigma das provas de português. Certo ano, na prova escrita, caiu uma composição sobre agronomia e agricultura no Brasil. Um candidato sem imaginação e sem talento, depois de escrever muita bobagem, terminou seu trabalho com a seguinte frase lapidar: “agronomia e agricultura são coisas muito boas, mas o que eu quero mesmo é entrar na famosa Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’”.

Ficou querendo...

## VINGANÇA

Sempre que terminava o trote, havia a vingança dos *bichos* contra as repúblicas onde moravam os veteranos mais “cruéis”.

A organização mais recente das repúblicas é muito melhor do que a do passado. Há casos em que os moradores exigem, por exemplo, que convivam na república estudantes de todos os anos, para uma integração completa. Existem até as que exigem um período probatório, durante o qual o novo companheiro em potencial fica um ou dois meses no convívio para ver se se adapta aos colegas e vice-versa.

Mas pode acontecer, em uma república fundada por um grupo de colegas do mesmo ano, que seja preciso recompor o grupo com maior número de *bichos* após a saída dos fundadores.

Foi o que se passou há alguns anos com uma república chamada *Κπ*chama. Cinco veteranos se formaram, dando lugar a cinco calouros que se tornaram o grupo majoritário. Essa molecada tomou um trote meio pesado, dado por uma tradicional república chamada Jacarepaguá, uma das mais organizadas de Piracicaba, que anualmente reúne seus ex e atuais moradores em uma magnífica confraternização. Com isso mantém um diferenciado espírito de corpo que realimenta a amizade entre as gerações que por lá passaram.

No dia da vingança, os *bichos* da *Κπ*chama resolveram ir à forra com os veteranos da Jacarepaguá. Só que esses eram muito prevenidos. Sua casa tinha dois andares, mas apenas o superior era ocupado pelos estudantes. O térreo era alugado para uma barbearia. E entrar na república só era possível por um portãozinho ao lado da barbearia, que dava para um corredor lateral no qual havia uma escada de acesso. Trancado o portão, não havia como chegar ao piso superior.

Os jacarepagüenses sabiam que todos os anos corriam o risco

da invasão vingativa dos furibundos *bichos*. No dia da vingança, judiciosamente, recolhiam-se cedo, ninguém ficava para fora, e metiam trancas e cadeados no portãozinho. Ficavam em uma fortaleza inexpugnável ou, pelo menos, quase inatingível. A única janela que dava para a rua era também firmemente fechada. Foi assim que fizeram daquela vez.

A molecada da Kπchama ficou rondando os inimigos desde o começo da noite, como lobos à espera que a vítima fraquejasse. Mas nada...

Lá pelas duas da madrugada tinham desistido da vendeta quando uma cabeça mais iracunda deu a boa idéia.

— Se não podemos entrar, vamos impedi-los de sair.

Puseram mãos à obra. O portão de entrada que dava para a rua era todo rodeado por um batente inserido no alto muro que cercava a casa. Mas havia um espaço no umbral que dava chance para a sacanagem. Os meninos não deixaram por menos: naquele espaço construíram um muro na parte anterior ao portão, em mutirão, durante um silencioso período de três horas.

Emparedaram os desafetos por fora.

## VISITA

Às vezes os estudantes da ESALQ recebiam nas repúblicas as visitas de seus pais, parentes e amigos das respectivas cidades de origem. Eram em geral ocasiões festivas, em que vinham como convidados. Muito raramente, porém, pais de alunos davam incertas para ver como se comportavam seus rebentos no dia-a-dia.

É claro que isso acabou dando azo para as mais divertidas histórias. Havia, por exemplo, um célebre vagabundo cujo pai foi visitar em duas oportunidades na república Pito Aceso. Pois em ambas – talvez as únicas – ocasiões, o malandro estava estudando, e o pai ficou orgulhoso de seu garoto.

Em compensação, na república Mosteiro, antro de tradicionais adeptos do glorioso esporte “coçar-o-saco”, morava um incrível *cê-dê-efe*. Era o único estudioso da república; não faltava a uma única aula. Um dos primeiros alunos da ESALQ, era capaz, respeitado, extremamente decente. Nas vésperas das provas mais difíceis, dava aulas para os colegas da república com tal competência que gente de outras repúblicas vinha estudar e aprender com ele.

Certa vez, teve um furúnculo horroroso na bunda, bem entre as duas bandas. Era tão sério e tímido que não teve coragem de falar sobre o problema para ninguém, até que o bicho infeccionou. Passou ao estado febril, delirante, provocando desespero entre os amigos, que correram a buscar um médico para examiná-lo na república. Perguntado pelo doutor, o jovem, ainda delirando, não quis dizer que tinha um furúnculo na bunda, porque tudo era nome feio para ele. E disse:

— Estou com um *treco* no *toba*.

(Daí para frente, sempre que alguém se ferrava, dizia que tinha um “*treco no toba*”).

Pois bem. Esse crente sequer se envolvia com putas. Era tão decente que, para ser fiel à namorada, não prevaricava nunca!

Exceto num certo sábado. Naquele fatídico dia, todos tinham feito uma extraordinária prova de agricultura graças a ele, e festejavam o feito com uma deliciosa feijoada, precedida de muitas caipirinhas.

Ficaram todos devidamente *etilizados*, mas o jovem de bem, que bebia muito menos que os demais, ficou bêbado mesmo. Tão bêbado que, logo após o almoço, encontrando uma *biscatinha* de terceira categoria que viera passear na república, convidou-a a visitar seu quarto etc. e tal, e se internaram.

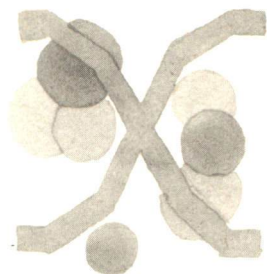
Estavam os demais monges jogando o mais rasgado pôquer na sala, no meio da tarde, quando o pai do crente apareceu na república, pela primeira vez na vida. Era um homem carrancudo, bravo mesmo, sério demais e extremamente exigente: exigia que o filho estudasse e nada mais, entendendo que essa era a única responsabilidade do moleque.

Quando viu a jogatina no salão, logo fechou a cara e fez um único comentário:

— Ainda bem que meu garoto não está participando dessa sordidez!

Pra quê! Mal acabara de pronunciar a frase azeda e o filho, abraçado à putinha, ambos envoltos em uma única toalha, irrompeu na sala com o mais cândido sorriso no rosto.

Foi um susto sem precedentes. E a mais tenebrosa visita de que se tem notícia nos anais republicanos.



## **XIS DA QUESTÃO**

Melhor do que desvendar  
Qual é da questão o xis  
Será sempre colocar  
Os pingos certos nos is.

**XV DE NOVEMBRO –***SAUDAÇÃO DA TORCIDA*<sup>16</sup>

*(O sotaque piracicabano fica ainda mais patente no grito de guerra da torcida)*

Cáxara de fórfé  
Cúspere de grilo  
Bícaro de pato. Gôr!

XV! Cra, cra, cra!  
XV! Cra, cra, cra!

Ásara de barata  
Nhéque de portêra  
Já que tâ que fique. Gôr!

XV! Cra, cra, cra!  
XV! Cra, cra, cra!

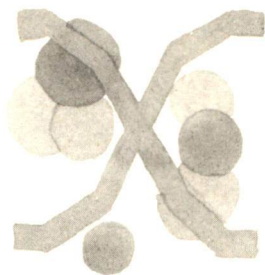
Veio numa kombi véia  
Sem óio de bréque  
Diocro de raibã. Gôr!

XV! Cra, cra, cra!  
XV! Cra, cra, cra!

Carcanhá de bode  
Tôcera de grama  
Já que tâ que fique. Gôr!

XV! Cra, cra, cra!  
XV! Cra, cra, cra!  
XV! Cra, cra, cra!

<sup>16</sup> "Nas disputas esportivas, as torcidas contrárias tinham um verdadeiro hino de guerra para provocar os piracicabanos" (*in Arco, Tarco, Verva*, de Cecílio Elias Netto, 1988).



## “XAROPE”

É claro que em toda comunidade, por melhores que sejam seus integrantes, mais elevado seu espírito, maior a busca de perfeição, às vezes aparece um chato, um *xarope*. Se assim não fosse, se não houvesse exceção, também não existiria a regra.

Também na ESALQ, seja no corpo docente, seja no discente, de vez em quando aparece um *xarope*, para reafirmar a regra da excelência esalqueana. Mas nesse caso, há sempre uma forte rejeição da maioria equilibrada e o chato ou é excluído ou é confinado a sua própria chatice.

Ao longo dos cem anos da ESALQ existiram alguns desses casos, mas um dos mais edificantes talvez seja o seguinte.

Havia um chato fabuloso que morava sozinho num hotel, porque não encontrava república que o aceitasse. Tão chato que, embora tivesse carro, em um tempo em que isso era raro, quase ninguém aceitava carona dele. Quando percebeu isso, passou a ir mais cedo para a Escola para não passar pelo vexame de recusarem sua oferta de transporte.

Tão chato que, querendo namorar uma moça de Piracicaba,

antes perguntou aos colegas ex-namorados se não pretendiam voltar com ela. É pergunta que se faça? Só *xarope* mesmo.

Pois esse coitado estava na torcida de um disputadíssimo jogo de futebol de salão entre a ESALQ e a ENA. No meio do jogo, os ânimos se acirraram de parte a parte, houve algumas agressões dos dois lados, as torcidas se hostilizaram e, lá pelas tantas, o pau comeu na quadra. E também nas arquibancadas.

Virou um fuzuê. Ninguém era de ninguém e a briga se generalizou. Como não havia policiamento, era impossível conter os ânimos. Era um quebra-quebra geral, e praticamente não havia uma única pessoa alheia ao confronto. Todo mundo estava brigando – inclusive o *xarope*.

De repente um dos jogadores de futebol de salão da ESALQ, no maior calor da refrega, distribuindo porrada para todo lado, deu de cara com o chato. E *pôu*, aplicou-lhe um murro na fuça. O coitado, surpreso e dolorido, levantou-se rápido, enquanto ia reclamando:

— Ô, meu, sou eu, eu sou daqui, da ESALQ, pô. Não sou dos inimigos.

— Não quero saber, é você mesmo.

E *pôu*, outra porrada, e dessa vez o *xarope* ficou grogue.

No fim de algum tempo, como não podia deixar de ser, a briga foi amainando e acabou. O jogo terminou e, entre mortos e feridos, salvaram-se todos.

Menos o *xarope*. Que desalentado, desiludido, transferiu-se para a ENA e terminou o curso por lá. Mas a lição serviu: tornou-se um excelente engenheiro agrônomo.

## XEQUE-MATE

No xadrez, o xeque-mate é a jogada definitiva. É o triunfo do melhor, a dominação de um e a humilhação do outro, é o fim. O xeque-mate é, portanto, um lance duro, sem piedade, sem contemplação. É seco e não combina com afeto.

No xadrez da vida, todavia, é possível que o xeque-mate não seja tão impiedoso; é possível mesmo que seja o resultado da mais profunda amizade, da relação mais respeitosa e elevada. Mesmo porque na vida, por mais competente que seja o jogador, por maior capacidade que ele tenha de prever os lances da adversidade, a mudança de rumo é dada por obstáculos absolutamente inesperados, sobretudo no terreno das emoções.

No universo fantástico das relações humanas acalentadas na academia esalqueana, houve, uma vez, um xeque-mate dessa natureza. Em uma tradicional república moravam juntos dois grandes amigos, inseparáveis: daquelas amizades abençoadas e eternas, nascidas da união dos espíritos e cristalizadas com a convivência e a unidade de pensamentos.

Diferentes na origem – um era urbano, sério e educado; o outro era um caboclo grosseiro e brincalhão –, tinham afinidades em tudo o que era relevante, especialmente nas visões políticas, sociais e econômicas da sua época, assim como se combinavam na expectativa do sentido da vida e do compromisso de cada um em relação ao país, à nação e à sociedade. Em resumo, eram muito mais unidos que irmãos de sangue.

O urbano tinha uma namorada que adorava, muito amiga também do caboclinho, uma espécie de confidente do casal, que por isso conhecia muito bem a ditosa menina.

Mas – e aí vem o lance inesperado do xadrez da vida – o urbano voltou das longas férias de fim de ano completamente transtornado. Havia convivido por dois meses com uma amiga da irmã e

por ela se apaixonara. Tinham estado juntos em uma praia isolada e a paixão se instalara sem aviso prévio.

Passou uns 20 dias completamente calado, mergulhado em sua crudelíssima dúvida. Sim, porque, paradoxalmente, continuava também enamorado da antiga garota. E o pior: noites a fio pesava as características que mais lhe agradavam em cada uma e não conseguia se decidir por uma delas. Pesavam absolutamente o mesmo na balança instável de seu coração.

Finalmente, desesperado, contou sua tragédia ao caboclinho amigo. E fez a ele um pedido insólito:

— Você conhece bem a menina daqui, sabe exatamente como ela é. Só você pode me ajudar. Por favor, vá se encontrar com a outra, converse bastante com ela – ela sabe da daqui, que não sabe da de lá – e me ajude a tomar essa dolorosa decisão: com qual das duas devo ficar. Não quero e não posso enganar nenhuma delas, e preciso resolver isso logo. Essa dúvida está me matando.

O caboclo refugou e resfolegou. Negou e negociou. Estranhou e esbravejou. Que não era justo. Que era exploração. Que assim não dava.

Mas no fim, topou – ah, a amizade! Ah, a juventude! Ah, o juízo!

Numa tarde, se mandou para o outro ninho, onde encontrou o objeto da paixão e com ela conversou até quase o dia amanhecer. Ela, de tudo ciente, mais ainda amou o ser amado, porque só ele poderia, por suas qualidades, merecer tamanho sacrifício de um amigo, tamanha amizade.

O caboclo chegou a Piracicaba no começo da manhã e o educado colega, ansioso, não perdeu um segundo.

— E aí?

O outro, medindo cada palavra – ensaiara cada frase na viagem de volta –, explicou o que achava.

E o urbano:

— Sei, mas qual das duas?

O caboclinho, matreiro, mostrou o que, segundo lhe parecia, eram as qualidades que mais agradariam ao amigo e, com jeito, os defeitinhos menos queridos.

Finalmente, o apaixonado já impaciente articulou a temida questão:

— Tudo isso eu já sei. O que não sei é com qual das duas,

afinal, devo ficar. Qual delas deve ser minha mulher, com qual me caso?

Para essa estocada o caboclo estava preparado, e nem pestanejou:

— Isso eu não respondo. Desculpe, meu irmão, mas isso não dá para falar. A vida é sua e não minha, e não posso assumir essa responsabilidade. Respondo qualquer coisa, menos isso. Pode fazer qualquer outra consulta, estou pronto para ajudar a tirar dúvidas. Mas essa pergunta, essa não, essa é a única que não responderei jamais.

— A única?

— A única!

— Está bem. Faço então outra pergunta: com qual das duas você se casaria?

Xeque-mate.

Felizmente, viveram felizes para sempre – os quatro!

## “XERETICE”

Entrou na ESALQ certa vez um aluno magrinho, tão magrinho, que o apelidaram de Fininho. O apelido era perfeito, porque, além de magricela, o rapaz era um *gentleman*, finíssimo. E para terminar, era também um finório da maior categoria. Imagine-se uma mistura de cavalheiro com finório, *bom de bico*.

Caiu nas graças da estudantada veterana, bem como era o ídolo da bichada. Adorável criatura, acabou sendo convidado permanente de tudo quanto era festa, farra, boemia e outros eventos, tudo que não tivesse ligação com o curso em si mesmo. Conclusão: se já não gostava de estudar, encontrou motivos suficientes para não se dedicar às aulas, livros e apostilas. E tomou pau no primeiro ano.

Mas tinha um pai rigoroso, severo e xereta. Queria saber tudo dos estudos do rapaz, e sempre o ameaçava veladamente de punição, caso não fosse um bom aluno. Pois o Fininho disse ao pai que tinha passado para o segundo ano. Para o qual, continuando sua vida desregrada, só passou mesmo no ano seguinte, levando algumas dependências do primeiro. Ao pai, informou que já estava no terceiro, embora com uma dependência. Estava pondo o gato no telhado, preparando-se para futuras *xeretices* do velho.

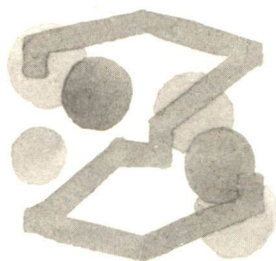
Finalmente, quatro anos depois do vestibular, o rapaz passou para o terceiro ano, com dependências do segundo, enquanto seus colegas estavam se formando. Para apaziguar o pai, contou-lhe que queria continuar na Escola por mais algum tempo, para realizar estágios de aperfeiçoamento. E, assim sendo, não estava interessado em participar da formatura. Era, segundo argumentos finórios, melhor que os colegas, porque esses, mal terminavam o curso já iam embora, enquanto ele, bacana, continuaria a estudar.

Imaginava assim encantar o velho, um caboclo que o esperava para ajudar na administração da fazenda. Mas o velho, orgulhoso

do filho, e para alegrá-lo, resolveu ir assistir à formatura assim mesmo.

Não houve jeito de escapar. O Fininho não conseguiu enganar mais o caboclo da roça que, magoado, aplicou ao filho um castigo exemplar, caracterizado por redução drástica da mesada até a exibição do diploma, fosse quando fosse.

Para o finório, não havia nada pior; nenhum defeito humano era mais hediondo do que a *xeretice*.



## ZÁS-TRÁS!

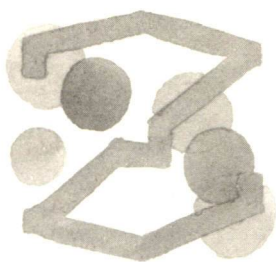
*(O TEMPO NÃO PÁRA...)*

Sete versos fecham o canto  
Já que o tempo passou tanto  
Na passagem pela Escola,  
Depois do breve momento  
Dei por mim já indo embora:  
Agora não sou mais moço  
Mas teu amor me consola.

Luiz de Queiroz é a semente  
Espalhada mundo afora.  
Se algumas vezes vacilo,  
Mas não caio, nem me entrego,  
Digo o que escutei dos Mestres:  
Meu arado é uma estrela  
Que atende por nome Ceres.

Minha adorável ESALQ  
Quero estar sempre por perto  
Alargando os horizontes.  
No raiar do novo século  
Vou beber em tua fonte  
Vendo-te pulsar moderna,  
Passo à frente, rumo adiante.

Num canto desse Brasil  
Acendo a esperança a fio;  
Nessa fala que se encerra  
Convido a todos, colegas,  
Para a voz que se levanta  
O passado nos comove  
Mas pra frente é que se anda!



## ZOEIRA

Um dos locais preferidos da estudiantada dos anos 50, 60 e 70 era a área onde se localizava a apicultura. Era uma espécie de sítio dentro da ESALQ, e seu zelador, o senhor Beisman, era um homem educado e prestativo. Sua mulher fazia doces caseiros, que oferecia aos colegas do filho, também esalqueano.

No pomar da casa havia de tudo, e a rapaziada se acomodava à sombra das fruteiras para chupar laranja e poncã. Era sempre um prazer, nas horas de ócio, visitar a apicultura. Também as aulas ali eram agradáveis, e raras eram as práticas que não terminavam com uma degustação de favos de mel.

Numa dessas aulas aconteceu um notável incidente. Os alunos deviam aprender a manejar colméias, inclusive fazendo a colheita do mel. Para isso, vestiram-se como mandava o figurino: um chapéu de aba larga com um véu que cobria até os ombros. As camisas eram de mangas compridas e as mãos ficavam protegidas por luvas. As calças compridas eram enfiadas nas meias, tudo para evitar picadas de abelha.

Mas havia um arrelento estudante, conhecido como Cegonha,

cujo temperamento agitado provocou divertida cena. Esse camarada, que depois de formado se revelou um extraordinário engenheiro agrônomo, ao se proteger para a aula não se deu conta de que, na meia do pé esquerdo, havia um pequeno buraco, de uns dois centímetros de diâmetro, na altura do tornozelo.

Não deu outra. Assim que chegou sua vez, o Cegonha abriu a caixa de uma colméia, de onde saíram zoando milhares de abelhas. Até hoje não se sabe o que as orientou, mas várias delas foram direto ao buraco da meia e por aí penetraram, subindo pelas canelas do pernalta esalqueano e, naturalmente, picando-o em vários lugares.

Assombrado com as primeiras ferroadas, Cegonha largou a caixa e saiu correndo, com o enxame todo atrás dele. Foi uma cena inesquecível, aquela corrida desengonçada de uma figura bizarra, cuja magreza contrastava com a grande cobertura do chapéu com véu. A zoeira perseguia o Cegonha.

Em outra ocasião, por outra causa – dessa vez etílica –, foi sua cabeça que zoolou. No final de uma festa da cerveja destinada a arrecadar fundos para uma festa de formatura, o Cegonha foi escalado para fiscalizar eventuais larápios que roubassem canecas, copos ou talheres. Completamente mamado, mas (ainda) muito responsável, plantou-se na porta principal da saída da festa e, com alguma delicadeza, pedia para examinar bolsas ou sacolas que pareciam pesadas ou volumosas demais.

Qual não foi o desespero da comissão de formatura ao ser informada de que o Cegonha estava revistando a bolsa da esposa de um dos mais queridos professores da ESALQ. Só porque a bolsa era grande, o animal invocou com ela, cismando que ali havia algo. Cego pelo excesso de cerveja, não reconheceu o mestre e exigiu a vistoria. Diante da irritação da honrada senhora, cheio de autoridade, o Cegonha impediu sua saída.

Foi uma zoeira danada, até que tudo se esclarecesse.

## ZONA

Como acontecia em boa parte das cidades médias do interior paulista, Piracicaba teve, até algumas décadas atrás, uma zona de meretrício, onde trabalhavam as *tias*. Ficava na saída do Tietê e era um bairro com dezenas de casas de tolerância, algumas até bem organizadas, outras da pior espécie.

O bairro não tinha calçamento e a energia elétrica era desligada às duas horas da madrugada, de modo que o som das vitrolas era cortado e as casas em geral fechavam. A partir dessa hora, as moças tinham três alternativas: ou iam dormir sós – a menos usual –, ou iam para a cama com seus amásios e gigolôs, muitos dos quais eram taxistas que faziam ponto na zona, ou iam para a cidade, passar o fim da noite em repúblicas de estudantes.

Nesse caso, havia algumas regras interessantes, uma certa ética da putaria: em primeiro lugar, estudante não pagava. A premissa era que a rapaziada não tinha dinheiro, era dura mesmo, tanto quanto as *estrovengas* que entravam em ação nessas visitas. Em segundo lugar, cada *ninfa* só fazia amor com um estudante em cada república; era uma espécie de namoro ardente cercado de fidelidade. A puta que desse para mais de um na mesma república era podada pelas coleguinhas. E por último, nada de escândalos. Havia um acordo tácito: elas chegavam depois das duas e saíam antes das sete, para não criar problemas com a vizinhança. Era, enfim, um bom arranjo para a rapaziada. Muitos moços, aliás, perderam sua virgindade nessas noitadas gloriosas. E outros perderam a razão...

Certa vez, houve uma grande festa em homenagem a um ex-morador na república Pito Aceso. O agrônomo, que trabalhava na área de café durante um período de grandes problemas para o setor, veio a um seminário em Piracicaba e acabou patrocinando uns garrafões de Sangue de Boi para a petizada.

Como não podia deixar de ser, foi um fogo tremendo, num crescendo de animação. Depois que o formado contou seus feitos profissionais, os colegas republicanos entraram em ruidosas avaliações de seus últimos feitos, todos no mais baixo calão. Até que a conversa foi bater na putaria. Lembraram de uma festa anterior, ao fim da qual tinham ido três carros à zona buscar umas putas para dormir na república. Naquele dia aconteceu de novo: às duas da manhã, oh fatalidade, resolveram, rindo às pamparras, ir à zona buscar companhia. Todos bêbados, saíram em três fusquinhas quase 10 *agricolões*.

Mas chegando lá, tudo escuro, ruas inclusive, vagaram algum tempo em busca de um sinal de luz qualquer, um lampião, uma lanterna. Finalmente encontraram: em uma ruela úmida corria uma faixa de luz de velas. Esfuziantes, desceram em algazarra dos carros, o agrônomo à frente, campeão dos campeões, empurraram a porta aos gritos e, valentemente, alguém gritou:

— Fecha a casa, putada, que hoje a festa é de arromba!

A imagem que se seguiu foi das mais trágicas da republicana história esalqueana: no meio da sala, sobre a mesa, jazia o cadáver de uma puta, rodeado de velas e lágrimas das coleguinhas.

Acabou a farra.

## ZOOLOGIA

Um dos cursos mais afamados do Departamento de Zoologia, durante décadas, foi o de anatomia comparada dos animais domésticos.

Não era para menos: o grande mestre da matéria era o polêmico Salvador de Toledo Piza, que chegou a ser decano da ESALQ, apaixonado pela Escola (foi autor da “Ode à ESALQ”, reproduzida neste livro) e grande contestador da importância dos genes na transmissão de características específicas no processo de reprodução. Suas aulas eram magníficas e, embora fossem ministradas no primeiro ano, muitas delas eram assistidas por veteranos interessados nos debates gerados pelo grande mestre e excepcional didata, dotado de finíssimo humor.

Certa vez, durante uma prova, percebeu que um aluno estava recebendo pedacinhos de papel de um colega sentado a sua frente. No mais absoluto silêncio, foi até o fundo da classe e, lentamente, chegou ao rapaz que estava recebendo as colas. Com enorme delicadeza e discrição, bateu em suas costas e o convidou a se retirar da classe, evitando que os alunos da frente se dessem conta do lance. A seguir, sentou-se à carteira do rapaz expulso e, com maior delicadeza ainda, passou a cochichar para o da frente, como fizera o colador:

— Passa a resposta da pergunta quatro.

Recebia a cola, conferia a sacanagem em silêncio e, com paciência, ia pedindo mais colas. Depois de algum tempo, como os alunos de trás já haviam percebido o lance e começavam a se agitar, cutucou o dono das colas e soprou:

— Agora, passa a prova, seu safadinho!

Mas uma das melhores histórias do professor Piza aconteceu em uma prova final. Caíram dois pontos, na verdade duas dissertações: aparelho respiratório e celenterados. Um dos alunos sabia

alguma coisa da parte *A*, mas não tinha a menor idéia do que seriam os celenterados da parte *B*. Assim, escreveu o que sabia do aparelho respiratório e ficou esperando uma brecha para colar algo sobre a parte *B* do colega da frente, que era um crânio. Com jeito, pediu-lhe que mostrasse a prova.

Acontece que o professor Piza valorizava muito um desenho bem-feito. Às vezes, mesmo que a dissertação não fosse excelente, se o aluno fizesse um bom desenho esquemático do objeto do ponto, o mestre chegava a lhe dar a nota máxima, especialmente quando havia capricho, mais de uma cor e sobretudo uma claríssima legenda explicativa.

O ignorante em celenterados viu, na prova do companheiro da frente, o desenho do bicho: era um animalzinho – talvez um protozoário, pensou o colador – redondo, cheio de pelinhos em volta (talvez pseudópodos?), mas não conseguiu entender a legenda. Por mais que fixasse a vista, a letra do colega era muito miudinha e não dava mesmo para captar o sentido das palavrinhas. No entanto, confiante na excelência de sua cópia, o *bofe* escreveu embaixo do bichinho, bem bonito: “celenterados”. E entregou a prova, cansado do esforço de colar.

Mais tarde encontrou o autor do desenho e, pressuroso, lhe agradeceu pela deixa:

— Rapaz, muito obrigado. Se não fosse você, eu não teria feito nada sobre a parte *B*. Mas coleí seu desenho do celenterado e entreguei mesmo sem explicar aqueles pelinhos. Obrigado mesmo.

E o outro, surpreso:

— Mas eu não desenhei nenhum bicho! Você está falando daquela bolinha? Cara, você tá maluco? Aquilo era o alvéolo pulmonar!

## ZOOTECNIA

Certa vez, um grupo de oito ligeiros estudantes da diversificação de zootecnia conseguiu convencer o professor da área de avicultura de que uma excursão nas férias, para visitar as evoluídas granjas do Sul do país, poderia agregar grande conhecimento a todos e, inclusive, através de preciso relatório de viagem, serviria para melhorar o nível de informação dos demais colegas.

A proposta tinha um item adicional, segundo o qual o referido relatório substituiria as provas do final do curso. Ou seja: viajar – ah, célebres estágios! – em vez de estudar para o exame.

O professor, generoso, indicou uma porção de locais de vanguarda tecnológica que deveriam ser visitadas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e preparou cartas de apresentação dos alunos para seus conhecidos em cada um desses pontos.

E lá se foram os malandros em dois fusquinhas, cheios de vontade de conhecer as praias de Torres e de Araranguá, passando por Cabeçudas, Camboriú e outras delícias do Sul brasileiro. Passearam bastante, namoraram mais ainda, viram tudo o que não precisavam ver. E, para filar alguma cama ou comida no peito, visitaram uma ou outra das localidades indicadas pelo mestre amigo.

Numa dessas visitas foi-lhes mostrada uma variedade de couve-flor, muito alva e muito grande, desenvolvida por seleção genética, chamada “gigante branco de Caretã”. Nada a ver com zootecnia, mas foi uma novidade interessante para a molecada.

Havia porém o relatório. Sem relatório, precisariam fazer a prova. E depois de tanto passeio, não tinham nada técnico e sério para relatar. Vinham falando sobre isso pelo caminho, passando pelo município de São Sepé, no Rio Grande do Sul, quando o primeiro fusca atropelou um grande galo branco. Que morreu, é claro. Nem pararam, mas o segundo fusca passou ao lado do de-

funto, enorme, redondo, tanto que parecia uma grande couve-flor. Parecia o gigante branco Caretã.

No final do dia, pararam para dormir em uma miserável biboca de beira de estrada, e o assunto do relatório veio à baila. Precisavam fazer alguma coisa.

A fértil imaginação da rapaziada funcionou muito bem. O relatório, até hoje precisando de comprovação, dava notícia de fantástica alteração genética de uma raça branca de penosas, de razões ignoradas, que dera origem a uma linhagem de enormes galináceos alvos, intitulados "gigantes brancos de São Sepé".

Para preencher relatórios, os esalqueanos eram capazes de criar lendas.



## **CRONOLOGIA DE LUIZ DE QUEIROZ E DA ESALQ**

**Ivan Wedekin**

(extraído das referências bibliográficas)

1. 12/6/1849 - nasce Luiz Vicente de Souza Queiroz (teve os apelidos de Lulu e Queirozinho).
2. Aos oito anos segue para estudar na Europa, em companhia do irmão mais velho, Vicente.
3. 5/9/1872 - morre seu pai, o Barão de Limeira.
4. 1873 - herda a fazenda Engenho d'Água.
5. 1876 - inaugura a Fábrica de Tecidos Santa Francisca (nome de sua mãe), depois renomeada como Arethusina, atualmente Boyes. Fomenta o plantio de algodão na região.

6. 1880 - consorcia-se com Ermelinda Ottoni, a quem constrói um palacete, com vista para o salto do rio Piracicaba, atualmente palacete Luiz de Queiroz, em restauração.
7. 1/12/1880 - importa um automóvel de Paris.
8. Nesse período de vida em Piracicaba, participa de todas as obras beneméritas, arboriza ruas e praças com seu próprio dinheiro, cultiva e distribui espécies raras de árvores, instala o primeiro telefone na cidade, torna-se líder abolicionista e republicano.
9. 19/10/1889 - participa da fundação do Clube Republicano Piracicabano.
10. 1890 - contrata na Inglaterra o projeto da Escola Agrícola e Fazenda Modelo por 300 libras.
11. 28/1/1891 - arremata em leilão a fazenda São João da Montanha, de 319 ha.
12. 14/7/1891 - é criada a Secretaria de Agricultura de São Paulo.
13. 1892 - continua a construção da Escola. Luiz de Queiroz e sua esposa mudaram-se do palacete na cidade para São João da Montanha.
14. 11/5/1892 - lei estadual autoriza o Executivo a fundar uma Escola Superior de Agricultura e 10 estações agrônômicas. O Estado, os amigos e a comunidade são insensíveis aos pedidos de ajuda de Luiz de Queiroz para levar sua empreitada adiante.
15. 17/11/1892 - doa ao Estado a fazenda São João da Montanha, com o compromisso de que seja construída uma escola agrícola num prazo de 10 anos.
16. 6/9/1893 - Luiz de Queiroz inaugura a usina elétrica. Piracicaba é a segunda cidade do país a ter iluminação elétrica pública (a primeira foi Campos, RJ).
17. 9/11/1894 - desconsolado com a demora do Estado na construção da escola agrícola, vende tudo (exceto a usina) e muda-se para São

Paulo. Adquire terras no Norte do Paraná.

18. 1895 - com Bernardino de Campos, presidente do estado, e seu secretário de Agricultura, engenheiro agrônomo Jorge Tibiriçá, é lançado o Projeto Morimont, grande plano de expansão da Escola. Mas o secretário candidata-se ao Senado e as obras não avançam. O engenheiro agrônomo belga Léon Alphonse Morimont foi um incansável lutador pela continuidade das obras, até seu afastamento em novembro de 1896.
19. 1/4/1896 - lançada a pedra fundamental do prédio principal da escola, sete anos após o início da obra de Luiz de Queiroz. As obras não progridem.
20. 11/6/1898 - Luiz de Queiroz morre em São Paulo, um dia antes de completar 49 anos de idade. É enterrado no Cemitério da Consolação.
21. 13/9/1899 - Alfredo Guedes, secretário de Agricultura do governo Fernando Prestes, concede verba de 50 contos de réis para a continuação da escola.
22. 29/12/1900 - com Cândido Rodrigues, secretário de Agricultura seguinte, por lei é criada a Escola Agrícola Prática São João da Montanha.
23. 22/1/1901 - é nomeado o primeiro diretor da Escola, Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho.
24. 18/3/1901 - Cândido Rodrigues visita a Escola e, impressionado, propõe ao presidente do estado, Rodrigues Alves, a alteração da denominação para Escola Agrícola Prática "Luiz de Queiroz", o que é feito por decreto, nessa data.
25. 3/6/1902 - antes que vencesse o prazo de 10 anos estipulado por Luiz de Queiroz, a Escola é inaugurada às pressas. A solenidade foi presidida por Cândido Rodrigues e teve a presença do ex-presidente da República, Prudente de Morais, e de D. Ermelinda, a viúva de Luiz de Queiroz.

26. 14/5/1907 - com Jorge Tibiriçá na presidência do estado e o médico Carlos Botelho na secretaria de Agricultura, as obras saíram do papel, sendo nessa data inaugurados o prédio principal e muitas outras instalações e obras, como o parque, projetado pelo paisagista Arsène Puttmans. Carlos Botelho - um dos fundadores da Santa Casa - foi o grande reinaugurador da Escola e emprestou o nome à avenida que liga a cidade à ESALQ. Aos 86 anos, foi paraninfo da turma de 1940. Morreu em 20/3/1947, em sua fazenda, em São Carlos (SP).
27. 1912-1916 - com o médico e secretário de Agricultura Paulo de Moraes Barros, as instalações e dependências foram ampliadas e o ensino reformado, com a criação das cátedras, hoje departamentos. Mereceu o epitáfio "Lavrou e amou a terra".
28. 1927-1946 - em todos os momentos em que exerceu funções públicas, como secretário de Agricultura de São Paulo (1927), ministro de Agricultura (1937) e interventor no estado (1945), o esalqueano Fernando Costa (turma de 1907) expandiu a ESALQ (a denominação atual vem de 1931), além de outras notáveis contribuições para São Paulo e o Brasil: apoio à USP, criação da Escola Nacional de Agronomia, Instituto Biológico e do parque que leva seu nome, em São Paulo. Boa parte das grandes obras feitas na ESALQ em seu tempo foi financiada com recursos do confisco cambial nas exportações de café. Morreu de acidente, em 21/1/1946, aos 61 anos.
29. 12/6/1964 - 66 anos após sua morte, os restos de Luiz de Queiroz e de Ermelinda (falecida em 7/5/1936) são enterrados no mausoléu projetado pelo professor Archimedes Dutra e construído em frente ao prédio principal. Finalmente, o criador ficava perto de sua obra.
30. 3/6/2001 - comemorado o 1º Centenário da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz".



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As referências históricas contidas nos poemas e na cronologia dos fatos relacionados a Luiz de Queiroz e à ESALQ foram colhidas nas seguintes obras, em ordem cronológica:

Ripoli, R. I. *Quarenta anos de glórias - A vida esportiva dos estudantes da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*. 1943.

Kiehl, Edmar José. *Contribuição para o estudo biográfico de Luiz Vicente de Souza Queiroz e o histórico do renomado estabelecimento de ensino*. ESALQ, 1951.

\_\_\_\_\_. Vida e obra de Luiz de Queiroz. Trabalho vencedor na I Maratona Cultural "Prudente de Moraes", separata do Diário de Piracicaba, 12/6/1964 (data da trasladação dos restos mortais de Luiz de Queiroz e de sua esposa para Piracicaba).

\_\_\_\_\_. Vida e obra de Luiz de Queiroz. In *ESALQ - 75 anos a serviço da Pátria*. ESALQ, 1976.

Cabral de Vasconcelos, Philippe Westin. Paulo de Moraes Barros. In *ESALQ - 75 anos a serviço da Pátria*. cit.

\_\_\_\_\_. Carlos José de Arruda Botelho. In *ESALQ - 75 anos a serviço da Pátria*. cit.

Di Paravicini Torres, Alcides. A *ESALQ* de Fernando Costa. In *ESALQ - 75 anos a serviço da Pátria*. cit.

Godinho, J. P. *Luiz de Queiroz, o sonho concreto*. *ESALQ*, 1992.

Peres Romero, José (coord.). *A pré-história da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*. Agronômica Ceres, 1992.

Elias Netto, Cecílio. *Memorial de Piracicaba século XX*. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Jornal de Piracicaba e Universidade Metodista de Piracicaba, 2000.

\_\_\_\_\_. *Arco, Tarco e Verva* (As delícias do refinado dialeto piracicabano), 3ª edição. PEC, 1988.

Histórico da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. In *Um olhar entre o passado e o futuro*. *ESALQ*, 2001. (Livro comemorativo do centenário da *ESALQ*.)

*Revista ADEALQ*, vários números.



## **SOBRE ROBERTO RODRIGUES**

Roberto Rodrigues tem forte vinculação com a ESALQ: formado em 1965, na famosa Turma de Ouro, casou-se com Eloísa Helena, também agrônoma. De seus quatro filhos, os dois varões são agrônomos, Paulo e Rodrigo. Seu pai, Antonio José Rodrigues Filho era, como todos os já citados, formado pela ESALQ, e tinha um irmão e o marido de uma irmã como colegas. Sua mãe, Sofia Rossetti, tinha três irmãos, Sérgio, Paulo e Victoria Rossetti, todos agrônomos esalqueanos.

Roberto tem ainda quatro primos diretos - Arnaldo Rodrigues, Luiz Carlos C. Carvalho, Marcelo Rodrigues Correia e Tomás Rodrigues Rossetti - e outros cinco por afinidade - Rubens A. Dias, Pêrsio C. Junqueira, Oscar Figueiredo Filho, Francisco M. Junqueira e Valdomiro T. Lessa - esalqueanos, assim como um sobrinho, Tiago. Sua única irmã, Anita, é casada com o agrônomo Hilton Fagundes e tem dois filhos, Gustavo e André, idem.

Roberto é membro do Conselho de Administração da FEALQ, do Conselho Consultivo da ADEALQ e da Comissão do Centenário da ESALQ.

Sua carreira tem três vertentes: uma acadêmica, outra ligada à agricultura e uma terceira voltada ao cooperativismo.

Na primeira, a acadêmica, é professor da UNESP, onde foi galardeado

com o título de doutor *honoris causa* em 1999. É ainda membro do Conselho do PENSA-USP, da Fundação Bunge, do CONCITE (Conselho de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo), do Fórum IEDI (Instituto de Estudos para Desenvolvimento Industrial). Já participou do Conselho da EAESP-FGV, do Conselho da IAMA (International Agribusiness and Food Management Association), da WWF (World Wildlife Foundation) e da FBDS (Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável), e foi vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo, entre outras organizações de estudos. Hoje é membro do Conselho Superior de Economia da FIESP.

Líder cooperativista, é hoje o presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), com sede em Genebra, Suíça, entidade centenária que congrega centenas de organizações nacionais de cooperativas de uma centena de países, cujos associados individuais chegam a 800 milhões de pessoas em todo o planeta. Essa função o levou a conhecer mais de 80 países em todos os continentes.

Antes disso, porém, foi presidente da Cooperativa de Plantadores de Cana de Guariba, nos anos 70, onde fundou e presidiu uma cooperativa de crédito. Foi diretor executivo da OCESP, presidente da OCB por dois mandatos (1985 a 1991), com forte participação nos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, como coordenador da Frente Ampla da Agropecuária Brasileira. Foi vice-presidente da OCA - Organização das Cooperativas da América -, presidente da Organização Internacional de Cooperativas Agrícolas e presidente da ACI para o continente americano. Tem diplomas e medalhas de mérito cooperativista de muitos países, da própria OCA, de diversos estados brasileiros e de setores específicos da cooperação. Recebeu a Medalha Albin Johnson da Suécia, por seu trabalho em favor da democracia e da paz no mundo. Criou e foi presidente da Eximcoop, uma *trading* de cooperativas. Presidiu o COPAC - Comitê para a Promoção e Desenvolvimento das Cooperativas, entidade composta pela ACI, FIPA, ONU, OIT e FAO, e esteve sempre na origem da criação dos Bancos Cooperativos do Brasil.

Como agricultor em São Paulo e no Maranhão, orientou seu trabalho sempre sobre o tripé tecnologia, recursos humanos e meio ambiente, recebendo inúmeros prêmios pelos três aspectos. Foi diretor dos sindicatos rurais de Guariba e Jaboticabal, presidente da Sociedade Rural Brasileira, vice-presidente da Sociedade Nacional da Agricultura e pertenceu a conselhos de várias entidades do setor. Representou o setor rural em importantes conselhos da República, como o CNPA (Conselho Na-

cional de Política Agrícola), o CCRA (Conselho de Crédito Rural e Agroindustrial), o Concex (Conselho Nacional de Comércio Exterior), o CEC (Comitê Empresarial de Competitividade) e o CMN (Conselho Monetário Nacional). Hoje é membro do Consagro (Conselho Brasileiro do Agronegócio), do Conselho Empresarial do Itamaraty e vice-presidente do Conselho de Empresários da América Latina - CEAL. Foi Secretário da Agricultura do estado de São Paulo e, no período, criou a Agrishow e presidiu o Fórum Nacional da Agricultura. Atualmente, é presidente da ABAG (Associação Brasileira de Agribusiness) e da Ceres Consultoria S.C. Ltda.

Foi eleito pelos leitores do jornal *Gazeta Mercantil* nos últimos 15 anos como líder rural de nível nacional.

Tem dois livros publicados, foi co-autor de diversos outros e tem centenas de artigos e trabalhos publicados nas áreas de economia rural, política agrícola e cooperativismo.

Coordenou o capítulo empresarial do Fórum Nacional da Agricultura que em 1998 apresentou ao governo brasileiro as *Dez Bandeiras do Agronegócio*.



## **SOBRE IVAN WEDEKIN**

Ivan Wedekin nasceu em Buritama (SP), em 13/11/53 e viveu na pequena cidade de Turiúba (SP) até os 15 anos. É o mais novo formando da Turma de 74. Antes da propalada globalização, participou da primeira grande "fusão agrícola", quando duas repúblicas formaram a Kukumká. Foi o caixa permanente e o negociador da dívida externa da república, principalmente com o seu Zé, dono do depósito da Antártica, principal fornecedor das festas etílico-culturais que fizeram fama em Piracicaba. Ganhou medalha de prata em Torneio de Truco Inter-Repúblicas e notabilizou-se como organizador das assembléias cachetíferas da Kukumká, cuidando da convocação, atas e registros dos melhores momentos do carteadado.

Fez curso de pós-graduação em Desenvolvimento Agrícola pela Fundação Getúlio Vargas (1979-80) e especialização em *agribusiness* na Universidade de Harvard, entre 1987 e 1994.

Sua carreira profissional começou no Banco Bandeirantes. Em abril de 1975, na Fundação Getúlio Vargas (RJ), fez parte da equipe pioneira na preparação dos estudos de custos para subsidiar o governo na fixação dos preços da cana, do açúcar e do álcool. Em 1977, transferiu-se

para o Grupo de Informação Agrícola da FGV, que editava a *Agroanalysis*, revista que criou um novo padrão de análise dos mercados e das políticas agrícolas no Brasil. Na metade de 1981, assumiu a diretoria executiva da Sociedade Rural Brasileira.

Em fevereiro de 1984 incorporou-se à Agroceres, onde atuou seis anos como assessor econômico da presidência e diretor de planejamento estratégico, e outros seis anos no comando da diretoria comercial. Foi presidente (1995-96) e vice-presidente (1991-94) da Associação Paulista dos Produtores de Sementes e Mudanças e conselheiro da Abrasem - Associação Brasileira dos Produtores de Sementes (1994-97).

Na Agroceres, fez parte de um grupo que introduziu o conceito de *agribusiness* no Brasil. Foi autor do primeiro livro publicado no Brasil sobre a matéria *Complexo agroindustrial - o agribusiness brasileiro* (1989). Além de cerca de 300 palestras no Brasil e no exterior e de inúmeros artigos e estudos publicados em revistas, boletins e jornais, participou dos seguintes livros: *Segurança alimentar - uma abordagem de agribusiness* (ABAG, 1993); *Estudos de casos no agribusiness* (Pensa/USP, 1993); *Sistema de distribuição de alimentos - o impacto das novas tecnologias* (Rausp, 1995) e *Reestruturação no agribusiness brasileiro - agronegócios no terceiro milênio* (ABAG-FGV, 1999). No âmbito do Fórum Nacional da Agricultura, foi redator do documento final contendo as *Dez Bandeiras do Agronegócio*, apresentado ao governo brasileiro em 1998.

Atualmente é sócio-diretor da RC.W Consultores ([www.rcwconsultores.com.br](http://www.rcwconsultores.com.br)), editor da revista *Agroanalysis*, coordenador de cursos de pós-graduação em gestão em *agribusiness* da Fundação Getúlio Vargas, diretor do Instituto de Estudos da Associação Brasileira de Agribusiness (ABAG) e professor convidado do Pensa - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, da Faculdade de Economia e Administração (FEA/USP).

Como *hobby* poético, publicou *Trilogia* (Hébanos Editora, 1980), teve poemas editados na *Antologia poética 2000* (Shan Editores) e escreveu *Tributo a Ceres, à ESALQ e à Turma de 74*, roteiro do filme que realizou para celebrar os 25 anos de sua turma, da qual foi orador, na solenidade oficial da Semana Luiz de Queiroz de 1999.

Ivan Wedekin vive em São Paulo (SP) e tem dois filhos: Daniel (30/3/83) e Mariana (30/3/87).

A B C D E F  
G H I J K L M  
N O P Q R  
S T U V X Z



**IVAN WECKIN** fez um mergulho poético na vida de Luiz de Queiroz, na geografia da ESALQ e de Piracicaba e, sobretudo, registrou dimensões humanas atemporais, válidas para todas as gerações de esalqueanos. Os poemas recriam a dimensão histórica, ora explodem em viagens metafóricas, ora colam-se atentamente ao mundo real. Vistos em seu conjunto, são marcas profundas, impressões digitais da mais longa homenagem em versos já produzida sobre a ESALQ e sua perenidade.

agrocerec.

CANAL **RURAL**

Este livro celebra o 1º Centenário da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Ivan Wedekin e Roberto Rodrigues construíram em verso e prosa um universo de registros da ambiência que marcou a vida de tantos quantos passaram ou foram influenciados pela Escola. Desde o sonho de seu fundador, a ESALQ é experiência para esquecer jamais. A riqueza vivencial refletida pelos autores em torno de um abecedário resulta em encantamento, emoção, alegria, realidade, tristeza, momentos hilariantes e um profundo sentimento de amor pela ESALQ.

